Diário de Lisboa

ANO .61.° N.° 20 794
Março 1982
Sábado
15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

6

África do Sul prepara "governo" da Unita para o Sul de Angola

A instalação de um governo da UNITA no Sul de Angola está a ser preparada, para antes do Verão, pela África do Sul, apurou o «DL» junto de meios diplomáticos, estando os respectivos planos militares e propagandísticos em adiantada fase de execução. Militares sul-africanos tornaram já operacional o aeroporto de Ionde, no Cunene, para onde transferiram combustível e material de guerra «suficiente para armar três mil homen». Os sul-africanos pretendem ocupar a maior parte do território de Moçâmedes com a «assessoria» de cerca de 400 militares norte-americanos, israelitas e euro-ocidentais. Atentados contra a vida dos mais destacados dirigentes angolanos estão também previstos, como forma de «preparar» a opinião pública para o que irá acontecer. Na última visita de Savimbi a Washington foi acordado entre este, os EUA e a África do Sul, o lançamento, a partir da segunda quinzena de Março, de um amplo plano de propaganda contra a RPA. Na mesma visita foram transmitidas a Jonas Savimbi as «grandes esperanças» de Reagan na vitória final da UNITA.

Pág. 24

Congresso decisivo para ASDI

A ASDI iniciou esta manhã o seu primeiro Congresso depois de em 1979 ter sido fundada por dissidentes do PSD. Esta reunião tem à partida a importância de nela se apresentar a hipótese de realização de um congresso federador da esquerda e do centro-esquerda, sob a égide do PS, que naturalmente marcaria o fim da ASDI como espaço partidário autónomo.

Magalhães Mota deverá ser eleito amanhã o primeiro secretário-geral da ASDI.

Pág. 5

Eis a primeira imagem do solo de Vénus distribuída a partir de material enviado pela Venera-14 soviética. A temperatura ambiente é de cerca de 465 graus centígrados e a sonda não deveria, em princípio, sobreviver a esta «prova de fogo» mais de uma hora, depois de ter cumprido a sua missão. **Pág. 15**

Em Vénus: atenção, o chão queima!

PSD tem projecto sobre o aborto

Enquanto 65 (dos 82) deputados sociais-democratas subscreveram uma carta ao Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, pedindo um debate sobre a legalização do aborto, o PSD tem já pronto um projecto de lei em alternativa ao do Partido Comunista. Helena Roseta foi a grande **alma** de toda a movimentação e desbloqueamento desta questão no PSD. O projecto, já concluído, é de autoria do deputado e médico, Jaime Ramos. Com esta posição, fica completamente desmentido o comunicado apressado (Balsemão ia ter uma audiência com o Papa) da Comissão Política Nacional do PSD. Nesse texto, a Comissão Política anunciava o **voto de rejeição,** no Parlamento, ao projecto de legalização do aborto. E concluía: **Portugal, que foi o primeiro País a abolir a pena de morte, não vai agora negar o direito à vida.** Com esta argumentação, o PSD pretendia **alinhar** com as posições da Igreja e do CDS. No entanto, no próprio CDS as posições não são de unanimidade.

Pág. 5

Congresso dos Escritores aprovou "carta reivindicativa"

Um jantar-convívio reuniu os participantes no II Congresso dos Escritores Portugueses, que ontem terminou na Fundação Gulbenkian com a aprovação de uma Carta Reivindicativa e diversas moções de teor ético e socioprofissional. Na foto, uma das mesas, com (da esquerda para direita) a filha de Agostinho Neto, Dinah Silveira de Queiroz, Carlos Eurico da Costa (presidente da Comissão Executiva do Congresso), Manuela Eanes, Urbano Tavares Rodrigues (presidente da Direcção da APE), Maria Eugénia Neto, o director do Instituto de Cultura Portuguesa, Manuela de Azevedo e Ligia Fagundes Teles. À esquerda (de pé e de branco) M.aria Lúcia Lepecki.

Págs. 12 e 13

Manifestações de hoje acentuam objectivos da greve geral

Pág. 10

Caso chegue hoje ao Autódromo do Estoril, às 23 horas, em 1.° lugar, a francesa Michèle Mouton será a primeira mulher a triunfar em duas competições do Campeonato do Mundo de Rallyes

Salvo acidente

Michèle já ganhou

DL no Rallye de Portugal CAMPEONATO DO MUNDO WORLD CHAMPIONSHIP CHAMPIONNAT DU MONDE com

GRUNDIG

e

Manuel Rafael, Lda.

Serviço Exclusivo — Le Monde — Diário de Lisboa

A infracção de um tabu

O presidente da República francesa conseguirá persuadir Begin de que tanto em política como fora dela, o erro fundamental está em confundir a palha das palavras como a semente das coisas? Em parte alguma o seu afastamento é maior do que nessas terras de sol entre o Mediterrâneo e o Jordão, entre Eilat e o Golã. Dizer aos povos que aí se afrontam uma verdade que todos têm no fundo de si próprios, não bastaria para restabelecer a paz entre eles. Mas poderia abrir o único caminho susceptível de os conduzir a essa paz.

Maurice Duverger

A maioria dos Palestinianos sabem muito bem que têm que coexistir com o Estado de Israel. Os dirigentes da O.L.P. reconhecem-no em privado. Recusam-se, porém, a modificar publicamente o texto da sua Carta de 1964, que prevê a destruição desse Estado, oferecendo unicamente aos judeus um lugar num conjunto laico e democrático dominado pelos Árabes.

Os dirigentes israelitas mostram a mesma intransigência verbal perante a perspectiva de coexistência com um Estado palestiniano, à excepção de baptizar assim a Jordânia, o que não é sério.

Neste ponto, o partido trabalhista não ousa demarcar-se da direita no poder. Nenhum deles ignora que essa posição é totalmente irrealista. Justificada pela geografia, é destruida pela demografia.

Quadrilatero tão homogéneo como o nosso hexágono, o Grande Israel é decerto mais lógico e defensável do que a estranha figura delimitada pelas fronteiras de antes de 1967. Não é verdade que ela desenha uma espécie de balança cujos braços, junto ao mar, só tem 16 quilometros de largura no seu ponto mais estreito?

Mas Israel só tem 500 000 árabes neste território de formas bizarras, para 3 700 000 habitantes, o que forma uma população bastante homogenea. As regiões ocupadas encerram, pelo contrário, mais de um milhão de árabes para muito poucos judeus, apesar do desenvolvimento das implantações. Como podia o conjunto formar uma nação sólida, com um terço de árabes irredentistas cuja natalidade é mais forte do que a dos outros terços? Continuar nessa via seria condenar Israel a ser um dia um Estado de maioria árabe.

Com a incorporação do Golã e a ameaça ao sul do Líbano, Begin pratica uma fuga para a frente na qual, os seus compatriotas sentem, mesmo inconscientemente, um maior ou menor irrealismo. Há poucas possibilidades de que François Mitterrand possa convencer um tal obstinado. Mas este poderia impedir as consequências de uma potitica árabe que substituisse a palha pela semente?

Mitterrand chega a Israel (aeroporto de Ben Gurion) onde foi recebido pelo presidente Yitzhak e pelo primeiro ministro Menahen Begin

Yasser Arafat lamenta a viagem do presidente da República francesa, viagem essa que o irmão do rei Khaleb espera que tenha resultados positivos, para todos os países. Quando se decidirá o chefe da O.L.P. a dizer publicamente, claramente, o que manda dizer em voz baixa, o que o príncipe Fahd tentou sugerir em palavras discretas: que os Palestinianos estão dispostos a reconhecer o Estado judeu e as suas fronteiras e a viver em paz com ele, se esse Estado aceitar que a Cisjordania se torne um Estado palestiniano? Uma tal declaração impressionaria os israelitas, oferecendo-lhes uma saída que, muitos deles o sabem, é a única.

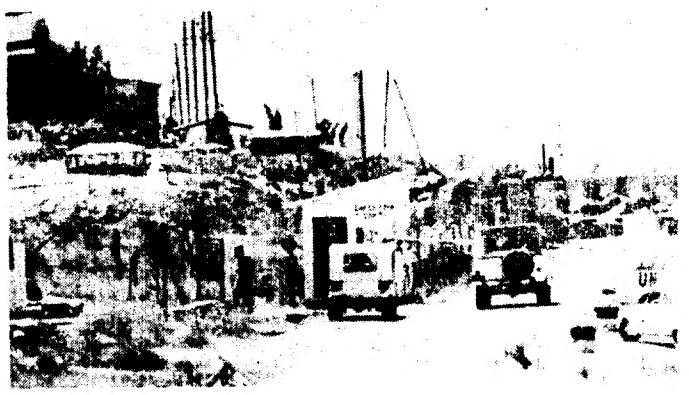
Como ficar insensível ao destino deste povo quando se tomou consciência da sua obra ao percorrer as estradas de Tel-Aviv a Hadera, de Haifa a Tiberiade, de Ashod a Beersheva, de Massada ao Museu da Diáspora, e voltando interessantemente à Cidade sagrada onde se acotovelam e se ignoram, os fiéis das três grandes religiões monoteistas? Como não se ficar impressionado com a aventura de uma nação que os seus habitantes formaram voluntariamente, eles ou os pais, com o regresso a uma pátria perdida há séculos, sempre sonhada e agora reconstruida? Como ignorar a necessidade de segurança de homens e mulheres que regressaram à sua terra ancestral para encontrar finalmente um país onde já não há ameaças de holocausto? Como não compreendera sua inquietação perante a perspectiva de co-habitar com um vizinho árabe que ainda não reconhece o seu direito a formar um Estado?

A força de Mitterrand é poder ao mesmo tempo afirmar-se como um amigo de Israel e pronunciar as palavras «Estado palestiniano» durante a sua campanha eleitoral. Irá ele infringir um tabu repetindo-as diante de Knesset? De qualquer modo não haverá paz entre israelitas e palestinianos enquanto eles não admitirem que uns e outros têm o mesmo direito a formar um Estado nos seus territórios históricos, e enquanto não lhes for assegurada uma coexistência pacífica das duas nações.

Para que ela exista, seria necessário que a futura fronteira israelo-palestiniana se tornasse um dos santuários invisiveis em que todos sabem que ninguém pode tocar. O melhor meio de conseguir não seria instalar nos pontos estratégicos um conjunto de tropas ocidentais, que não formariam contingentes simbólicos como os da ONU, colocados no sul do Líbano, mas que seriam considerados uma vanguarda semelhante às forças americanas na Alemanha?

Nota: este artigo foi redigido antes da deslocação de Mitterrand a Israel, embora na previsão de que o presidente francês faria, a propósito da questão Palestiniana, as declarações que fez.

Yasser Arafat lamentou a viagem do presidente francês



Montes Golã depois da anexação israelita

Leia

PORTUGAL presscope

a nova revista internacional do homem de negócios

COMO EXPORTAR
COMÉRCIO • INDUSTRIA • ECONOMIA
EMIGRAÇÃO • JUVENTUDE
ACTUALIDADE NACIONAL E INTERNACIONAL
RELAÇÕES COMERCIAIS C/ PAÍSES ÁRABES

ASSINE • ANUNCIE

Telefs. 37 15 78-36 70 97
Praça da Figueira, 18, 4.º Dt.º, Lisboa

Política Científica e Tecnológica

Lucas Pires passa da metáfora à improvisação legislativa

Confirmaram-se as apreensões da comunidade científica, expostas neste jornal em artigo de há semanas de um nosso colaborador. Na realidade, legislação recentemente publicada no Diário da República cria um Conselho Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (CNICT), extinguido o Conselho Geral e a Comissão Executiva da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

O novo órgão apresenta várias originalidades, merecedoras de uma reflexão cuidada. Diz o preâmbulo do Decreto-Lei que «a criação de um Ministério da Cultura e Coordenação Científica (MCCC) determina por si só a necessidade de oportunidade de estruturar correctamente e em novos moldes o processo de definição e coordenação da política científica nacional». Sabe-se, porém, como surgem, frequentemente, os novos ministérios (e parece ter sido este o caso do MCCC): apressadamente, nas vésperas do prazo limite para apresentação da proposta de um governo ao Presidente da República, e em função dos «militantes partidários» que se quer premiar por serviços prestados, atribuindo-lhes uma pasta ministerial... Será então o facto de haver um novo ministério que determina a necessidade e a oportunidade de medidas legislativas para o sector? Não será antes a consideração das exigências de fundo em matéria de coordenação das actividades de investigação científica que deveria determinar a estrutura institucional para o sector?

Uma segunda originalidade e, porventura, a mais preocupante, é o aparecimento de um vice-presidente a tempo completo para o novo Conselho (o presidente é o ministro da Cultura e Coordenação Científica e não, como pareceria óbvio e correcto, em relação ao futuro, o ministro responsável pela coordenação científica), sem funções ou competências (políticas, técnicas) bem definidas. Esta figura híbrida entre membro do Governo e director-geral, é na realidade muito estranha na Administração Pública portuguesa. Será que o actual Governo pretende quedar-se **ad eternum** no controle da Administração por intermédio de «comissários políticos» encapotados?

Uma terceira originalidade é a da extinção do Conselho Geral de uma Junta, neste caso a JNICT, sem que este seja substituido por qualquer outro instrumento colectivo de decisão interna. Recorde-se que no Conselho Geral da JNICT tinham assento representantes dos ministros tutelantes de ministérios com actividades de investigação e desenvolvimento (I&D), os presidentes das comissões temáticas interministeriais para as actividades de I & D e personalidades representativas do sector produtivo e da comunidade científica. Este Conselho Geral era o órgão deliberativo interno da JNICT e o órgão compatibilizador, a nível técnico, do sector de I & D. Será que iremos observar, de seguida, a extinção dos Conselhos Gerais do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industriais (LNETI), Laboratório Nacional de Investigação Científica Tropical (LNICT), Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), Instituto Nacional de Investigação Agrária (INIA) e do Instituto Nacional de Investigação das Pescas (INIP)?.

Em resumo, não se dando por contente com as metáforas fáceis, o actual ministro da Cultura e Coordenação Científica começou também a legislar, revelando-se, porém, menos dotado para esta última função. Como resultado do diploma agora promulgado, o MCCC coordenará um Conselho coordenador (CNICT) e um órgão coordenador (JNICT). Será este o tipo de coordenação científica de que o País necessita? Coordenar o quê e com que fim? Como será possível ao ministro da Coordenação Científica coordenar o sector sem coordenar os órgãos de execução e de financiamento e os seus orçamentos?

A última originalidade de todo este processo veio da boca do primeiro-ministro, na sua intervenção no debate da moção de censura apresentada pelo Partido Socialista. O dr. Balsemão mostrou-se orgulhoso com a visão demonstrada pelo seu jovem ministro do CDS, ao afirmar que pela primeira vez em Portugal tinham sido tomadas medidas correctas e de grande alcance, tendo em vista a coordenação das actividades científicas a nível nacional...

M. S. C.

FOLHETIM ARTÍSTICO

Uma exposição dos anos 40 (1)

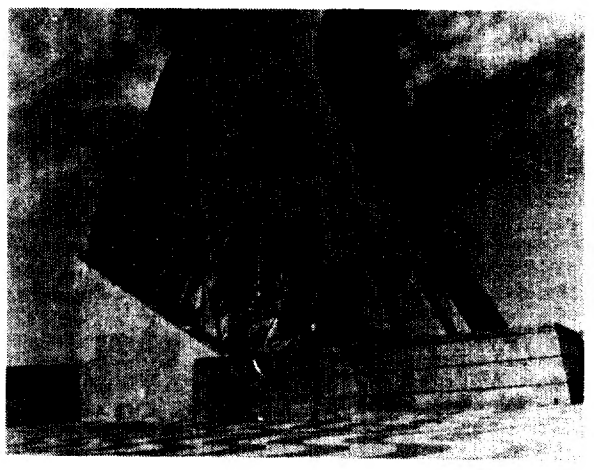
José-Augusto França

Será inaugurada no corrente mês na Fundação Gulbenkian uma exposição d'«Os Anos 40 na Arte Portuguesa» dirigida e realizada por Fernando Azevedo, seu comissário, que dela teve a ideia e cuja programação me coube, ambos trabalhando na sua planificação. Vem a seu tempo tal realização.

Com efeito, as situações gerais e particulares de arte ocidental dos anos de entre as duas guerras e do imediato após-guerra começam a ser estudadas – ainda recentemente na série de exposições parisienses do Centre de Beaubourg, «Les Realismes» 1919-1939, e «Paris-Paris» 1957-1937, em outra (aliás notável) no Museu de Saint-etienne, sobre os anos 30 – anos que, neste momento mesmo, estão postos em questão, no domínio italiano, numa magna exposição milanesa, «Gli Auni Trenta», que são, em cheio, os do fascismo. E também os alemães realizaram, há quatro anos, uma grande exposição itinerante sobre a arte nazi que igualmente corresponde a essa década. Sem falar na atenção que também está a ser prestada aos anos 20 que foram objecto da penúltima exposição do Conselho da Europa, realizada em Berlim. Fui escrevendo, aqui ou algures, sobre a maior parte destas exposições, e sublinhando sempre a sua importância, na fixação, ou recuperação, ou releitura, dos valores que, de 1920 a 1950, se definiram na arte e na cultura do Ocidente.

Coube agora a vez de fazer tal revisão em Portugal, graças à Fundação Gulbenkian, na parte que diz respeito à década de 40 – localizada entre a magna Exposição do Mundo Português e uma pequena exposição de três artistas, Azevedo, Lemos e Vespeira, que em Janeiro de 1952, teve suficiente impacto (e que escândalo foi!) para fazer alterar profundamente o comportamento estético nacional. Um dia será possível fazer o mesmo para os anos 20 – que, aliás, foram programados pelo Fernando Pernes para o nado-morto Museu Nacional de Arte Moderna do Porto.

Bem importantes são os anos 40 na cultura portuguesa, tal como o são, correspondentemente, na vida social do país: começam com o apogeu do Estado Novo verificado na Exposição de 1940 e terminam com a sua irremediável decadência, efeito retardado da derrota dos regimes nazi-fascistas em 45 – decadência que a campanha Norton de Matos verificou no campo político e, na mesma exacta altura de 48-49, o surrealismo no campo artístico e literário já abalados, um e outro, pelo MUD e pelo neo-realismo de 45. A partida de António Ferro do SNI em 50 foi sinal iniludível do fim da «política do espírito», no endurecimento panicado do regime. O «caso» Craveiro Lopes, em 51, tal como a citada exposição surrealista-abstracta de logo a seguir, verificaram a irreversibilidade da situação nacional, por mais pides, censuras e legiões que houvesse, e Santos Costas – e vão ser os anos 50 e 60 de outra história em plano inclinado, ainda mastigadas (e muitas vezes vomitada) durante um lentíssimo quarto de século lusitano.



Os anos 40 portugueses são, assim, extremamente ricos de informação para o entendimento do que a vida portuguesa podia (e poderá) ser, nos seus limites de ideias, artes e polícias: anos de sobressalto, de esperanças e de desilusões, e duma actividade fervorosa de jovens poetas e pintores em várias opções de contestação e liberdade, firmados na definitiva impossibilidade de diálogo que, em 1945, para sempre se verificou no país dividido entre perseguidores e perseguidos.

A notabilísssima máquina de propaganda nacionalista montada, com gosto civilizado, por António Ferro, e a acção simbólica (e simbolizada) de Duarte Pacheco, encontraram-se durante meia dúzia de anos, não sem contradição de meios e fins, entre cantantes citações de Mussolini e admirações da arquitectura do III Reich: sao os primeiros anos da década, até 43 ou 45. Daí em diante, a partida está perdida para o Estado Novo, e só sobreviver podem as artes oficiais, entre elas, mais significativa, a arquitectura – feita para 100 anos, dizia Salazar da acção de Pacheco, quando o Hitler falara de 1000 anos: o regime português, económico como era, contentava-se com 10% do sonho do outro... Em 48, o Congresso dos Arquitectos nem essa percentagem deixou de pé, na sua crítica a política do ministro – e foi-se «à fachada, o que se vê lá de fora» que Salazar desejava, e confessara numa entrevista antiga.

Ao mesmo tempo, ao fim dos anos 40, foi despedido Ferro a quem os «modernistas» não mantiveram a fidelidade que ele garantira a Salazar, o que deu razão ao serem todos eles «comunistas», como denunciavam Galvões e Maltas; e foi despedida a lembrança fantomática de Pacheco – cuja «Capital do Império» já não era imagem possível nem (sequer!) necessária. O tempo ia chegar, do Ferreira Dias das estruturas básicas, e, com ele, pondo-se um medíocre no SNI, deixou de impor o crédito das artes e das letras domesticadas.

No meio destas desgraças oficiais, movimentos de criação definiam-se com uma nova geração de artistas e intelectuais então mesmo aparecidos, a «terceira geração» que os deve numerar, entre neo-realistas, surrealistas, abstractos, poetas do «Novo Cancioneiro» e dos Cadernos de Poesia», o aparecimento de Jorge de Sena, as obras completas de Pessoa e Sá Carneiro, na Ática, dois ou três grandes romances independentes, como o «Mau Tempo no Canal» do Nemésio, o primeiro «Diário» do Torga – e os frescos do Almada, na Gare Marítima da Rocha, respondendo aos painéis de S. Vicente-da-nossa-Perdição .. E também o «Aniki-Bobó», entre pátios e cantigas.

...Será, sem dúvida, na consciência objectiva dos valores mentais e morais em jogo, uma exposição útil, e tanto mais útil quanto mais discutida for – também no colóquio genérico sobre a década de 40 que completará a exibição de suas artes e algumas letras, com a necessária reflexão.

Jesuítas continuam sem Superior: a escolha foi adiada para 1983

Saldou-se por uma relativa desilusão das expectativas que estava a provocar a reunião dos 57 provinciais e 26 superiores da Companhia de Jesus que se realizou durante toda a semana passada num retiro situado em Frascatti, nas proximidades de Roma. Pensava-se que da reunião sairia a escolha do novo superior dos Jesuítas. Mas a escolha ficou adiada para 1983. Entretanto, a Companhia continua a ser superiormente dirigida por João Paulo II, em vez do padre Arrupe, que se encontra incapacitado.

A reunião destinava-se a isto, antes de mais: comunicar à Companhia, por intermédio dos provinciais, os desejos de Sua Santidade a seu respeito, e estudar a maneira de os pôr em prática. O principal desejo do Papa é que os 26 662 jesuítas activos no mundo sejam «exemplares». Foi isso pelo menos o que ele disse no início do seu pontificado em Setembro de 1979: «A crise que nestes últimos anos perturbou e perturba ainda a vida religiosa não poupou a vossa companhia».

A sucessão do padre Pedro Arrupe, encarregado-geral da Companhia, permitiu «furar o abcesso» já denunciado pelos seus dois predecessores, Paulo VI e João Paulo I.

Em Agosto de 80, sabe-se em Roma que o padre Arrupe tinha iniciado o processo de convocação duma congregação da Ordem, única habilitada, segundo os termos estatutários, a escolher o seu sucessor. O Papa bloqueou esta iniciativa para estudar o «dossier», mais em pormenor, mas o atentado de 13 de Maio de 81 impediu-o. Mais grave ou impeditivo do que isso, em 7 de Agosto seguinte, o padre Arrupe foi atingido por uma trombose coronária. Respeitando os estatutos da companhia, João Paulo II, em vez de procurar um sucessor, nomeou para o substituir um delegado pessoal na pessoa do padre Paolo Dezza, enquanto aguardava a convocação duma congregação geral.

O padre Dezza tem 80 anos, e teve de ser nomeado um adjunto: foi este o padre Giuseppe Pittau, de 53 anos, que era reitor da Universidade Sofia, de Tóquio.

Desde que a Companhia de Jesus existe – e foi fundada em 1934 – foi esta a primeira vez que um Papa interferiu na vida da Companhia, e logo tão directamente.

Logo na altura fizeram-se sentir reacções de «pesar», por exemplo, por parte dos jesuítas alemães, ou de «perplexidade», por parte dos franceses e dos canadianos. Mas João Paulo II não se deixou impressionar.

No sábadoà tarde, já a reunião tinha terminado, o Papa recebeu os participantes e disse-lhes o que ele próprio e a Igreja pensam que há a esperar da Companhia, «para o presente e para o futuro»: uma contribuição eficaz para a aplicação do Concílio Vaticano II, segundo as tradições «múltiplas e variadas», e o dinamismo que «o tornou capaz de apreender os sinais dos tempos, e, desse modo, estar na vanguarda da renovação pretenddida pela Igreja».

Renovação – que renovação? João Paulo II pretende que ela seja feita no respeito pela obediência: «ajudar o Papa e o Colégio Apostólico a fazer avançar toda a Igreja no grande caminho traçado pelo Concílio, e a convencer os que são, infelizmente, tentados pelos caminhos quer do progressismo quer do integrismo, a regressar com humildade e alegria à comunhão sem sombras com os seus pastores e os seus irmãos que sofrem com as suas atitudes e a sua ausência».

Em conta do voto de obediência ao Papa que todo o jesuíta deve fazer antes de ingressar na Companhia, João Paulo II acrescenta: «A Igreja espera pois, que, em primeiro lugar, vos adapteis às diferentes formas de apostolado tradicional que mantêm ainda hoje todo o seu valor» para as actividades evangelizadoras.

Entre essas actividades, o Papa destaca «a necessidade de promover a justiça», sem esquecer (numa chamada de atenção às comunidades jesuítas da América do Sul e da América Central) «que a necessária preocupação para a justiça deve exercer-se em conformidade com a vossa vocação de religiosos e de padres».

E lembra também Sua Santidade que «o serviço pastoral é essencialmente espiritual».

«Talvez o nosso apostolado se tenha orientado nestes últimos anos para posições mais temporais» – reconhecia um jesuíta no final da reunião de Frescati. E acrescentou que este apostolado deveria ter afirmado nitidamente a sua identidade religiosa».

Na última parte do seu longo discurso (em espanhol) que pronunciou no sábado, o Papa lembrou aos participantes na reunião que as condições exigidas para a convocação duma congregação geral da Companhia de Jesus poderiam apresentar-se reunidas antes do fim do ano corrente. Todavia, há formalidades que vão demorar pelo menos uns oito meses. Daí que a eleição normal do sucessor de Arrupe não possa ocorrer antes de 1983.

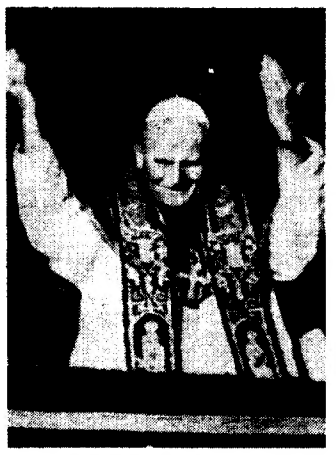
ponto a ponto

Celebra-se na segunda-feira, 8 de Março, o **Dia Internacional da Mulher.** Cento e vinte e cinco anos depois do assassinato de um grupo de operárias de Chicago, o MSM afirma ser este 8 de Março «uma bandeira de luta contra a corrida aos armamentos nucleares, contra a intensificação de novas armas destrutivas, contra a ameaça de destruição total e massiva que paira sobre a humanidade».

André Gonçalves Pereira, ministro dos Negócios Estrangeiros, efectuará, de 9 a 11 do corrente, uma visita oficial à República Popular de Angola, a primeira que um ministro desta pasta efectua desde que a independência foi proclamada, em Novembro de 1975. A visita realiza-se a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros angolano, Paulo Teixeira Jorge. Gonçalves Pereira sairá directamente do Brasil, onde se encontra, para a capital angolana.

Durante a sua estadia em Luanda, o ministro português manterá conversações com o seu homólogo angolano, Paulo Jorge; com o ministro angolano das Finanças, Ismael Martins, com o ministro do Plano e do Comércio, Lopo do Nascimento e com o secretário de Estado para a cooperação, Paulino Pinto João. Gonçalves Pereira será ainda recebido, em audiência, pelo presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

● Regressou ontem à noite, a Lisboa, o dirigente comunista **Octávio Pato**, depois de uma visita de três dias aos Açores. O dirigente do PCP participou, no Faial, numa reunião da Comissão Executiva da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores (DORAA) deste partido. Em comunicado, a DORAA, denuncia a existência de acordos entre a AD e o PS tendentes «à inclusão na futura Constituição de conceitos autonómicos de carácter separatista», acrescentando que estes foram assumidos, no passado fim-de-semana, no colóquio sobre Autonomia e Revisão Constitucional efectuado em Ponta Delgada.



● Pinto Balsemão anunciou, ontem, a formação de um grupo de trabalho para organizar a visita de **João Paulo II** a Portugal. Este grupo integra representantes da Presidência da República, da Conferência Episcopal, Presidência do Conselho de Ministros e Força Aérea, esta foi incluída por estar prevista a deslocação, em helicóptero, do Papa.

O ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes, **Viana Baptista,** foi ontem encarregado, pelo governo, de adoptar as medidas necessárias à revisão do regulamento dos serviços de pilotagem e barras.

Expressamente confidencial

● **Não tem** *confirmação, segundo meios próximos da Presidência do Conselho de Ministros, que o motivo da visita do dr. Francisco Balsemão ao cardeal D. António Ribeiro, Patriarca de Lisboa, tenha sido dar explicações relativamente às opiniões de D. Mercedes Balsemão quanto à despenalização do aborto.*

● **Esta semana** *terão sido reforçados os dispositivos de segurança na Assembleia da República. Constou, efectivamente, que um movimento feminista, não identificado, planeara o rapto do dr. João Morgado, advogado de Lamego e deputado CDS.*

● **Um grupo** *de deputados do PSD, críticos nos corredores de São Bento, do Governo Balsemão, vai promover um encontro com os órgãos de Comunicação Social para esclarecer o sentido do seu voto. Com efeito – dizem – votaram* **contra** *a «moção de censura» socialista e não* **a favor** *do Governo AD.*

● **Não foi possível** *obter informações seguras quanto ao adiantamento e aos resultados dos inquéritos relativos à «tentativa insurreccional» de 12 de Fevereiro. Sabe-se, todavia, que os dados, elementos, factos e suspeitas se têm acumulado e que o eng. Ângelo Correia não conseguiu ainda elaborar um relatório síntese para apresentar ao País. Também o Conselho da Revolução não foi ainda informado.*

● **Vai sair** *uma edição, em língua grega, do livro: «Balsemão: o Retrato». Os editores querem que a sua divulgação preceda a visita a Atenas do Primeiro-Ministro.*

● **O ministro** *da Cultura, dr. Francisco Lucas Pires, prometeu aos escritores que recomendaria aos deputados da maioria AD, que comprassem, pelo menos, um livro por mês. Consta, também, que pensa criar «bolsas» para leitores.*

● **Para esta** *semana não estão previstos «factos políticos novos», embora conste que estão marcados dois almoços da maior importância política. Só não indicamos os restaurantes em que se vão realizar porque esta secção não comporta indicações publicitárias. Mas todos adivinharão que Nuno Rocha irá, num desses almoços, apresentar o seu plano de reorganização do Governo com a criação do Ministério do Turismo.*

● **O acordo** *estabelecido entre o dr. António Almeida Santos e o dr. Francisco de Sousa Tavares, não teve por objecto a revisão constitucional, mas a colaboração do parlamentar socialista no jornal dirigido pelo parlamentar social-democrata. Espera-se a luz verde dos respectivos partidos.*

Gonçalves Pereira no Rio: relações "excelentes"

No plano político, as relações luso-brasileiras são excelentes, e, no plano económico, estão a adquirir a dimensão exigida pelas potencialidades dos dois países – afirmou ontem no Rio de Janeiro o ministro português dos Estrangeiros, Gonçalves Pereira, em conferência de Imprensa dada no último dia da sua visita oficial ao Brasil.

Esta visita alcançou todos os objectivos desejados e representaria o recomeço das reuniões anuais entre os ministros dos Estrangeiros dos dois países, interrompidas desde 1975. Para o ano, o homólogo brasileiro de Gonçalves Pereira, Ramiro Saraiva Guerreiro virá a Portugal.

Nos encontros que houve entre os dois ministros foram tratados principalmente assuntos de interesse partilhado por Portugal e Brasil, mas também os problemas mais candentes na actualidaee política internacional. Falou-se, designadamente, da África Austral, da Polónia, da América Latina. Neste último tocante, Gonçalves Pereira disse que Saraiva Guerreiro lhe deu informações sobre a situação do subcontinente latino-americano.

Das declarações de Gonçalves Pereira feitas no decorrer da conferência de Imprensa dada no Rio ressaltam as que se relacionam com a possibilidade de o Brasil entrar economicamente na CEE e Portugal servir-lhe na concretização desta estratégia.

É compreensível o interesse do Brasil por este assunto, disse o ministro português. Mas a CEE tem as suas próprias normas, e o Brasil terá de tê-las em conta. No entanto, o ingresso de Portugal na Comunidade será um facto importante e as empresas brasileiras terão em Lisboa uma opção importante para a conquista deste mercado. Como? Realizando investimentos em Portugal, associando-se às empresas portuguesas, adiantou Gonçalves Pereira, lembrando ainda que Lisboa está a preparar detalhadamente a sua entrada na CEE para evitar prejuízos na economia portuguesa.

Gonçalves Pereira já se referira a isto em entrevista dada ao «Jornal do Brasil», avançando aí a possibilidade de haver uma eliminação dos direitos aduaneiros e uma substancial diminuição das despesas de transporte dos produtos acabados – na hipótese de empresários brasileiros investirem em Portugal com o sentido na exportação para a Europa da CEE.

Outros temas candentes tratados durante a conferência: África Austral, com incidência em Angola e alargamento aos novos países africanos de língua portuguesa, e a Polónia (aqui para Gonçalves Pereira falar da posição oficial de Lisboa).

O ministro português, que estará em Angola na próxima segunda-feira, em visita oficial, considera esta visita importante, naturalmente. Além do mais, ela prepara a próxima deslocação de Eanes a Luanda, a convite do presidente Eduardo dos Santos.

Gonçalves Pereira afirmou aos jornalistas que o Executivo da AD pretende esvaziar de conteúdo ideológico as relações luso-angolanas. O regime de Luanda está fora de questão. Acrescentou no entanto que Lisboa deseja ver a estabilidade política e o progresso de Angola, mas tem consciência de que os problemas angolanos somente podem ser resolvidos pelos seus cidadãos.

Quanto à situação na África Austral: Portugal não está inactivo – garantiu o ministro. Só que – recordou – há 600 mil portugueses a trabalharem na África do Sul. De qualquer modo: Lisboa condena o «apartheid» e exige que a liberdade da Namíbia se processe dentro dos postulados das Nações Unidas.

Um jornalista quis saber da recente resolução anunciada em Lisboa e Portugal reduzir o seu pessoal diplomático nas suas Embaixadas na Polónia, na RDA e na URSS. Gonçalves Pereira reportou esta decisão do Executivo AD a outra, esta da NATO, considerando que os recentes acontecimentos na Polónia foram provocados por interferência estrangeira, tendo havido violação não apenas dos Direitos Humanos mas também das normas fundamentais do Direito Internacional.

Isto segundo Gonçalves Pereira. Mas o ministro português falou também de um assunto que se prende com a situação internacional, as forças dos blocos, e nomeadamente o bloco ocidental: os Açores e as bases americanas nesta região do Atlântico.

Não existem bases estrangeiras nestas ilhas – disse o ministro. – Existem é bases portuguesas cedidas aos Estados Unidos, sendo a sua utilização regida por acordo firmado em 1979 e que caduca já no próximo ano.

Este acordo vai ser renovado? Provavelmente: o assunto está a ser estudado entre as autoridades dos dois países. As negociações têm em conta, à partida, os princípios exigidos por uma política genérica de defesa do Ocidente – segundo o ministro português.

Governo deu o pontapé de saída para o jogo do bingo

Em plenário ministerial, o Governo decidiu ontem permitir a exploração do jogo do Bingo, mediante certas condições, aos clubes de futebol e à indústria hoteleira.

O pedido de exploração tinha sido feito pelos clube de futebol que assim viam substancialmente diminuídas as dificuldades financeiras em quase sem excepção, se encontram. Contudo esta disposição governamental não os satisfaz, já que a margem de lucro que lhes é concedida não ultrapassa os 10 por cento, quando anteriormente lhes fora garantida por Pinto Balsemão e o secretário de Estado dos Desportos uma margem de lucro da ordem dos 20 por cento. Esta drástica redução deve-se a pressões de Nandim de Carvalho e de sectores do turismo, sob a alegação de que a exploração do bingo iria criar graves problemas aos casinos.

Os grandes clubes preparam uma resposta a esta decisão governamental. Ainda nas decisões do plenário de ministros contam-se a permissão de acesso à pilotagem, no espaço fluvial e marítimo nacional, a outras entidades designadamente às administrações portuárias e administrativas; e a nomeação para vogal do conselho de gerência da ENATUR daquele que foi durante algum tempo o número um da ANOP, Suleiman Valy Mamede.

Governo vai ser interpelado sobre a política do MAI

A Assembleia da República reúne terça-feira de manhã para começar a discussão duma proposta de lei sobre autonomia universitária.

Isto segundo calendário fixado pela última reunião da conferência dos líderes parlamentares.

De acordo com este calendário, quarta-feira, todo o dia, a AR estará ocupada para debater a política do Ministério da Administração Interna, correspondendo assim a uma interpelação da UEDS.

Está em causa o Ministério de Ângelo Correia e a interpelação começará com uma intervenção do deputado César de Oliveira – segundo informação prestada à ANOP por Lopes Cardoso.

Para intervenções na abertura e no encerramento do debate propriamente dito, o governo dispõe de duas horas, a Oposição de três, e a AD de 110 minutos.

O plenário deverá reunir de novo no dia 11 de manhã, tendo como assunto da ordem do dia a lei quadro da criação de novas autarquias.

Governo apoia visita de Eanes a Angola

«Tal como a anterior viagem a Moçambique, a viagem do Presidente da República a Angola é importante e enquadra-se na política externa do governo. Apoiamos essa viagem» – afirmou ontem aos jornalistas o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão à saída da sua habitual reunião de trabalho, às sextas-feiras, com Ramalho Eanes em Belém.

A reunião de ontem durou cerca de três horas e foram abordados aspectos caracterizadores da situação política actual. Falou-se da moção de censura apresentada esta semana no Parlamento pelo PS, derrotada pela maioria. E Balsemão relatou a Eanes as suas recentes deslocações a a Haia e a Roma.

Da agenda constavam outras matérias. Balsemão diria que «foram abordados dois ou três diplomas para os quais vai ser possível encontrar soluções satisfatórias».

Ainda a viagem de Eanes a Angola. Segundo o Primeiro-Ministro, o facto de alguns elementos do seu Executivo acompanharem Ramalho Eanes «revela que as relações entre os dois países estão em franco progresso, o que será de toda a vantagem para os interesses nacionais».

em duas palavras

● CÂMARA DE VALPAÇOS: ACÇÃO JUDICIAL

A presidência e a gerência do antigo Executivo da Câmara Municipal de Valpaços serão objecto de uma investigação judicial «para averiguamento de possíveis fraudes». A acção judicial decorrerá nos próximos dias e destina-se a esclarecer «alegadas fraudes e actos de corrupção que nos últimos anos têm sido apontados à vereação do Sobrinho Morais», segundo Dias Parente, actual presidente do município.

● SANTIAGO DO ESCOURAL TEM NOVOS CCT

Santiago do Escoural (Montemor-0-Novo) tem novas instalações dos CTT. A nova estação, com telégrafo e telefone, pertence à 4.ª classe e está equipada com locutório para serviço telefónico, um painel com 25 apartados e duas posições de balcão. Os novos serviços estão habilitados a prestar serviços de telefones e telégrafos, quer a nível nacional quer regional. Dispõem de posta restante e registos.

● CASTELO BRANCO: IFADAP EMPRESTOU 720 MIL

O Instituto Financeiro de Apoio à Agricultura e Pescas de Castelo Branco emprestou 720 mil contos em 1981 para a agricultura. A verba foi atribuída a 181 788 dos projectos que entraram nos serviços correspondentes à denominada Beira Interior, a qual compreende os distritos da Guarda e Castelo Branco. Os investimentos do IFADAP naquela região da Beira representam um aumento de 300 por cento relativamente a 1980.

COOPERATIVA DE CONSUMO DO POVO DA CRUZ DE PAU

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto na alínea a) do artigo 21.º dos estatutos, convoco a assembleia geral da Cooperativa de Consumo do Povo da Cruz de Pau a reunir em sessão ordinária na sede do Clube Recreativo da Cruz de Pau, Rua Infante D. Augusto, n.º 39, Cruz de Pau, no dia 20 de Março de 1982 pelas 20 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Único — Apreciar e votar o balanço e as contas da Direcção, bem como o parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercício de 1981.

Cruz de Pau e sede social, em 3 de Março de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Manuel da Silva Marquês

ADÓQUE teatro

TELEF. 87 44 76

ABRE HOJE A BILHETEIRA

COM: ★ **A ÚLTIMA REVISTA NO MARTIM MONIZ** ★

HENRIQUE VIANA ● DELFINA CRUZ ● ANTÓNIO MONTEZ ● MAGDA CARDOSO ● ANTÓNIO FEIO ● CREMILDA GIL ● MARIA VIEIRA ● VIEIRA D'ALMEIDA ● CARLOS GUIA

à frente dum elenco cada vez mais jovem!!!

MAGNETROM — Comércio e Indústria de Aparelhagem Eléctrica, SARL

Sede: Rua Fialho de Almeida, n.º 36-A — Lisboa

CONVOCATÓRIA

São convocados os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 30 de Março de 1982, pelas 21.30 horas, nas instalações dos Serviços Admistrativos, Rua Fialho de Almeida, nº. 5 — 2.º Dt.º para:

1. — Apresentação, discussão e deliberação do Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas, referente ao exercício de 1981.
2.º — Apresentação, discussão e deliberação do Relatório do Conselho Fiscal.
3.º — Deliberação sobre as remunerações dos Corpos Gerentes.
4.º — Eleição dos Corpos Administrativos para o triénio 1982 — 1985.

Lisboa, 4 de Março de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Engº. Henrique Fernando Onofre Moreira

Sociais-democratas vão discutir aborto

PSD já tem pronto um projecto em alternativa ao do PCP

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão já recebeu uma carta assinada por 65 deputados do grupo parlamentar do PSD (são 85), pedindo que seja aberto um debate, nas páginas do jornal oficial do partido «Povo Livre» sobre esta questão. Helena Roseta foi a «alma» de toda esta movimentação social-democrata. Ao longo do debate da moção de censura, Helena Roseta ia conseguindo assinaturas. Toda a «primeira fila» – ou seja a direcção do grupo parlamentar – assinou o texto. Nomes como Nuno Rodrigues dos Santos, o homem com mais prestígio no PSD, subscreveu a carta ao Primeiro-Ministro. Diga-se, aliás, que Nuno Rodrigues dos Santos, antes da apresentação do projecto de lei do PCP, e na reunião do grupo parlamentar, defendeu a necessidade de um debate sobre a legalização do aborto. Outras assinaturas: Margarida Salema, Silva Marques, Sousa Tavares, Mário Raposo, Costa Andrade, etc. Todos os deputados, representantes da Juventude Social-Democrata, assinaram o documento. Curiosamente, não assinaram Amândio e Amélia de Azevedo.

Os sociais-democratas têm mesmo já pronto um projecto de lei alternativo ao do Partido Comunista. O seu autor é o deputado – e médico – Jaime Ramos. Diga-se, que Jaime Ramos, quando leu o projecto de lei do PCP sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez, o considerou «moderado».

No texto entregue ao Primeiro-Ministro, os deputados sociais-democratas recordam que do Programa do PSD faz parte a despenalização do aborto.

Desconhece-se ainda quando será agendado, pelo PCP, o debate sobre os três projectos de lei. Tal como há alguns meses previamos, na maioria não havia nem podia haver unanimidade nesta questão. Mesmo no CDS, vamos agora acrescentar. Deputados centristas como Cavaleiro Ferreira, José Manuel Casqueiro ou Morais Leitão não podem ter a mesma opinião de João Morgado ou de João Pulido.

Zita Seabra, ao apresentar em nome do Partido Comunista Português, os três projectos de lei em particular o da legalização do aborto, desencadeou o debate de ideias. E isso divide os partidos da maioria.

Revisão constitucional: debate do PSD em Coimbra

"Socialização desproletarizada"

— *defendeu Mota Pinto*

Os sociais-democratas Costa Andrade, Barbosa de Melo e Mota Pinto tiveram intervenções de fundo num colóquio realizado sexta-feira em Coimbra, na sede do Partido Social-Democrata, sobre a revisão constitucional.

Costa Andrade assinalou as vicissitudes que o problema constitucional vem sofrendo desde 1976, com a tónica alternativamente colocada sobre o plano do poder político ou sobre a organização económica.

Costa Andrade salientou as possibilidades de desdogmatização do texto constitucional e referiu-se à distribuição dos poderes do Conselho da Revolução após a extinção desse órgão de soberania.

Para Barbosa de Melo o problema da revisão constitucional não é o da mudança do texto «mas sim, essencialmente, de mudança do processo político real».

«Do que se deve tratar é de ordenar a política de forma a que o princípio democrático passe a ser a única determinante da vida política» – afirmou.

Segundo Barbosa de Melo o que globalmente se impõe fazer é o que chamou «a desrevolução da Constituição».

A Constituição actual foi caracterizado por Mota Pinto como liberal no aspecto político «embora consagrando uma democracia tutelada», e dogmaticamente socialista, de linguagem marxista, no plano económico, «embora temperada por um certo realismo em muitos pontos».

Mota Pinto defendeu a necessidade da revisão constitucional «com a maior rapidez possível, a fim de ultrapassar bloqueios e superar uma absorção de esforços por esta questão».

«É necessário rever a Constituição para se realizar a democracia plena e para permitir uma política realista e equilibrada que, sob a égide do PSD, deve ser uma política de socialização desproletarizadora» – acentuou.

Mota Pinto aconselhou os sociais-democratas nestes termos: «A atitude a adoptar deve ser a de, sem abdicações, não esquecer que a política é a arte do possível».

Congresso da ASDI começou hoje

● Magalhães Mota, secretário-geral

Com a apresentação do relatório da actividade da ASDI, preparado pelo deputado Magalhães Mota, iniciou-se ao fim da manhã de hoje o I Congresso daquela organização, fundada por deputados dissidentes do PSD em 1979.

O balanço feito pelo líder do partido sobre a sua actividade mais recente é globalmente positivo, com especial realce para a manutenção da ASDI como partido, para a sua actividade parlamentar, para a sua intervenção nas campanhas eleitorais e pelo apoio dado ao general Ramalho Eanes. É também considerada positiva a intervenção da ASDI no processo de revisão constitucional, do combater o referendo proposto pela AD.

Negativa terá sido, segundo Magalhães Mota, o fraco crescimento verificado desde há três anos.

Já no que se refere à campanha eleitoral de Loures, em que a ASDI se apresentou coligada com a UEDS e com o MSD, a opinião de Magalhães Mota é diferente. Foi um momento importante de afirmação de autonomia, face ao PS, embora tenha sido um fracasso eleitoral. Esta posição não é partilhada por outros dirigentes da ASDI, nomeadamente por António Rebelo de Sousa, subscritor de uma das moções de estratégia propostas ao Congresso.

Durante as reuniões de hoje, as quais, à excepção da apresentação do relatório, decorrem à porta fechada, serão discutidas as alterações aos Estatutos do Partido, que têm por objectivo dotar a ASDI de uma estrutura organizativa completa, terminada que está a fase de instalação.

O cargo de secretário-geral irá ser preenchido por Magalhães Mota, que acumulará ainda a presidência do Grupo Parlamentar do partido. Sousa Franco continuará afastado da actividade partidária, embora vá enviar uma mensagem. Não se prevê, segundo apurou o «DL» junto de fontes da ASDI, a apresentação de qualquer lista para os órgãos directivos alternativa à da Comissão Instaladora.

É muito provável que das moções globais apresentadas, só subsista amanhã, quando se realizar a sua votação, a apresentada pela Comissão Instaladora que, apresentada depois das restantes, pretendeu fazer uma recolha dos principais aspectos de cada uma, desde que fossem aceitáveis para a direcção do partido. De salientar, nesta moção, que pela primeira vez, a direcção de um partido político propõe a realização de um congresso federador do espaço socialista e social-democrata, sob a égide do PS, que tem sido cara a alguns dos elementos da minoria do PS.

A sessão desta manhã contou com a presença de representantes de um partido estrangeiro (a Democracia 66 Holandesa), dos partidos portugueses (à excepção do PSD) e de órgãos de soberania.

J.M.V.

CGTP INTERSINDICAL

UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE SETÚBAL/CGTP-IN

SAUDAÇÃO ÀS MULHERES DO DISTRITO DE SETÚBAL

POR OCASIÃO DO DIA 8 DE MARÇO — DIA INTERNACIONAL DA MULHER — O DEPARTAMENTO DE MULHERES DA UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE SETÚBAL/CGTP-IN E A DIRECÇÃO DISTRITAL DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES SAÚDAM AS MULHERES DE TODO O DISTRITO NESTA DATA DE ALEGRIA, LUTA E SOLIDARIEDADE.

O EMPENHAMENTO DAS MULHERES NAS LUTAS QUE SE TEM VINDO A DESENVOLVER NAS EMPRESAS E NA RUA CONTRA A POLÍTICA DOS SUCESSIVOS GOVERNOS DE DIREITA, ASSIM COMO A ELEVADA CONSCIÊNCIA DEMONSTRADA NO DESENVOLVIMENTO DAS MESMAS SÃO PARA NÓS MOTIVO DE JÚBILO E CONGRATULAÇÃO.

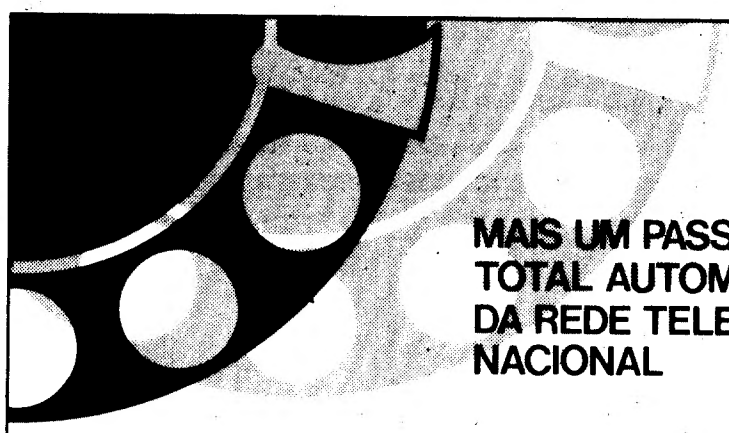
A LUTA DAS MULHERES PORTUGUESAS PELA SUA EMANCIPAÇÃO INSERE-SE NA LUTA GERAL DO POVO PORTUGUÊS CONTRA OS EXPLORADORES E OS OPRESSORES. AS MULHERES PORTUGUESAS DO DISTRITO DE SETÚBAL TÊM SABIDO ASSUMIR COM DIGNIDADE O SEU PAPEL NA SOCIEDADE PORTUGUESA.

É POIS A ESTAS MULHERES QUE NOS DIRIGIMOS, CERTOS DE QUE A NOSSA LUTA SERÁ REFORÇADA E O SEU CAUDAL ENGROSSADO POR TODAS AS QUE, COMO NÓS, DESEJAM CONSTRUIR UM FUTURO DE PAZ, JUSTIÇA E PROGRESSO SOCIAL, SÓ CONSEGUIDO COM O AFASTAMENTO DA AD DO GOVERNO.

VIVA O 8 DE MARÇO

VIVA AS MULHERES DO DISTRITO DE SETÚBAL

SETÚBAL, 8 DE MARÇO DE 1982



MAIS UM PASSO PARA A TOTAL AUTOMATIZAÇÃO DA REDE TELEFÓNICA NACIONAL

ABRANTES

A partir do dia 6 de Março, os assinantes com acesso ao Serviço Interurbano Automático passam a poder **obter ligações directas para os telefones do Grupo de Redes de Abrantes,** marcando primeiro os indicativos abaixo referidos (conforme a localidade em que a chamada tem origem), seguidos do número de telefone desejado.

De Lisboa e Região Lisboa, Porto e Região Porto	**0041**
De Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta	**0841**
De Velas e St.ª Cruz das Flores	**00841**
Dos restantes Grupos de Redes do Continente e Madeira	**041**

AJUDE-NOS A SERVI-LO MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE

TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

CIESSA NCK

entrevista

Carlos Carvalhas

Seminário económico do PCP

Aumentar a produção para melhorar nível de vida e bem-estar do povo

«Vencer a crise-Promover o Desenvolvimento» é o tema do Seminário, promovido pelo PCP, que se realiza no próximo domingo, dia 7 de Março, no Anfiteatro da Faculdade de Letras de Lisboa.

Tendo como base a ideia que «uma alternativa à actual situação económica e financeira é possível» o PCP lançou um apelo à participação activa «de todos os democratas» nos trabalhos do Seminário.

Os objectivos e funcionamento do Seminário, assim como os aspectos fundamentais da actual situação económica, foram o tema da entrevista do «DL» com Carlos Carvalhas, membro do Comité Central do PCP e da Comissão para os Assuntos Económicos deste partido.

DL – Quais são os objectivos do Seminário de dia 7?

Carlos Carvalhas – O Seminário vem no seguimento do estudo da situação económica e financeira do país levada a cabo pelo PCP. É o continuar de outras realizações (Conferências Nacionais sobre a Saída da Crise, em 1977; sobre as Nacionalizações, em 78; sobre o Mercado Comum, em 1980) e de diversos debates e iniciativas sobre os temas económicos.

O Seminário tem por objectivo o de mostrar que há uma alternativa á actual política e apresentar as medidas e propostas concretas e quantificadas do partido para se vencer a crise e promover o desenvolvimento. Medidas que são urgentes e necessárias dada a gravidade da situação social, económica e financeira que o país atravessa, consequência de uma dinâmica e política iniciada em 1976 e aprofundada pelos governos AD.

Mas não é isso que o Governo diz. Na verdade, ainda recentemente, o ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou, irresponsavelmente, que o desemprego e a dívida externa não eram preocupações graves. Nós podemos afirmar que o desemprego é cular as mulheres e os jovens. Podemos afirmar que a **dívida externa,** a prosseguir este ritmo, **ultrapassará no fim do ano o valor total das reservas de ouro,** mesmo se avaliadas a preços de mercado, o que dá bem a ideia da gravidade da situação.

DL – Quem participa e qual vai ser o modo de funcionamento do Seminário?

CC – O Seminário é uma iniciativa aberta a todos os democratas, que conta já com contribuições e intervenções de trabalhadores e quadros técnicos que não são do partido, estando neste momento mais de 200 pessoas inscritas para participar no debate. Qualquer pessoa se poderá inscrever para participar no debate, desde que queira contribuir connosco para o aprofundar das medidas concretas para a solução dos problemas económicos.

Quanto ao seu funcionamento será interessante referir que os trabalhos se vão processar em dois plenários (de abertura e encerramento) e em quatro secções: **Agricultura; Pesca; Indústria; Política monetária e Financeira/Comércio, Preços e Salários.**

DL – Sairá do Seminário alguma conclusão final?

CC – Nas secções haverá a apresentação de temas seguida de debate, procurando-se apurar as respectivas conclusões. Quanto a conclusão final, a intervenção do camarada Carlos Costa, no plenário de encerramento, procurará fazer uma síntese dos debates e das conclusões apuradas.

55% dos bens alimentares são importados

DL – Falou,há pouco da situação do desemprego e da dívida externa. Poderia traçar agora, em linhas gerais, qual a realidade dos sectores económicos a abordar no Seminário?

CC – O descalabro da agricultura, consequência da política de descapitalização deste sector, da política de crédito, da liquidação da Reforma Agrária, de protecção aos grandes intermediários, o que se traduz no facto de importarmos, actualmente, mais de 55% dos bens alimentares que consumimos.

A diminuição da produção nas pescas, o envelhecimento da frota pesqueira, a irracionalidade da sua comercialização e organização que leva ao deitar de peixe ao mar, para não aviltrar aos preços, quando o mesmo falta e encarece ao consumidor. O não aproveitamento da nossa Zona Económica Exclusiva que é, cada vez mais, invadida por frotas pesqueiras estrangeiras.

O marasmo na indústria, com capacidades de produção instaladas e não aproveitadas, com o entrave à realização de investimentos produtivos, nomeadamente os projectados pelas empresas nacionalizadas; o não aproveitamento dos nossos recursos naturais; a exportação de minérios em bruto e de produtos com um baixo grau de transformação; a ausência de planeamento e de uma política tecnológica; a submissão à divisão internacional capitalista do trabalho e aos ditames dos monopólios da CEE que se traduz, por exemplo, no não aproveitamento do ferro de Moncorvo, das pirites alentejanas, na redução do Plano Siderúrgico Nacional a uma mera expansão da Siderurgia do Seixal, na não concretização do projecto da beterraba-saccarina...

Uma política monetária e financeira restritiva que em vez de apoiar as actividades produtivas, apoia as actividades especulativas com um crédito caro e burocratizado, levando anualmente à falência centenas de pequenas e médias empresas; com um sistema bancário não estruturado; com uma política de salários que visa diminuir os salários reais, quando o alargamento do mercado interno é a condição mais segura de dirigir a procura para bens nacionais e escoar a nossa produção.

DL – O que pretende a nível económico o PCP?

CC – O desenvolvimento e o aumento da produção tem para nós um objectivo que é o da **melhoria do nível de vida,** um **aumento do bem-estar material e espiritual de todo o Povo** e não a restituição dos privilégios, a restituição das fortunas à meia dúzia de famílias, em suma a acumulação capitalista.

Serviços Municipalizados

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA A OBRA DE REFORÇO DA REDE DE B.T. NA PÓVOA DE SANTO ADRIÃO A LIGAR AOS P.T.S. NÚMEROS 102 E 125

Faz-se público que se encontra aberto concurso público pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para arrematação da obra designada em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Preço base Esc. 1 700 000$00.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 42 500$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem estar inscritos como empreiteiros de obras públicas na VI categoria, 3.ª subcategoria e da classe que cubra o valor da sua proposta ou superior, provando-se a titularidade do alvará pela indicação na proposta, do respectivo número, categoria ou subcategoria e classe e pela sua exibição sempre que exigida.

A abertura das propostas, realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 9 DE FEVEREIRO 1982

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica Cimentos e Similares do Distrito de Setúbal

Sede: Praça de Bocage, 111-2.º
Telef.:23872 SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do Art.º 34 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares do Distrito de Setúbal, para reunir em Assembleia Geral a realizar no próximo dia 27 de Março de 1982, com início às 15 horas, nos locais abaixo indicados, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Discussão e votação do orçamento para o ano de 1982
2 — Discussão e votação do relatório e contas do exercício de 1981

Setúbal, 4 de Março de 1982
O Presidente da Assembleia Geral.
Joaquim da Conceição Silva

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do Art.º 35.º alínea b), dos Estatutos, convoco a Assembleie Geral do Siudicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares do Distrito de Setúbal, para reunir em Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 2 de Março de 1982, com início às 16 horas, nos locais abaixo indicados, com a seguinte

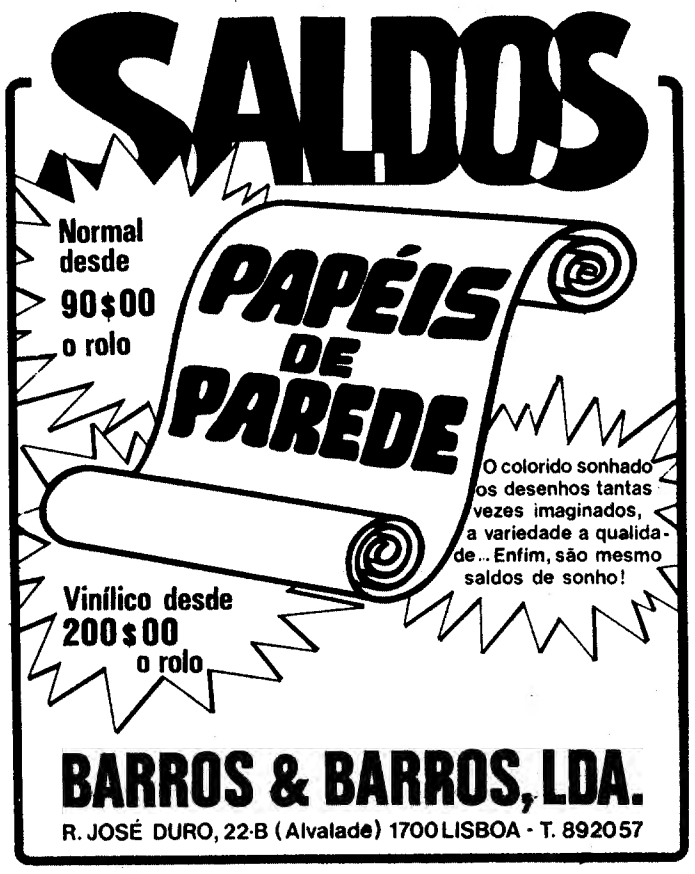
ORDEM DE TRABALHOS

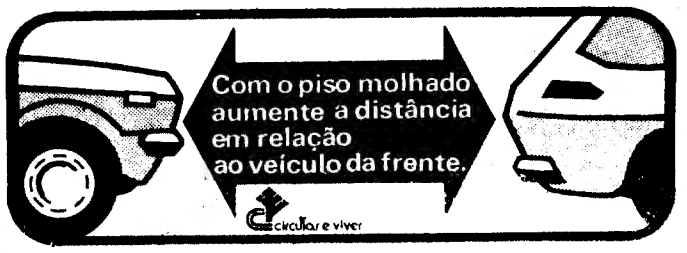
1 — Deliberar sobre a exoneração de 1 membro da Assembleia Geral

LOCAL

SEDE DO SINDICATO — Praça do Bocage, 111, 2.º SETÚBAL
UNIÃO DOS SINDICATOS — Alcárcova de Cima, 1-A-1.º-ÉVORA
UNIÃO DOS SINDICATOS — Rua Tenente Valadim, 36-1.º — FARO

Setúbal, 4 de Março de 1982
O Presidente da Assembleia Geral
Joaquim da Conceição Silva





Luto na Madeira pela morte do Bispo do Funchal

Morreu ontem, pelas 13.20 horas, D. Francisco Santana, Bispo do Funchal, realizando-se o seu funeral na segunda-feira, dia 8 de Março, data em que cessa o luto regional declarado, ontem, pelo governo madeirense.

O Bispo do Funchal, de 57 anos, tinha nascido em Lisboa e foi ordenado sacerdote em 1948. Em Março de 1974 foi eleito trigésimo Bispo do Funchal.

Em Fevereiro de 1981, D. Francisco Santana foi hospitalizado, no Funchal, e três meses mais tarde seguiu para Londres onde foi operado. Regressou depois ao Funchal sem que o seu estado melhorasse, acabando por falecer ontem.

Prostituição mais recatada

Afirma a PSP do Porto

A Polícia de Segurança Pública do Porto organiza anualmente entre 330 a 350 processos por prática de prostituição – foi hoje revelado no comando distrital da corporação num «briefing» aos órgãos de Informação.

Estes números referem-se somente aos concelhos do Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia.

O comandante distrital, Mário César Teixeira, afirmou aos jornalistas que «o número de prostitutas que deambulam nas ruas do Porto tem vindo a diminuir nos últimos meses», o que não significa que tenha diminuido o número de mulheres que praticam a prostituição, mas sim que «esta passou a fazer-se mais recatadamente».

Acções conjuntas empreendidas pela PSP/PJ/GNR neste tipo de actividade delituosa vêm desencorajando as mulheres que se entregam a esta actividade.

Por outro lado, no mês de Fevereiro findo, a PSP efectuou 15 operações de rusga a lugares suspeitos, nas quais deteve e identificou 2340 indivíduos por vadiagem – 1925 homens e 415 mulheres.

Foram também fiscalizados, no mesmo período, 119 estabelecimentos do sector hotelerio.

Mário Teixeira sublinhou o «número alarmante de condutores que são detidos sem carta de condução», o que considera «um aspecto grave».

Em Fevereiro foram detidos 51 automobilistas por condução ilegal, contra 57 no mês anterior. Elevou-se entretanto a 267 o número de autuações elaboradas pela PSP do Porto, com apreensão de cartas de condução, por manobras perigosas, designadamente excesso de velocidade.

Na área de intervenção desta instituição policial, «também empenhada na defesa no meio ambiente», foram autuados em Fevereiro, 37 automobilistas, por excesso de ruídos e fumos.

A PSP registou no mesmo período 549 acidentes de viação, dos quais resultaram quatro mortos, 267 feridos ligeiros e 40 feridos graves.

Em 11 operações do tipo «stop» foram fiscalizados 1428 automóveis e 185 motorizadas e detectadas 299 infracções ao Código da Estrada, incluindo algumas por condução ilegal.

A PSP do Porto registou neste período e na área da sua jurisdição 389 acções de furto, das quais 222 em automóveis estacionados na via pública, 70 em estabelecimentos comerciais, 39 em habitações e 46 a pessoas.

Encontro nacional contra as armas nucleares

Um grupo de trabalhadores científicos do Movimento «Não às Armas Nucleares em Portugal» vai realizar uma reunião na próxima terça-feira, a partir das 21 horas, no anfiteatro da Faculdade de Ciências de Lisboa.

A reunião, aberta a todos os interessados e em particular aos trabalhadores científicos, destina-se a preparar um encontro nacional sobre armas nucleares, a realizar oportunamente, e no qual serão apreciados vários aspectos dos perigos da existência e utilização de tais armas.

Da comissão organizadora da reunião fazem parte entre outros, Artur Geraldes (IGC), Beatriz Ruivo (JNICT), Fernando Oliveira Rodrigues (HPU), Frederico Carvalho (LUETI), Isabel Moita (IH), Manuela Leal (IGC), Regina Sales Grade (INIC) e Rui Namorado (LUETI).

Instalações públicas podem vir a ser aquecidas através de energia solar

Por despacho conjunto de vários ministérios publicado no «Diário da República» foi criado um grupo de trabalho encarregado de preparar, no prazo de seis meses, um contrato-programa para fornecimento de instalações de aquecimento de água por meio de energia solar, destinada a equipar edifícios e instalações do sector público.

O grupo de trabalho é composto por nove membros devera. antes de mais, contactar e obter a colaboração dos fabricantes de instalações solares de aquecimento de água, com vista à obtenção dum contrato-programa a submeter a diversos ministérios, para aprovação.

SERVIÇOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Serviços de alojamento

R. Gonçalves Crespo, n.º 20 — 1100 Lisboa

PEDE-SE ÀS PESSOAS QUE ESTEJAM INTERESSADAS EM ALUGAR QUARTOS A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE CONTACTEM PESSOALMENTE ESTES SERVIÇOS SOCIAIS OU ATRAVÉS DOS TELEFONES: 53 87 02 ou 53 87 03

Tomada de posição das Câmaras Municipais do Distrito de Évora face à intromissão da Governadora Civil nas competências e atribuições das autarquias

As Câmaras Municipais do Distrito de Évora abaixo discriminadas, receberam telegramas da Governadora Cívil do distrito de Évora, ameaçando-as de processamento no caso de estas encerrarem os respectivos serviços no passado dia 12 (dia em que se realizou a Greve Geral no País) e abusos dos poderes quanto ao direito dos que não aderiram à greve e aos aderentes.

Em resposta as Câmaras subscreveram a seguinte tomada de posição:

1. Nos termos da Constituição da República Portuguesa, todos os cidadãos têm direito ao trabalho. Preceito não cumprido pelo Governo AD, que não só não criou qualquer posto de trabalho no ano/1981, como segundo o Instituto Nacional de Estatística, permitiu o lançamento no desemprego de mais de 64 000 trabalhadores;

2. Também nos termos da Constituição da República Portuguesa todos os trabalhadores têm direito de recorrer à greve para defender os seus direitos e liberdades. Direito que foi exercido no passado dia 12/2/82, por mais de 70% dos trabalhadores de Portugal e por mais de 85%, dos trabalhadores do distrito de Évora;

3. Mais uma vez, as Câmaras do Distrito colocaram-se ao lado da grande maioria dos trabalhadores, na sua luta contra a política de direita do actual Governo, em defesa das conquistas de Abril. Os trabalhadores em greve souberam assumir a sua responsabilidade;

4. Cumpriram assim mais uma vez as Câmaras as suas responsabilidades perante a população do distrito e perante a Constituição da República Portuguesa;

5. Não aceitam por isso, as Câmaras, eleitas pela população do Distrito de Évora, que sejam exercidas pressões e ingerências por parte de quem deve respeitar o direito à greve no Portugal de Abril.

Alandroal
Arraiolos
Borba
Estremoz
Évora
Mora
Montemor-o-Novo
Portel
Redondo
Vendas Novas
Viana do Alentejo
Vila Viçosa

AOS ARRENDATÁRIOS DO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

A aspiração de muitos inquilinos do Estado é adquirir a habitação que vêm ocupando.

Correspondendo a esta aspiração, decidiu o Governo proporcionar a compra pelos arrendatários das residências pertencentes ao Fundo de Fomento da Habitação.

Não está em causa a obrigatoriedade de um regime de compra e venda. No entanto, para satisfazer as aspirações dos agregados familiares, foram fixados preços convidativos e condições especiais de financiamento.

Impôs-se o reinvestimento obrigatório das receitas, que se venham a obter, para fomentar a construção de novas habitações para arrendamento às famílias de mais fracos recursos.

Assim se procura corresponder à aspiração legítima de acesso a uma casa própria.

Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo

de ontem para hoje

O petróleo é que não estava lá

A «A garrafa estava lá... o vinho é que não» – é a expressão de um técnico a propósito da prospecção de petróleo na costa algarvia. Ou seja, durante as perfurações foi encontrado um reservatório seco.

Os trabalhos de prospecção foram agora dados por terminados pela empresa norte-americana Esso que, no entanto, considerou o trabalho desenvolvido como uma «experiência encorajante». A descoberta do reservatório seco constituirá já uma razão para não se excluir a hipótese de ser encontrado petróleo em novas prospecções.

A continuação dos trabalhos por parte da Esso fica dependente da análise de lamas que mandou fazer em Huston, nos Estados Unidos. O seu contrato com o Estado português só termina em Setembro do próximo ano.

Operações «stop» no mar da Madeira

A Guarda Fiscal vai intensificar as suas operações «stop» no mar da Madeira para melhor controlar o trânsito de pescado e evitar a sua fuga à comercialização através das lotas.

A decisão foi anunciada em reunião conjunta com o secretário Regional da Agricultura e Pescas. A actuação impõe-se, em consequência da fuga de pescado das lotas ultimamente verificada, «com evidentes prejuízos para os pescadores e para a região».

FIL: três mil produtos da URSS

A URSS estará representada com cerca de três mil produtos na Feira das Indústrias de Lisboa do ano corrente. Entre os produtos soviéticos contar-se-ão modelos de aviões e helicópteros, respectivamente dos modelos IL-76 e ML-17.

A União Soviética projecta acompanhar a exposição dos seus produtos com filmes, conferências de Imprensa e encontros com profissionais. «Como negociar com a URSS» – é nome de um seminário que se efectuará na mesma altura em Lisboa e no Porto.

«Arquimedes» vai ao Algarve

Um batiscafo suiço, «Arquimedes» de baptismo, mergulhará, em Junho, na costa algarvia, para estudar a vida dos nossos lagostins. Esta espécie é de difícil observação por viver a grandes profundidades. A direferença de pressão determina um período curto de vida quando os lagonstins são trazidos à superfície. Talvez por isso, o Instituto Nacional de Investigação das Pescas diligenciou junto da instituição suíça proprietária do batiscafo.

Queijo, ainda mais queijo

Em plena época do melhor queijo da serra, sucedem-se as feiras que na zona de origem visam a sua divulgação e venda. É o caso do certame que amanhã se realizará na Guarda e que contará com a participação de mais de 70 pastores da região.

«Uma perda irreparável»

«Para a augusta ordem maçónica constitui uma perda irreparável, restando-nos a sua obra, a sua orientação e a sua luz, que irradiará sempre intensamente na nossa difícil caminhada pelo bem e pela justiça» – disse o Supremo Conselho do Grau 33 do rito escocês antigo da Maçonaria, a propósito da morte de Carlos Sá Cardoso, seu soberano grande comendador.

A acção do falecido, foi acrescentado, «no supremo conselho e no mundo profano, afirmou-se sempre de forma inconfundível pela sua forte personalidade de lutador contra o obscurantismo e em defesa dos nobres ideais da República e da Democracia sob a tríade da liberdade, igualdade e fraternidade».

Londres: islamismo europeu

O presidente da Comunidade Islâmica em Portugal, Valy Mamede, representará Portugal na sessão anual do Conselho Islâmico da Europa, marcado para Março, em Londres.

A reunião, de 20 a 22 de Março, convocada pelo secretário-geral do Conselho, o saudita Salem Azzam, tem como principal objectivo fazer um balanço das actividades das diversas comunidades.

Os representantes de cada comunidade apresentarão um tema.

Valy Mamede, na qualidade de representante da comunidade de Lisboa, falará sobre o tema «O Islão em Portugal – no Passado e no Presente».

Romenos querem voar com lucros

O director da Aviação Civil da Roménia, Aurel Raicar, visita Portugal em Maio, para debater com as autoridades portuguesas, questões relacionadas com as ligações aéreas entre os doisnto – prosseguiu – se Portugal permitisse que os aviões romenos embarcassem em Lisboa passageiros destinados ao Marrocos, a situação mudaria radicalmente.

Quando nem cinco

Clube Nacional de Natação:

«Estamos no meio de cinco ruas com nomes de santos e parece que nenhum deles nos vale». Assim se lamenta um dos dirigentes do Clube Nacional de Natação que «tem» no centro de Lisboa aquele que se pode considerar o melhor parque desportivo da capital.
Um dos santos que não valem ao Clube é S. Bento. Pela rua com o seu nome se faz a entrada no parque, situado num terreno cujo pedido de expropriação foi feito em 1975, pela Câmara de Lisboa, mas nunca atendido pelos sucessivos Governos.

E, agora, as dúvidas quanto ao futuro ressurgem. O proprietário do terreno insistiu em construir naquele terreno e para tanto fez entrar um projecto na Câmara.

O problema é que os actuais responsáveis pelo município parecem muito receptivos a essa proposta, apesar do parecer contrário dos seus serviços técnicos. E contra, também, o que está previsto no Plano Director da Cidade: espaços verdes.

A pretensão dos dirigentes do Clube Nacional de Natação, apoiados nos seus 11 mil sócios e interesses das populações, é de que a expropriação se concretize, sem prejuizos de qualquer ordem para o proprietário dos 14 mil metros quadrados em causa.

Como se poderia processar tudo isso? Em tempo de constantes permutas de terrenos camarários, modalidade incrementada pelo executivo municipal AD, a solução parece extremamente fácil.

A empresa imobiliária que projecta para aquele terreno também não teria dificuldade em assegurar os seus lucros, pelo menos aparentemente.

O seu último projecto assegura instalações desportivas ao Clube Nacional de Natação, embora reduzindo-as a metade da área e com vários defeitos de concepção. Para tanto, contudo, a empresa teria de gastar dezenas de milhares de contos. Falam-nos em cem mil.

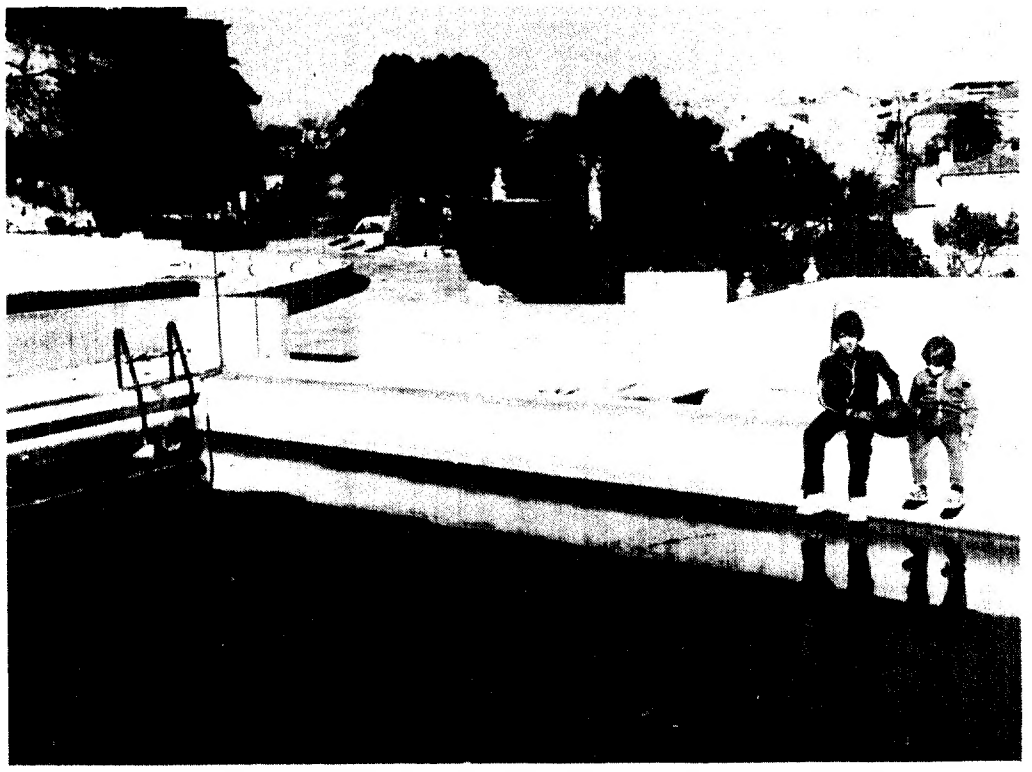
A alternativa parece fácil. Obtendo terrenos de permuta com a Câmara Municipal de Lisboa, apenas aquela verba bastaria para concretizar alguns projectos imobiliários. Porquê, então, as dificuldades existentes?

A pergunta põe-se com tanto maior pertinência quanto se julga saber que o processo de expropriação terá encontrado um sério entrave num membro do VI Governo Provisório. E a mesma personalidade manteria o poder necessário e suficiente para obstar a que o Clube Nacional de Natação possa prosseguir a sua obra naquele local, particularmente bem situado relativamente a uma vasta área urbana sem quaisquer alternativas no domínio das infra-estruturas desportivas.

Uma história atribulada

A vida do Clube Nacional de Natação tem sido particularmente atribulada, mau grado o reconhecimento público da sua actuação, expresso, por exemplo com diversas medalhas, louvores e até o título de Instituição de Utilidade Pública.

Fundado em Agosto de 1919, teve as suas primeiras instalações na doca de Alcântara. Foi obrigado a abandoná-las por necessidade de alargamento do porto de Lisboa, em 1939.



A actual situação impede que se façam obras. Por exemplo, piscinas aquecidas para o Inverno...

Clube entre números e factos

As instalações do Clube Nacional de Natação incluem, actualmente, um bar-esplanada, posto médico e de primeiros socorros, oficina, instalações de apoio às modalidades praticadas, natação e basquetebol.

Além disso, ali funcionam os gabinetes da direcção e administração, bem como um circuito de manutenção com 15 obstáculos numa extensão de mil metros.

Um dos últimos levantamentos dos sócios por escalões etários dava os seguintes números: até aos 10 anos, 2714; dos 10 aos 14 anos, 2439; a partir dos 15 anos, 5023.

O CNN movimentava, então, na competição desportiva, cerca de 140 participantes: 35 na natação e 105 no basquetebol.

O minibasquetebol também tem lugar, envolvendo, à mesma data, 84 crianças entre os 6 e os 11 anos.

No domínio da natação, 1050 pessoas, entre crianças e adultos, aprendiam ali as primeiras braçadas. Mas por ali têm passado, para aprender natação e salvamento, pessoal de vários serviços públicos e corporações, como a Polícia de Segurança Pública, a Guarda Fiscal, bombeiros e unidades do Exército e da Marinha.

E o reconhecimento pela obra também não falta: em 1965 foi declarado Instituição de Utilidade Pública. O clube é, ainda, Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo; tem a medalha de ouro do Instituto de Socorros a Náufragos e de prata e ouro da Câmara de Lisboa. Some-se a tudo isto os vários louvores públicos.

MONTEPIO GERAL

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

(Art. 136.º dos Estatutos)

— Eleição de dois membros dos Corpos Sociais, para o mandato que termina em 31/12/82, respectivamente, para preenchimento de vaga de Vogal, existente da Direcção, e de Suplente do Conselho Fiscal.

Em conformidade com a Convocatória oportunamente publicada na imprensa e remetida a todos os Sócios, as Mesas de voto funcionam, Segunda-feira, dia 8, das 13 às 19 horas, nos seguintes locais:

LISBOA — Sede, Rua Áurea, 219 a 241
PORTO — Filial, Av. dos Aliados, 90
e nos edifícios das seguintes Agências:
AVEIRO, BARREIRO, BEJA, BRGA, BRAGANÇA, CASTELO BRANCO, COIMBRA, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, LEIRIA, PÓVOA DE VARZIM, SANTARÉM, SETÚBAL, SINTRA, VILA FRANCA DE XIRA, VILA NOVA DE GAIA e VISEU.

Lisboa, 6 de Março de 1982

A DIRECÇÃO,

Sociedade Cooperativa Piedense

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do parágrafo 2.º do Art.º 16.º do Capítulo IV dos Estatutos, convoco os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral, cuja sessão extraordinária terá lugar no dia 19 de Março de 1982, pelas 20,30 horas, na Sede Social, Rua da Liberdade, 94 na Cova da Piedade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Analisar e deliberar sobre a adesão à Coop.-Lisboa;
2.º — Nomeação da Comissão Negociadora do Loteamento da zona industrial da Quinta da Argena;
3.º — Informações da Direcção.

Se à hora indicada não comparecer número legal de Associados, a sessão extraordinária realizar-se-á, uma hora depois, em segunda convocatória, com qualquer número, conforme preceitua o parágrafo 7.º do Art.º 16.º do Capítulo IV dos Estatutos.

Cova da Piedade, 26 de Fevereiro de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Henrique Carlos Quaresma da Silva

santos ajudam

optar entre cimento e desporto

A mudança para os actuais terrenos, interiores, deu-se pouco depois. A morte da usufrutuária do terreno, que tinha estabelecido contrato com o Clube, levou o herdeiro a pôr uma acção de despejo, que venceu e acabou por concretizar em 30 de Abril de 1968. Era assim, face à lei de então.

«Foi com lágrimas nos olhos que vi selarem as instalações» – conta-nos agora o referido dirigente, Rui Feliciano. «Não queria que as crianças de agora passassem pelo mesmo». Ele está no Clube desde os seus quatro anos, vai agora nos 31. Ali praticou diversas modalidades, por aquela obra continua a lutar.

Desde 1968 até ao 25 de Abril o Clube andou em bolandas. Os vários executivos camarários davam arrumação diversa ao clube, no mapa da cidade. Houve projectos para o Alvito e para o Restelo, a Câmara ia facultando o acesso dos sócios às piscinas municipais.

Mas nada se concretizava. Ia um presidente da Câmara e o seu projecto rolava imediatamente para a gaveta. Foi assim com França Borges, Santos e Castro e Silva Sebastião.

No terreno da Rua de S. Bento o lixo ia-se acumulando. Os terrenos foram entretanto transaccionados, passando de Jorge Velosa para a família Valente, cujo único sobrevivente anima hoje a Sociedade de Construções Chile.

Os projectos de construção não cessaram entretanto. Todos eles foram recusados, dado que se revela um evidente contra-censo a construção imobiliária naquele local.

Por fim, surge a oportunidade do regresso, após o 25 de Abril. Nada se processa de forma selvagem. Milhares de assinaturas apoiam um texto em que se faz a história de todo o processo. O Governo dá o «sim».

As instalações estão bastante degradadas. Começa-se por retirar o lixo que durante sete anos ali se acumulou. Para tanto são necessárias 14 viagens de camionetas de 12 toneladas.

Clube não arrisca fazer obras

A recuperação do complexo de piscinas do Clube Nacional de Natação custou desde então oito mil contos, dos quais apenas cerca de 600 vieram por intermédio da Direcção-Geral dos Desportos, sob a forma de maquinaria para tratamento de águas.

A natação recomeçou no parque da R. S. Bento, ainda em 1975. Ali se comemorou o Dia Olímpico da Natação, embora ainda com algumas carências.

O afluxo de interessados em praticar desporto não cessou desde então. Impunha-se, por exemplo, fazer crescer a maior das piscinas até aos 50 metros.

De resto, a maquinaria que lhe trata a água está dimensionada para tanto, trabalha agora a 50 por cento.

Uma piscina coberta é outra das necessidades. Actualmente, a natação limita-se aos meses mais quentes, de Abril a Outubro. Ginásio e outras instalações estão na cabeça dos dirigentes.

«Agora, no Inverno, a utilização limita-se ao circuito de manutenção» – diz-nos Rui Feliciano. E também aí está a prova de que o Clube se vira aos interesses da população.

Situado numa zona da capital onde as habitações são geralmente carenciadas de instalações sanitárias, o C.N.N. abriu as suas portas à população não associada, para fazer o seu banho de limpeza. Agora, no Inverno, os 20 escudos dão também acesso ao circuito de manutenção.

E, excepção feita a alguns pequenos subsídios de circunstância, tudo tem sido feito exclusivamente com as quotizações. Os orçamentos para as obras projectadas passam pela mesma via. «E também não conseguimos certos subsídios dada a situação indefinida em que nos encontramos».

Quando os «santos» não ajudam

O regresso às instalações em S. Bento foi seguido de novas diligências no sentido de que fosse resolvido o problema dos terrenos. E conseguiu-se algo: em sessão pública efectuada no Teatro S. Luís, a Câmara pronunciou-se favoravelmente pelo pedido de expropriação, a determinar pelo Governo. A acta da sessão, efectuada a 17 de Abril de 1975, seria publicada no «Diário Municipal» de 26 de Novembro.

A situação do parque desportivo entre cinco ruas com nomes de santos não facilitou a vida do clube. Mas, dizem os seus dirigentes numa referência às dificuldades encontradas pelo processo de expropriação no seio do Governo, houve mesmo «santos» que estiveram contra.

E por essa porta estreita se chegou aos nossos dias, com a Sociedade Imobiliária Chile a pretender convencer a Câmara da utilidade de rasgar aquele terreno, fazer uma espécie de praceta, amontoar piscinas, ginásio e administrativos num estreito canto.

«Chegam ao cúmulo, no projecto, de porem o ginásio encostado à garagem de um dos prédios que se propõem construir» – conta-nos o mesmo dirigente.

E o que se revela, pelo menos curioso, é que há na Câmara quem manifeste receptividade ao projecto. E isso apesar do parecer desfavorável dos competentes serviços municipais. E os planos directores de Lisboa mantêm aquela área reservada aos «verdes», já desde o tempo de Duarte Pacheco, quando foi ministro das Obras Públicas de Salazar.

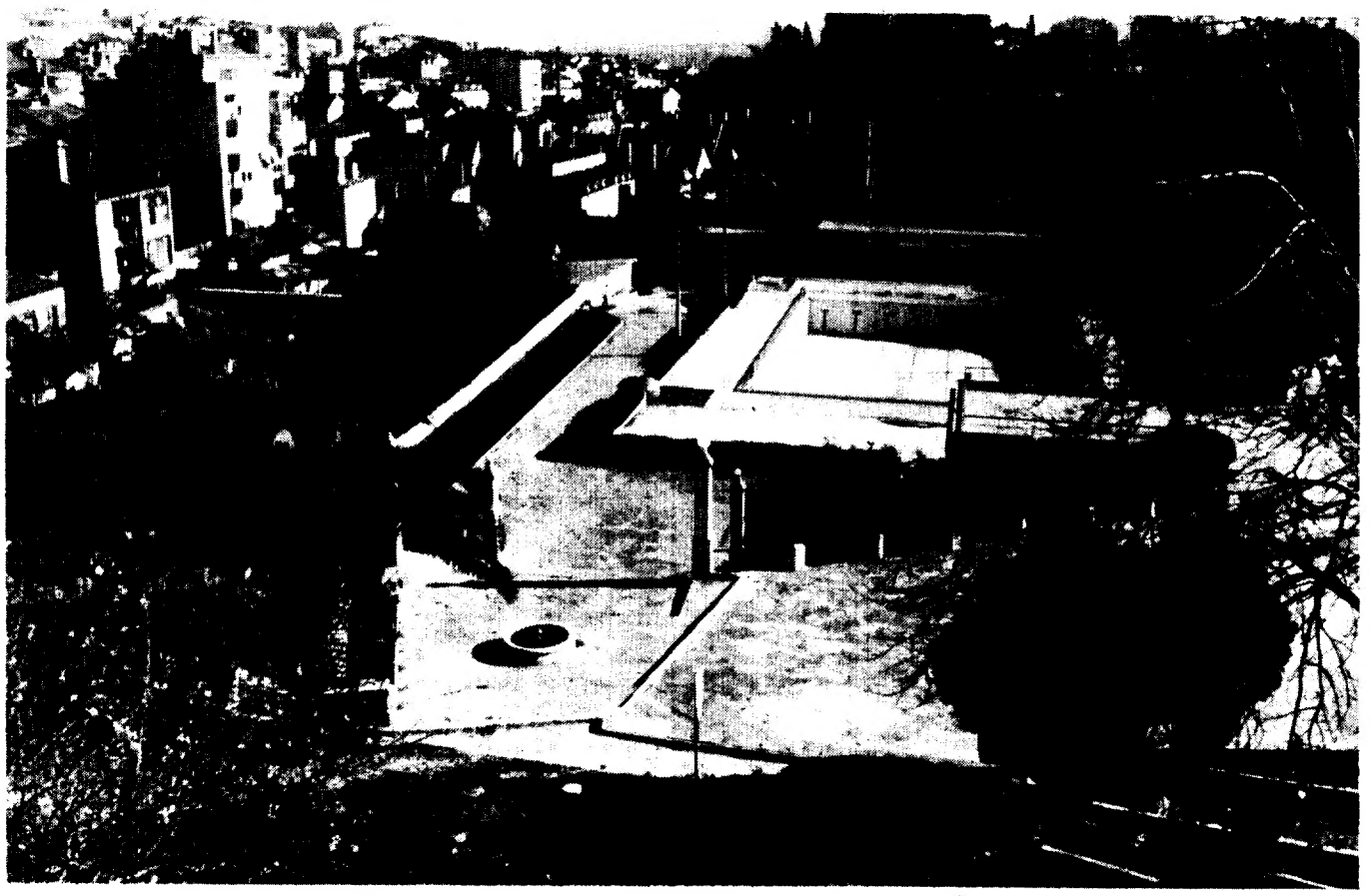
As diligências junto da Câmara têm levado a múltiplos contactos. Na Praça do Município, o «dossier» parece estar afecto ao vice-presidente Pedro Feist. O qual já perguntou aos dirigentes do C.N.N. se não seria de aceitar o miniparque que lhes é «oferecido».

Claro que entre o «nada» e o «miniparque», será preferível a última hipótese. Mas o que está em causa é uma questão de fundo: se a C.M.L. está ou não interessada em fomentar uma obra como aquela, que serve milhares de munícipes e uma área extremamente carenciada numa cidade igualmente.

A Comissão de Educação, Ciência e Investigação da Assembleia da República visitou o local e a propósito fez um relatório que mereceu unanimidade. A terminá-lo propunha «a rápida solução do problema que há anos aflige o Nacional de Natação». Foi a 16 de Novembro do ano passado.

Que irá fazer a Câmara AD?

Rogério Vidigal



No meio da cidade, em plena zona carenciada, há todo um espaço à espera de expropriação. Sem prejuízo para o proprietário

NOVAS TARIFAS
DOS SERVIÇOS POSTAIS

A partir do dia 8 de Março de 1982, entrarão em vigor novas tarifas do Correio (Serviço Nacional).

NOVAS TARIFAS BASE
PORTE MÍNIMO DA CARTA ORDINÁRIA — 10$00
PORTE DO BILHETE POSTAL — 9$00
TAXA DE REGISTO — 30$00

A melhoria e o desenvolvimento dos serviços que prestam exigem dos CTT um elevado programa de realizações de longo prazo

Os encargos financeiros deste programa, aliados à subida de custo da generalidade dos factores produtivos, explicam a presente revisão que, conjugando tarifas e aumentos de produtividade, prossegue o desejado equilíbrio entre receitas e despesas, na garantia da qualidade do serviço prestado ao público

PEÇA INFORMAÇÕES EM QUALQUER ESTAÇÃO DOS CORREIOS

DIRECÇÃO GERAL DE CORREIOS SERVIÇOS DE PROMOÇÃO E TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS
CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

De Norte a Sul do País

Trabalhadores manifestam-se hoje na rua contra a política do Governo AD

De Norte a Sul do País, os trabalhadores vão hoje à rua manifestar o seu protesto contra a política do Governo AD e exigir uma alternativa democrática que respeite os seus direitos e prossiga os objectivos traçados pelo 25 de Abril.

As manifestações de hoje, mais de duas dezenas, que se seguem às já realizadas ontem, foram convocadas pela CGTP/IN e visam os objectivos que levaram à greve geral de 12 de Fevereiro.

O Secretariado Nacional da central sindical apelou em comunicado aos trabalhadores e às massas populares no sentido de participarem massivamente nas manifestações, tendo ainda reafirmado que continuará a mobilizá-los para a luta contra a política do Governo e pela exigência da sua demissão, por considerar que este é o «único caminho para a resolução dos seus problemas e os do País».

A CGTP/IN afirmou igualmente que «não hesitará, sempre que necessário, em recorrer à greve geral em defesa dos interesses dos trabalhadores e da democracia».

Várias centenas de organizações sindicais e outras estruturas unitárias também apelaram à participação dos trabalhadores e das populações nas manifestações. Idêntico apelo foi lançado por diversas estruturas de organizações políticas democráticas.

Intelectuais do Porto

Relativamente à manifestação que hoje se realiza na Praça General Humberto Delgado, na capital nortenha, cerca de 150 intelectuais e quadros técnicos do Porto subscreveram um abaixo-assinado em que sublinham: «Porque este Governo não serve, porque este Governo mente e manipula, porque este Governo põe em risco as liberdades, a luta pela sua demissão tem de continuar a intensificar-se, tem, de novo, que ser trazida para as ruas.»

O documento, que apela à participação naquela manifestação, convida os intelectuais a efectuarem, às 14 e 30, uma pré-concentração na Praça de Carlos Alberto.

Os intelectuais e quadros técnicos, segundo o abaixo-assinado, «foram particularmente sensíveis à manipulação fascizante da Comunicação Social estatizada que atingiu níveis similares aos do tempo do fascismo» e por isso «não podem alhear-se desta situação» pelo que devem colocar-se, hoje como durante a greve geral de 12 de Fevereiro, ao lado dos outros trabalhadores que lutam pela queda do Governo AD.

A necessidade de uma nova política

As manifestações que este fim-de-semana decorrem em todo o País integram-se na luta que os trabalhadores e o Movimento Sindical Unitário vêm travando contra a política «antipopular e antinacional da AD que conduziu o País a mais grave crise económica, financeira e social, após o 25 de Abril», afirma o Secretariado Nacional da CGTP/IN.

Depois de referir que a greve geral do passado dia 12 constituiu um êxito e determinou «um salto qualitativo na luta dos trabalhadores», a CGTP acrescenta que esse êxito não pode, porém, fazer esquecer que os problemas que afectam os trabalhadores e o País «não encontrarão solução enquanto se mantiver o actual Governo e a sua política».

«A crise tem solução, sublinha mais adiante o Secretariado, acrescentando que a prática tem demonstrado que essa solução «só será encontrada no respeito pela realidade económica e social que o projecto da Constituição consubstancia» e em cuja concretização «estão fundamentalmente interessados os trabalhadores e a maioria do povo». Por isso, afirma a CGTP/IN, «os trabalhadores não hesitarão em apoiar uma solução política» para a crise, a qual, respeitando os seus direitos, «mantenha a esperança no progresso e na justiça social do 25 de Abril».

As manifestações

Estão previstas para esta tarde, as seguintes manifestações: às 14 e 30, em Lisboa, do Largo do Martim Moniz à Alameda D. Afonso Henriques; às 15, em Aveiro (Largo da Estação), Beja (Praça da República), Odemira (Largo do Tribunal), Aljustrel (Largo da Feira), Covilhã (Largo de S. Pedro), Sousel (Largo da Câmara), Arronches (Largo Serpa Pinto), Santarém (largo da antiga praça de touros) e Évora (Praça do Giraldo); às 15 e 30, em Coimbra (Praça 8 de Maio), Figueira da Foz (Largo da Fonte Luminosa), Porto (Praça General Humberto Delgado) e Viana do Castelo (Praça da República); às 16, em Portimão, Olhão, Vila Real de Santo António, Marinha Grande e Peniche (todas junto às Câmaras locais); às 16 e 30, em Braga (Avenida Central) e Mirandela; e às 17 horas, em Seia (Praça da República).

Está também prevista, para amanhã à tarde, outra manifestação em Canas de Senhorim, no distrito de Viseu.

Ontem realizaram-se manifestações em Castelo Branco e Tortosendo, que tiveram muitas centenas de participantes, e durante as quais foi sublinhado o «desastre» que constitui a política do actual Governo, tendo sido apontados como exemplos as medidas gravosas adoptadas no campo da saúde e do trabalho, como as taxas moderadoras e o **tecto salarial.**

Maquinistas da CP prolongam as greves até ao dia 12

●*Barcos do Barreiro*

também parados na terça-feira

Os maquinistas da CP decidiram prolongar por mais três dias a greve que terá início às zero horas da próxima terça-feira.

Assim, após a paralisação de amanhã, domingo, o País estará sem comboios entre as próximas terça e sexta-feira.

Os maquinistas, que após uma greve de 48 horas nos dias 11 e 12 de Fevereiro, anunciaram novos períodos de paralisação para os dias 1, 3, 5, 7 e 9, visam pressionar a administração da CP a negociar um regulamento de reenquadramento profissional para a carreira de condução, reivindicação esta que é considerada elitista nos restantes sectores da empresa, e que o conselho de gerência afirma ser impossível de aceitar.

A Federação dos Sindicatos Ferroviários demarcou-se desta luta por não concordar com os seus objectivos que, segundo afirma, «em nada contribuem para a unidade dos trabalhadores».

Os maquinistas e motoristas práticos e ajudantes da via fluvial, que trabalham nos barcos da CP que efectuam as carreiras Lisboa-Barreiro, também paralisam na terça-feira, com início às 5 horas.

Esta greve, convocada pelo sindicato paralelo SITEMAQ e que visa exigir a aplicação de subsídios de gases e de diferença de potência entre motores, afecta cerca de 60 mil pessoas que diariamente utilizam os barcos entre Lisboa e o Barreiro.

Pilotos da barra

Termina às 24 horas de hoje a greve de três dias dos pilotos da barra, que regista uma adesão total, impedindo assim a entrada e saída de navios dos portos do País.

Os cerca de 300 pilotos da barra, que dependem do Instituto Nacional de Pilotagem de Portos, pretendem a inclusão dos subsídios salariais fixos nos descontos para a Caixa de Aposentações e a sua contabilização para efeitos de remuneração de trabalho aos sábados, domingos e feriados.

As reuniões entre a administração do INPP e a comissão negociadora salarial têm-se revelado incapazes para desbloquear o conflito e os pilotos estão dispostos a entrar em greve por tempo indeterminado a partir das zero horas de terça-feira, se até lá a situação não for ultrapassada.

Sindicato dos Trabalhadores das Industrias Quimicas do Sul

manifesto

CONVENÇÃO NACIONAL DEMOCRÁTICA

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul manifesta a sua adesão, e todo o seu apoio, à Comissão Promotora da Convenção Nacional Democrática, certo de que está, que semelhante iniciativa visa objectivos de um elevado alcance cívico e nacional, sobretudo, por proporcionar aos trabalhadores e ao Povo Português em geral, um debate livre e democrático sobre a revisão constitucional.

A revisão da Constituição trata-se de uma questão que diz respeito a todos os portugueses, a todos os cidadãos empenhados na construção de um País livre, democrático, independente, próspero e pacífico, pelo que, tudo não será demais, no sentido de propiciar a todo o Povo, nomeadamente ao Povo Trabalhador amante da Paz e do Progresso, uma participação activa e livre de facto, e como assim, credora depois do maior respeito.

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, assume-se pois, neste momento crucial da vida nacional decorrente do percurso iniciado pelo glorioso 25 de Abril, com as responsabilidades que lhe cabem, e de que não abdica, pela defesa da Constituição da República Portuguesa, que o mesmo será dizer, contra a sua subversão mercê da revisão inconstitucional que as forças de direita projectam.

SETÚBAL, 4/3/82 A DIRECÇÃO

MARIA LAMAS

SESSÃO DE HOMENAGEM

SÁBADO 6 DE MARÇO, PELAS 21 HORAS

na SOC. TIMBRE SEIXALENSE

COM A PRESENÇA DE:

- **MARIA LAMAS**
- **ORLANDO DA COSTA**
- **ALEXANDRE BABO**
- **PRESIDENTE DA JUNTA**
- **LEONOR SANTA RITA** (MDM)
- **MARIA ANTÓNIA FIADEIRO**
- **PRESIDENTE DA CÂMARA**

- **Poesia por JOSÉ CARLOS GONZALEZ**
- **LUÍSA BASTO e JOÃO FERNANDO**
- **Grupo Coral «ECO DO ALENTEJO»**

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA E EVOCATIVA PATENTE NA SALA DE SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL

uma iniciativa da

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

Comemorações do Dia Internacional da Mulher

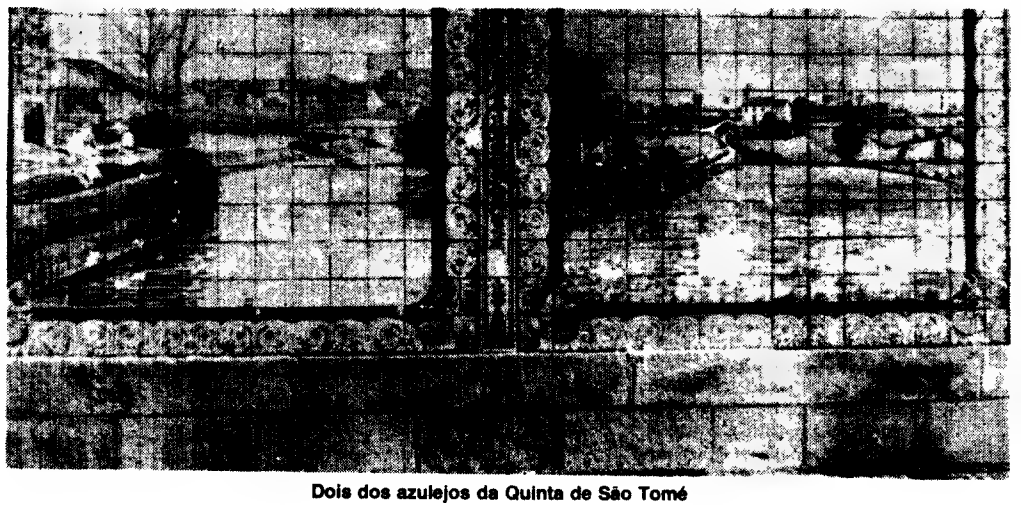
Ovar entre o profano e religioso brandos costumes, fracas ambições

A Ria que a quebrava em vários bocados também a reunia como os dedos da mão. Rasgava a terra, mas dava-lhe beleza. Tempo que já lá vai.. Hoje as águas estão lamacentas, tristes, poluídas. Ovar é um concelho de brandos costumes e fracas ambições. Terra do profano e do religioso levado ao mais alto grau no Norte passado o Carnaval, estamos na época das procissões. Duas realidades que marcam profundamente os vareiros.

A Ria, que durante largos anos foi o pão de toda a sua gente, está morta. Moliceiros não há, a não ser para inglês ver, como me dizia o presidente da câmara, dr. Manuel Fernandes, num destes dias. As fábricas absorveram-nos, o moliço aumenta e a Ria está quase intransitável. Além, na costa, o Furadouro, cujo areal o transforma numa das praias mais apetecidas a norte do Mondego. Mas aqui também, a desolação, a falta de iniciativa, para além das barracas, marcam a zona que é de grande potencialidade turística. Não há hotéis, não há estruturas de atracção do turista, não há nada que cative os forasteiros, nacionais ou da estranja. No Verão é a invasão selvagem.

No campo dos projectos, Ovar também tem sido pobre. O dinheiro é pouco e os autarcas preferem não reivindicar. «O Governo defraudou-nos em mais de cem mil contos» – afirma o vereador da APU, José Pinho a propósito da lei das Finanças Locais. «Os problemas são tantos que o dinheiro é sempre pouco mas sentimos na pele a falta de verbas» – lamenta-se o presidente que fora eleito como independente nas listas da AD.

Nas últimas duas décadas o que tem caracterizado o concelho é o seu desenvolvimento industrial. Hoje, Ovar é relativamente próspera, sem que no entanto os reflexos disso sejam visíveis no viver comum da população. A indústria implantada é bastante diversificada o que torna a região menos permeável às crises sectoriais. Desde a cordoaria, a metalomecânica, passando pela indústria dos plásticos, pela electrónica, etc., muitos são os sectores de emprego. O desemprego é, porém, um espectro que também marca a região.



Dois dos azulejos da Quinta de São Tomé

Industrialmente recente, Ovar não perdeu, no entanto, as marcas da sua ruralidade. Tem um centro urbanizado e o resto é a paisagem rural, cortada aqui e ali por complexos industriais. Se quisermos comparar Ovar com outros concelhos limítrofes, como Estarreja e Murtosa por exemplo, diremos que as autoridades locais têm sabido preservar o meio das indústrias mais poluentes. «Não! Não aceitamos a implantação dessas indústrias» – garante o presidente da câmara.

Mas se isto é verdade, não é menos certo que a par do crescimento industrial não tem sido procurada a implantação das infra-estruturas que permitiriam à população uma melhor qualidade de vida, como é o caso do saneamento básico e da água canalizada. Mais de 80 por cento do concelho não tem saneamento básico. Com a água passa-se quase o mesmo. Se a maior parte da população trabalha na indústria, o risco e custo da implantação industrial deviam ser compensados com a construção de infra-estruturas mínimas. Não é isso que acontece.

Défice de mil fogos

No campo da habitação não houve qualquer obra significativa durante o actual mandato camarário, – maioritariamente AD, com dois socialistas e um APU. O empreendimento mais importante foi aliás desencadeado por uma cooperativa – a Habitovar – que, no entanto, por falta de apoios tem vindo a ser afectada, nesta ponta final do seu projecto. São cerca de 500 fogos. Fala-se num défice de mais de mil fogos nas sete freguesias do concelho, mas a acção da câmara tem-se pautado pela quase inoperância.. Nem planos há a não ser a urbanização das Amoreiras para cerca de 2000 camas. «Devia ter arrancado em 79, mas ainda não arrancou e estamos a ver se começa antes do fim do ano» – diz ao «DL» o arq. Martim Godinho, vereador socialista.

Já que se está a falar da habitação, não se pode esquecer os azulejos. Ovar é conhecida como a terra do azulejo. Muitas fachadas das casas têm-nos lindíssimos, dos fins do séc. XIX e princípios do nosso. Por vezes vão abaixo sob o poder dos bulldozzer.

Lamentavelmente a câmara não tem um inventário dos frontispícios azulejados a preservar pela sua riqueza e significado. Por isso, quantas vezes não é apanhada por factos consumados?

Não consumado, mas desolador, é todavia, o estado em que se encontram os belos azulejos de 1917 que cobrem quase toda a fachada exterior da estação ferroviária de Ovar, cuja linha parte o concelho em duas metades. As gravuras mostram bem o seu estado: estão partidos, esfacelados. À população caberá não degradá-los mais, à CP. recuperá-los enquanto é tempo.

O ensino é outro dos campos onde o concelho sofre deficiências gravees. Sobretudo no pré-primário (apenas 300 crianças têm lugar) e no primário, as escolas são poucas – 23 para cerca de cinco mil alunos – e algumas delas estão em muito mau estado.

Outro problema é a falta de um instituto politécnico, na opinião de alguns ovarenses contactados. Entusiasta da sua implantação no concelho é o dr. José Fragateiro, vereador socialista encarregado do pelouro da cultura. «Para o ano já vai haver a via profissionalizante (em electrotecnia) que será um passo para o instituto». A necessidade da sua criação é sublinhada pela progressiva implantação industrial no concelho. «O pessoal indiferenciado é de cá, o técnico vem de fora».

Criatividade só carnavalesca?

A Casa da Cultura é outra das necessidades apontadas como prioritárias para o concelho. Há bandas de música, ranchos, o orfeão, associações recreativas, mas tudo está desarticulado. Além disso há toda uma criatividade que se manifesta pelo Carnaval e que se esvai no resto do ano. Aliás é curioso este fenómeno: há dezenas de grupos com muitas anos de existência que apenas têm como objectivo a participação no cortejo carnavalesco. Perguntei a várias pessoas: porque razão não desenvolvem estes grupos outras actividades ao longo do ano? De alguns recolhi a surpresa pela pergunta, de ninguém recebi uma resposta cabal.

Arreigado individualismo dos vareiros? Motivação apenas para a folia carnavalesca? Falta de um elemento agregador daquela criatividade que propicie o «salto»?

A resposta não é fácil. O assunto merece um estudo psicossociológico.

Luís Humberto Marcos

Deficiente em simpósio:

Um apelo ao cumprimento das recomendações da Carta das Nações Unidas para prevenção e melhor integração dos deficientes foi acentuado ontem no encerramento do Simpósio do Centro de Observação e Orientação Médico Pedagógico (COOMP).

O COOMP, serviço técnico do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, debruçou-se ao longo de quatro dias, num primeiro simpósio público a nível nacional, sobre várias experiências levadas a efeito junto de crianças deficientes.

Joaquim Bairrão, director do COOMP, frisou que o simpósio teve o propósito essencial de sensibilizar os técnicos e terapeutas para a aplicação de conhecimentos adequados a vários casos de deficiência.

Constituído por cinco equipas de intervenção psico-médica-pedagógica, o COOMP possibilita a orientação de crianças integradas em jardins de infância ou escolas, a promoção de estudos científicos, o acompanhamento e apoio das famílias e propõe-se, este ano, ainda no âmbito do Ano Internacional do Deficiente, realizar outros simpósios com o objectivo de comunicar aos seus serviços técnicas de intervenção e estudos de especialidade.

Entre as várias comunicações analisadas no simpósio destaca-se um estudo epidemológico da deficiência mental realizado no concelho de Arruda dos Vinhos, no período de 1975/77, que abrangeu o conjunto das crianças residentes entre os 6 e os 12 anos.

O estudo em questão propunha-se avaliar a quantidade de crianças deficientes mentais ali existentes de acordo com critérios internacionais estabelecidos, nomeadamente quanto à adaptação ambiental, tendo sido constatada uma percentagem de 4,6 por cento.

Ainda uma perspectiva genética, o director do COOMP salientou a necessidade de uma maior informação por parte dos pais sobre os riscos de deficiência, que são hereditários.

TEPCLIMA

Ar Condicionado, C.R.L.

Por escritura de 8 de Julho de 1981, lavrada a Fls. 19 a 21 V.º do livro de Notas para escrituras diversas n.º 11-L, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária Licenciada Lídia Rodrigues Devesa foi constituída nos termos do disposto do Decreto-Lei n.º 454/80, de 9 de Outubro (Código Cooperativo) uma Cooperativa de Produção Operária, a qual ficou com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa na Rua do Arco do Carvalhão, n.º 282/C cuja inscrição na Conservatória do Registo Comercial é o n.º 13 a F. 10 v.º do Livro J-1.

A Cooperativa pertence ao Ramo da Produção Operária e tem por objectivo as indústrias de Ar Condicionado podendo desenvolver outras actividades complementares ou acessórias por deliberação da Assembleia Geral. São seus fundadores: Fernando Quirino Calado Brito, João José Martins Miguel, Maria Fernanda Mendes Andrade, João José Alexandre Alves, Joaquim Loureiro Morais, Adelino da Conceição e Silva Rodrigues, Amílcar Ferreira Roque, Franco Pedro da Palma, Arnaldo Manuel Almeida Costa, Gabriel Batista de Almeida, Nelson Júlio Moreira Figueira e João de Jesus Crespo Couchilho.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE OEIRAS

EDITAL N.º 2/82

SESSÃO ORDINÁRIA N.º 3/81
4.ª Reunião — 8 Março 1982

FRANCISCO FERREIRA ALVES, 1.º Secretário da ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE OEIRAS, faz saber que tem lugar no próximo mês de Março, dia 8, 2.ª-feira, às 20 horas e 30 minutos, no Cinema Stadium do Sport Algés e Dafundo, em Algés, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, a 4.ª REUNIÃO DA SESSÃO ORDINÁRIA N.º 3/81, para continuação da discussão da Urbanização do Vale de Algés.

Para constar se publica este EDITAL e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Oeiras e Paços do Concelho, aos 17 dias do mês de Fevereiro de 1982.

O 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Municipal

Francisco Ferreira Alves

EDITAL

Hélder da Silva Nobre Madeira, Presidente da Câmara Municipal do Barreiro:

Faz público que por deliberação desta Câmara de 13 de Janeiro de 1982, e da Assembleia Municipal do Barreiro no passado dia 8 de Fevereiro de 1982, foram alteradas as tarifas dos nossos transportes colectivos.

As novas tarifas entraram em vigor no dia 1 de Março de 1982.

TABELA DE TARIFAS

BILHETE	PREÇOS
Normal	15$00
Pré Comprado	9$00 (séries de 10)
Passe Social Bar.	320$00
Passe Estudante	210$00
Passe 3.ª Idade	160$00

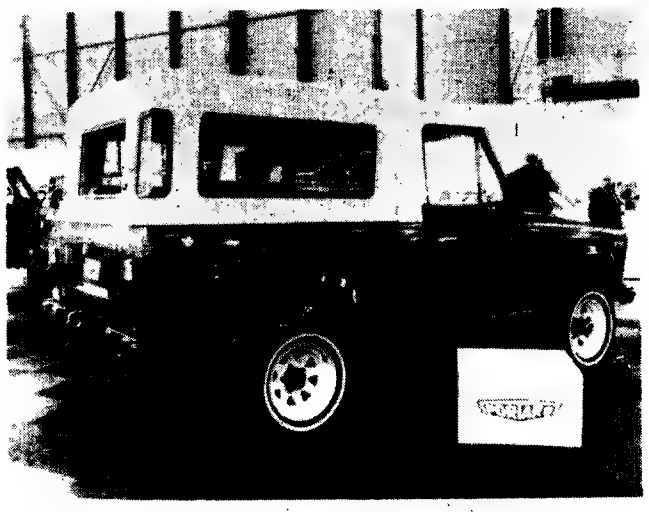
Para constar e não ser alegada ignorância, se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 9 de Fevereiro de 1982

O Presidente da Câmara
Hélder da Silva Nobre Madeira

informação
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

pessoas & factos



Jeep Portaro apresentado com êxito no salão de Géneve

O jeep «Portaro» fabricado em Portugal foi apresentado com grande êxito no Salão Internacional do Automóvel, que está a decorrer em Genéve.

Trata-se de um produto fabricado numa base de cooperação luso-romena e que está a despertar enorme interesse no meio automóvel internacional pelas potencialidades que apresenta como «todo-o-terreno» versátil e de múltiplas utilizações.

Director do Secretariado Internacional da Lã visitou Pequim

O director do Secretariado Internacional da Lã, Gerald Laxer, discutiu recentemente em Pequim com altas individualidades chinesas o futuro da indústria têxtil na China e a continuidade da sua associação com o Secretariado Internacional da Lã.

De acordo com informações da Chinatex, a expansão da actual indústria têxtil chinesa deve-se sobretudo à procura interna de artigos de lã. Na última estação a China importou o equivalente a 22 000 toneladas de lã lavada da Austrália e 26 000 toneladas da Nova Zelândia.

Novo representante da Varig em Portugal

Paul de Nagy é o novo representante da Varig em Portugal, substituindo Hélio Coelho que foi transferido para Paris.

Filho de pais húngaros, Paul de Nagy nasceu em Lisboa a 7 de Abril de 1934, adoptando posteriormente a nacionalidae brasileira.

Começou a trabalhar em 1959 na Panair do Brasil como chefe de escritório do Porto, passando depois a chefe de vendas.

Em 1965 ingressou na Varig como gerente comercial até 1969, ano em que foi para a África do Sul como representante.

Vitos apresenta malhas e pronto a vestir

Vitos apresentou em Lisboa, na Estufa Fria, os seus modelos de malhas e pronto a vestir.

Uma série de conjuntos práticos e variados, para todas as horas do dia, com predominância dos beges e cinzas, caracterizaram o desfile.

Almoço de homenagem a Costa Gomes

Aumentam as adesões ao almoço-convívio de homenagem ao marechal Costa Gomes, que amanhã se efectua no Pavilhão dos Desportos.

Para além dos muitos nomes de oficiais já divulgados, registam-se, entre os civis, os de João Cravinho, Fernando Piteira Santos, Aquilino Ribeiro Machado, Herberto Goulart, Sousa Marques, Igrejas Caeiro, Lino Lima, Maria Antonia Palla, Álvaro Rana Laginha Serafim, Lia Viegas, Luísa Irene Dias Amado, Esteves Belo, Vasco Pinto Leite, Manuel Tito de Morais, Carlos Candal, Octávio Pato, Carlos Botelho, Maria Lamas, António Vitorino de Almeida, João Abel Manta, Fernando Lopes Graça, Mário Murteira, José Cardoso Pires, Rui Grácio, Ramon de La Feria, José Manuel Nunes, Beja Santos, Luís Francisco Rebello, Io Apolloni, Luzia Maria Martins, Gualter Basílio, Silas Cerqueira, etc.

II Congresso dos Escritores: o Po

Começou formal, com informalidades individuais, e terminou formal, com individuais informalidades, o II Congresso dos Escritores Portugueses.

Bem organizado, foi um espaço privilegiado de liberdade, mas também tempo único para a «mundanal figura» do escritor-escrevente, mais escrevente que escritor.

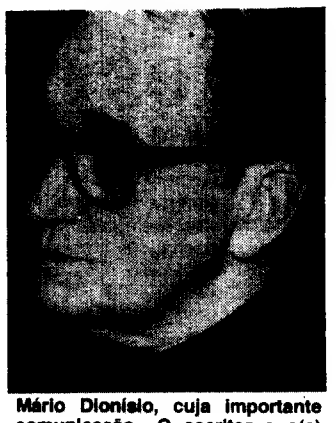
No cômputo geral, há que dizer, contudo, que foi positivo este Congresso: a presença das delegações africanas, as grandes questões levantadas pelas novas literaturas, a proposta da criação de um Prémio de Noveslítica, a reflexão irreverente sobre o Poder (de Abelaira, por exemplo, quando o Poder, na suas várias expressões, estava presente em força), a intervenção no Congresso com a qualidade, com o rigor de Mário Dionísio, decisivo para que a Carta Reivindicativa fosse aprovada, sem votos contra, apenas com asbtenções pontuais.

Os problemas socioprofissionais foram marcantes nas cerca de 80 comunicações para a atenção de mais de 300 congressistas. As relações do escritor com a comunicação social estatizada, o espaço de alienação em que se transformou a RTP, o «écran» do silêncio para a viva literatura portuguesa, mereceram as duras críticas de algumas intervenções. E tudo terminou, depois de três intensos dias de trabalho, encerrados por Urbano Tavares Rodrigues, num jantar, numeroso pelas iscrições, no hotel Penta. Foi o segundo (Congresso) à espera do terceiro.

Urbano: «O Congresso continua...»

«As motivações culturais estão a ser silenciadas em Portugal nos órgãos de Comunicação Social» – afirmou Urbano Tavares Rodrigues na sessão de encerramento do II Congresso dos Escritores Portugueses, que, durante três dias, decorreu na Fundação Gulbenkian.

Considerando que o encontro se realizou «num climna francamente preocupante», atendendo a que a vida cultural portuguesa se encontra «cercada de perigos» por falta de «uma política verdadeiramente democrática», Urbano Tavares Rodrigues, presidente da APE, felicitou-se com a Carta Reivindicativa aprovada pelo plenário, a qual, na opinião de um congressista, é a «Constituição» do escritor português.



Mário Dionísio, cuja importante comunicação «O escritor e o(s) poder(es) não mereceu, por circunstâncias várias, o debate que exigia, foi um dos congressistas que, pela sua intervenção de ontem, levou à aprovação da Carta Reivindicativa

Urbano fez ainda uma referência à literatura posterior ao 25 de Abril; literatura essa «que já deu frutos da melhor qualidade, nem sempre perceptíveis a todos os olhares». (...) «Verifica-se – disse – o aparecimento de novas linguagens, desde as preferências temáticas e a organização dos eventos à própria matéria verbal, expurgada de tabus que nos oprimiam.»

O orador informou depois o plenário da intenção da Comissão Executiva do Congresso e da APE de o continuar para além dos dias da sua realização: «Como nada se consegue sem luta, de luta vai ser a continuação do Congresso, de luta firme e tenaz pela obtenção das legítimas aspirações aqui apresentadas e debatidas».

Antecedendo as palavras de Urbano Tavares Rodrigues, e para além da aprovação de moções de diverso teor (éticas, socioprofissionais, etc.), e da Carta Reivindicativa, as delegações estrangeiras presentes saudaram, em breves palavras, os congressistas. As delegações eram da URSS, Bulgária, Espanha, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e (muito aplaudida) Galiza.

A África entre nós

A presença das delegações de todos os países africanos de expressão portuguesa no II Congresso dos Escritores será o acontecimento com maiores consequências dos três dias de trabalhos e comunicações em que os escritores portugueses, qualquer que fosse o quadrante estético-literário onde se inscrevem, reflectiram em conjunto sobre a sua situação no espaço português, no espaço da língua portuguesa.

Ainda ontem ao fim da manhã as delegações africanas, à excepção da moçambicana que se enganou na hora, puseram-se à disposição dos jornalistas para o relato das experiências que prosseguem nos seus países porque, como diria Maria da Conceição Lima (S. Tomé) **com a independência toda a gente escreve.**

Todas as delegações presentes apontaram o grande problema com que se enfrentam – a edição e divulgação das obras, em países cujas prioridades passam ainda pela alfabetização e escolarização. Uma outra constante seria posta na necessidade de privilegiar o contacto entre os países de Língua portuguesa.

Outro reconhecimento que vale como o enterro do complexo de colonizado foi referido por António Cardoso e reafirmado pelas outras delegações: **Nunca em tempo algum tantos textos de escritores portugueses foram lidos em Angola.**

Manuel Ferreira fora o anfitrião

António Cardoso, poeta de Angola:

"Um livro de poesia esgota-se em

Um livro de poesia de 10 mil exemplares esgota-se em três meses. E já temos um milhão de pessoas alfabetizadas. António Cardoso, secretário-geral da União de Escritores Angolanos, dava uma imagem da fome de saber de um povo que comunga da nossa língua, num colóquio sobre literatura angolana, realizado nas instalações da Associação de Amizade Portugal-Angola, com a presença de Maria Eugénia Neto, Manuel Rui Monteiro e António Cardoso, a delegação angolana presente ao II Congresso dos Escritores.

Maria Eugénia Neto apresentou os seus camaradas escritores e a literatura que hoje se produz no seu país, mas sempre numa perspectiva política: **Literatura e luta andam de mãos dadas.**

Urbano Tavares Rodrigues, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, apresentou a delegação à assistência em que se via o brigadeiro Pezarat Correia, o coronel Carlos Vilhena, o embaixador de Angola em Portugal, Adriano Sebastião, José Cardoso Pires, Manuel Ferreira, Gualter Basílio, Rogério Paulo Hugo Blasco Fernandes. Na apresentação, Urbano Tavares Rodrigues manifestou a sua convicção de que há uma literatura em Angola **que começa a aproximar-se da literatura latino-americana.** Estaríamos perante um fenómeno de **angolanidade.**

Manuel Rui Monteiro (ao fim da tarde do primeiro dia do Congresso seria esperado à porta da Gulbenkian por um seu amigo dos tempos de Coimbra, Vital Moreira), diria como apresentação: **Não gosto de actos formais. O único acto formal de que gostei foi o da nossa independência.**

Pouco ou nada disse da literatura que se produz no seu país, quase se limitando a ler um poema de Agostinho Neto. E a garantir: **Já destruí todos os complexos de colonizados.**

Um balanço para o futuro

Caberia a António Cardoso fazer um balanço do que se está a fazer hoje em Angola em prole da cultura. Para tanto lembrou que a União dos Escritores Angolanos nasceu em 10 de Dezembro de 1975, exactamente no dia comemorativo da fundação do MPLA (**a síntese mais perfeita do povo angolano,** na sua expressão). **Todos os escritores angolanos estiveram sempre com o MPLA. Não conheço nenhum escritor, cantor, músico, pintor que fosse dos «fantoches», UNITA e FNLA. Tudo o que era válido e digno está no MPLA.**

Por outro lado, garante António Cardoso que **não haverá ao sul do Sara uma união que tenha tantos escritores (cerca de 60) e livros publicados.**

Não desliga o poeta, que sofreu a prisão do Tarrafal, a realidade cultural da realidade política: **O nosso projecto de dignidade humana mantém-se. A nossa cultura sofre da realidade nacional. Morre neste momento muita criança.**

A língua comum, pela qual se encontram entre nós quatro delegações de África de ex-colónias, provoca uma **circunstância histórica em que transformamos o desencontro pelo encontro da fraternidade.**

Mas também há muitas dificuldades no investimento cultural angolano, houve e há muitos erros, reconhece António Cardoso.

Num clima de austeridade em que Angola vive **não podemos continuar a publicar as dezenas de obras (perto de 90) que estão à espera de edição. E temos testemunhos humanos extraordinários do que foi a primeira e a segunda guerra de libertação.**

Há um grande apetite pela cultura, mas os investimentos prioritários estão a ser postos ao serviço da educação e da publicação de livros escolares. Um pequeno parque gráfico, muito dele incapacitado de trabalhar por falta de peças e técnicos, não comporta a quantidade de obras de que os angolanos necessitam.

De qualquer modo, continuam a crer que em dia futuro poderão normalizar a produção de livros, recorrer menos à importação e recomeçar a publicar velhos poetas, como António Jacinto, com livros na gaveta.

Do futuro fala também António Cardoso: **Temos brigadas jovens de literatura em Luanda, em Benguela, em Cabinda, Huambo e Luangue.**

Chegava-se ao fim da sessão. António Cardoso soube que Cardoso Pires estava na sala. Lera-o muito mas não o conhecia. Pediu então se Cardoso Pires se podia levantar.

O que eu reflito na minha escrita do Tarrafal são os Esteiros, os desenhos de Pavia, os escritores do Nordeste brasileiro.

Quem é quem na delegação angolana

Maria Eugénia Neto nascida a 8 de Março de 1934, viúva de Agostinho Neto, que conheceu em 1948, tem dirigido o Boletim da OMA (Organização da Mulher Angolana). O seu conto **Nganguia** (herói nacional de Angola) foi publicado em **Femmes du Monde Entier,** no número especial comemorativo do 20.º aniversário da sua fundação. Tem um livro publicado **E nas Florestas os Bichos Falaram,** com três edições ilustradas por António P. Domingues e que foi recentemente galardoado com o

Literat

Uma das sessões do Congresso que se revestiu de grande interesse foi a dedicada à problemática da literatura infanto-juvenil.

Intervieram, com comunicações convergentes, embora cada uma se diferenciasse das outras por esta ou aquela «nuance», Maria Vitalina Leal de Matos («Reflexões sobre o ensino da Literatura: repensar o ensino d'**Os Lusíadas** a nível secundário »); Matilde Rosa Araújo («João de Barros e a literatura infanto-juvenil»); Maria da Conceição Brito («O vocabulário na literatura infanto-juvenil e o progresso pedagógico»); Isabel Faria, sobre a presença dos autores contemporâneos nos livros do ensino secundário(Orlanda Amarilis («Narrativa escrita e de banda desenhada para crianças»); Luís Carvalho Oliveira

oder da Língua

Carta Reivindicativa

Tendo como objectivo principal «uma participação activa na vida cultural do País», e reclamando «condições mínimas» que dignifiquem a sua situação socioprofissional, a Carta Reivindicativa ontem aprovada no II Congresso dos Escritores Portugueses assenta, nomeadamente, nos seguintes pontos:

A realização, em plena liberdade sem quaisquer dependências do poder político e económico, do seu trabalho criativo; um apoio eficaz e isento à edição de obras de interesse cultural, especialmente de novos autores; o rigoroso cumprimento, pelos editores, das disposições sobre fiscalização de tiragens; a incidência dos direitos de autor sobre os preços, bem como o seu pontual pagamento; a laboração de um contrato tipo entre autores e editores em que esses direitos sejam garantidos; bonificação dos empreendimentos de índole cultural no custo do papel, portes e tarifas de correio e transportes; etc.

Na explicitação da questão dos direitos de autor, a Carta recomenda «a efectiva participação dos organismos representativos dos autores nos trabalhos de revisão do actual código» (referido àqueles direito) e «a revisão da legislação sobre domínio público remunerado».

Quanto à Comunicação Social, a Carta alude à «participação dos escritores, sem quaisquer discriminações ideológicas ou outras, na programação cultural da RTP, RDP e Imprensa estatizada», sugere que, a seguir ao Telejornal, se mencionem os livros portugueses publicados durante a semana, bem como o seu lançamento.

No âmbito do ensino, propõe-se «a inclusão de um maior número de escritores portugueses vivos, sem discriminações ideológicas, nos programas de literatura escolares.»

Quanto à profissionalização, a Carta recomenda «o acesso dos escritores aos meios de Comunicação Social estatizados (Rádio, TV, Imprensa) no tocante a trabalhos de incidência cultural», acentuando que ele dever processar-se com a exclusão de «situações de compadrio e clientelismo político.»

Por falta de espaço, o «DL» inserirá a Carta Reivindicativa no seu suplemento literário.

da Língua portuguesa em Africa.

A memoria da guerra colonial começa a ser agora recuperada em termos de ficção. Um Congresso de Língua Portuguesa seria a síntese, consoante a proposta da Comissão Executiva do Congresso , do complexo de colonizador e colonizado enterrado por uma grande força comum: a **Língua.**

Eugénia Neto: «Literatura e luta andam de mãos dadas»

em três meses"

Prémio de Honra da Comissão da RDA para a UNESCO, durante a feira-exposição de Leipzig, intitulada **Os Mais Belos Livros do Mundo.** Editado pela União dos Escritores Angolanos sairá brevemente a lume um livro de poemas de Eugénia Neto – **Foi Esperança e Foi Certeza.**

António Cardoso, nasceu em Luanda a oito de Abril de 1933. Por pertencer ao MPLA esteve preso no Tarrafal desde 1961 a um de Maio de 1974. Colaborou no grupo da **Mensagem** (Luanda) e **Cultura,** a cujo corpo redactorial pertenceu. Além dos **Poemas de Circunstância,** o seu primeiro livro de poemas, tem uma obra vária publicada em editoras portuguesas e **21 Poemas da Cadeia,** na colecção **Cadernos Lavra $ Oficina** da União dos Escritores Angolanos.

Manuel Rui Monteiro, natural de Nova Lisboa (Huambo), onde nasceu em 1941, licenciou-se em Direito (1969) na Universidade de Coimbra, exerceu advocacia em Viseu, colaborou na **Vértice,** coordenou o **Sintoma,** suplemento literário do **Jornal do Centro** e escreveu crónicas na **«Mosca»** do **Diário de Lisboa.**

Começando com **Poesia Sem Notícias** (1967) a última obra que se lhe conhece é um conto datado de 1979: **Cinco Dias Depois da Independência.**

atura infanto-juvenil

(«Situação e perspectivas da literatura infanto-juvenil em Portugal»); e, num trabalho colectivo, Indalécia Cabrita, Leonoreta Leitão e Lília da Fonseca («Situação e perspectivas da literatura infanto-juvenil em Portugal»).

Porque acompanhada de uma proposta apresentada à consideração dos presentes, a comunicação de Indalécia, Leonoreta e Lília, foi o tema central do debate que se seguiu à leitura dos títulos atrás mencionados.

Entre as medidas constantes da proposta, mais tarde transformada em moção destinada ao plenário de hoje, figuram «uma campanha nacional que sensibilize a população portuguesa para o livro infantil e juvenil, através do esclarecimento da sua missão, quer como meio de diversão da criança, quer como instrumento de formação e informação»; a realização de um filme que, inserindo-se no tema da campanha, constitua ao mesmo tempo uma chamada de atenção para o original português, sendo exibido nas empresas, na TV e nas salas de cinema; «o regresso dos serviços literários da Direcção-Geral da Educação Permanente ao livro infantil português (...) e o «alargamento da acção do Instituto Português do Livro no fomento do original português.»

Para tal, seria criado um serviço de originais e uma comissão de leitura, integrada por um elemento designado pelo IBBY (Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil) – e um sistema de subsídios que, considerando quatro tipos de livro, estabeleceria para cada um, «tendo em conta as suas características e custo básico, o subsídio correspondente.»

economia

Transferindo a crise para o exterior

Administração norte-americana insiste nas altas taxas de juro

A Administração Reagan, apesar dos recentes protestos contra a sua política económica, por parte dos aliados europeus, tenciona levar avante os seus planos para combater a persistente inflação norte-americana.

Autoridades em Washington disseram que o Governo é sensível às preocupações europeias sobre as altas taxas de juro praticadas pela banca dos Estados Unidos, mas acreditam que qualquer recuo no programa orçamental e de cortes fiscais do Presidente Reagan seria muito mais pernicioso para as economias europeias do que a sua actual recessão.

A taxa de inflação norte-americana desceu substancialmente nos últimos meses até números de um só algarismo. As taxas de juros permaneceram, porém, espantosamente altas, ajudando o país a recuperar de uma das piores recessões económicas dos últimos anos.

As taxas de juro, actualmente entre os 16 e 17 por cento, atraíram o investimento externo, fortaleceram o dólar norte-americano e forçaram os europeus a competir no investimento, aumentando as suas próprias taxas de juro.

Os dirigentes europeus queixam-se de que a intransigência de Washington é uma ameaça à Aliança Atlântica e mina os objectivos políticos externos dos Estados Unidos.

A questão das altas taxas de juro norte-americanas envolve inevitavelmente um subsequente fortalecimento do dólar, o que tem forçado os europeus a pagar mais pelo petróleo, já que o preço das ramas é estabelecido em dólares nos mercados mundiais.

Os Estados Unidos podem tomar um certo número de medidas para contrabalançar as preocupações europeias, incluindo uma intervenção nos mercados internacionais de câmbios para apoiar as moedas dos países do Velho Continente.

Os conselheiros de Reagan, todavia, acreditam que esta acção falhou no passado e mantiveram a posição de que só interviriam se os mercados se tornassem altamente desequilibrados.

O presidente do Fundo de Reserva Federal, Paul Volcker, pensa também que o Banco Central deverá agarrar-se à sua política de manutenção de uma massa monetária relativamente controlada, embora os críticos digam que este tem sido o factor-chave por detrás das altas taxas de juro.

Volcker considera que recuar seria um sinal para os mercados financeiros de que os Estados Unidos estavam a abandonar o ataque à inflação, uma acção que em si mesma faria subir essas taxas.

Em contrapartida, a Administração concorda com esta fundamentação argumentando que qualquer tentativa para travar as medidas de política económica em curso só poderia exacerbar os problemas económicos.

A posição da Administração Reagan foi delineada em conversações separadas tidas em Washington, o mês passado com o ministro alemão federal para os Assuntos Económicos, Otto Lamdsdorff, o primeiro-ministro belga, Wilfried Martens, e o ministro luxemburguês dos Negócios Estrangeiros, Collette Flesch.

Os europeus estão particularmente aborrecidos com as mais recentes previsões da Casa Branca, segundo as quais os Estados Unidos, em parte devido a uma das maiores aplicações de verbas no campo militar da sua história, esperam ter durante vários anos expressivos défices

No passado, Reagan disse que baixar impostos e abrandar o crescimento da burocracia federal estimularia a economia, permitindo um orçamento equilibrado até 1984.

Os estrategos de Reagan acreditaram que a sua política económica poderia também permitir aos Estados Unidos o rearmamento militar, que segundo eles tem sido negligenciado desde há anos, enquanto a União Soviética tem substancialmente aumentado o seu poderio bélico.

Escudo alinha mais pelas moedas europeias

A nova fórmula de cálculo da taxa de câmbio efectivo do escudo deverá ser aplicada num prazo inferior a um mês – confirmou o vice-governador do Banco de Portugal, Rui Vilar.

Esta medida foi anunciada, recentemente, pelo governador, Jacinto Nunes, visando atenuar os efeitos da revalorização do dólar e tornar mais competitivas as exportações portuguesas para os países europeus.

A nova fórmula vai diminuir o peso do dólar no cesto de 118 moedas que entram no cálculo da taxa de câmbio efectiva do escudo.

Consequentemente será aumentado o peso das moedas europeias, particularmente da libra, do franco francês e do marco.

A taxa de câmbio efectiva do escudo é calculada pelo relacionamento da moeda portuguesa com 18 moedas, ponderada a sua participação relativa pela importância das relações económicas de Portugal com os respectivos países.

Esta alteração visa, também, evitar que o escudo se revalorize relativamente às principais moedas europeias, como tem acontecido recentemente, o que, para além de tornar as exportações portuguesas menos competitivas, torna menos atractivo o envio para Portugal das remessas por parte dos emigrantes e penaliza os turistas provenientes dos países europeus.

O nível da desvalorização deslizante do escudo (0,75 por cento ao mês), decidido no fim do ano passado, deverá manter-se em termos globais.

Com provavel adesão à Convenção de Lomé

Perspectivas de cooperação de Angola e Moçambique com a CEE

O Governo de Luanda está disposto a participar nas negociações da Terceira Convenção de Lomé – disse quarta-feira à ANOP em Bruxelas o embaixador de Angola, na capital belga, Fernando Van-Dunem.

Uma fonte ligada à Comissão Europeia, indicou, por sua vez, que o Governo de Moçambique manifestou já, oficiosamente, idêntica intenção.

A Convenção de Lomé, que conhece já duas «edições», associa as Comuidades Europeias a 60 países da África, Caraíbas e Pacífico, constituindo o instrumento essencial da política dos «dez» em relação ao Terceiro Mundo.

Angola e Moçambique são, de momento, os únicos Estados soberanos da África Negra não integrados neste convénio.

O embaixador angolano admitiu que as possibilidades de adesão são hoje maiores do que há um ano, mas sublinhou que o país não está em condições de dar esse passo, «enquanto estiver sujeito à ocupação constante de uma parte do seu território por tropas da África do Sul»

«A situação de guerra» – disse – « não nos garante que possamos honrar, como sempre temos feito, os compromissos internacionais decorrentes da Convenção de Lomé e não permite assegurar o usufruto dos benefícios que a adesão poderia eventualmente trazer».

Os «dez» reservaram para a cooperação com Luanda e Maputo uma verba global de nove milhões de dólares (cerca de 600 mil contos) correspondente a 5 por cento da rubrica «desenvolvimento», inscrita no Orçamento Comunitário.

«Segundo um consenso existente entre os Estados membros, a aplicação destes meios financeiros implica a adopção de posições mais claras dos dois países em relação à Convenção de Lomé, que constitui o quadro natural da cooperação com as comunidades» – disse à ANOP um alto funcionário diplomático da RFA.

A República Federal da Alemanha tem sido apresentada como o país comunitário mais empenhado em criar uma dependência directa entre a continuidade da ajuda dos «dez» e a adesão dos dois Estados à Convenção.

Os dois Governos parecem, de resto, dispostos a participar neste processo, mas nem Luanda nem Maputo assumiram, até agora, quaisquer compromissos quanto ao desfecho das negociações.

É importante recordar que Moçambique solicitou a adesão ao Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME ou COMECON), posição que levanta indiscutíveis obstáculos na sua aproximação à CEE.

Os meios comunitários contactados pela ANOP em Bruxelas mostraram-se muito discretos em relação a este facto, evitando, afirmar, que termos precisos, se a participação na Convenção de Lomé, é absolutamente incompatível com a adesão ao bloco económico liderado pela URSS.

Um funcionário da Comissão Europeia sublinhou que a verba prrvista para o apoio a Angola e Moçambique não foi aplicada noutros países, considerando, por isso, que não pode falar-se de uma «suspensão» da ajuda da CEE.

A mesma fonte afirmou, de resto, que a Comissão não interpreta a posição dos Estados membros como a imposição de uma condição prévia para a aplicação dos meios financeiros disponíveis.

Ministro da Indústria de Moçambique vem a Lisboa

O ministro da Indústria e Energia de Moçambique, António Lima Branco, chega a Lisboa na terça-feira em visita oficial a convite do seu homólogo português, Baião Horta.

Da agenda de trabalhos faz parte a análise da cooperação entre os dois países nos aspectos de asistência e participação de empresas portuguesas na recuperação e desenvolvimento da indústria metalomecânica pesada e de outros sectores industriais e formação profissional no domínio industrial.

Será feito um balanço da implementação do acordo de cooperação, no sector eléctrico e eventual actualização, serão discutidas a assistência técnica ao sector do turismo e formação profissional e formas de implementação das acções acordadas no sector de geologia e minas.

Gulbenkian estuda projectos em Maputo

A Câmara de Comércio de Moçambique ofereceu ontem no Maputo um jantar volante à delegação da empresa portuguesa Partex, associada da Gulbenkian, que tem vindo a desenvolver negociações

Da delegação portuguesa fazem parte Vítor Sá Machado e Guimarães Lobato, o primeiro dos quais tem mantido outros contactos com ministros moçambicanos, na qualidade de administrador da Gulbenkian.

O presidente da Câmara do Comércio, Armindo de Brito, saudou os visitantes e defendeu «uma cooperação liberta de preconceitos», de forma a aproveitar o que de útil houver mum passado de séculos.

Guimarães Lobato referiu a «nova etapa aberta pela visita do Presidente da República Portuguesa» e, falando também em nome de Sá Machado disse estar convicto da realização muito próxima de alguns projectos.

Holandeses querem que a Europa seja militarmente independente

Uma sondagem publicada sexta-feira pelo jornal «Volksrant» revela que os holandeses inquiridos pensam que a Europa não deve continuar sob a dependência militar norte-americana e que deve ser ela própria a cuidar da sua defesa.

A sondagem mostra uma elevada atitude crítica por parte dos holandeses em relação à política norte-americana quanto ao emprego de mísseis nucleares, a América Central e aos Direitos Humanos.

Os Estados Unidos são um fiel aliado para 45,9 por cento dos inquiridos, 48 por cento afirmaram que a Europa Ocidental é capaz de organizar a sua própria defesa sem a ajuda de Washington, 41,3 consideram que os Estados Unidos têm um papel importante a desempenhar na Europa, enquanto 10,7 por cento se manifestaram indecisos.

Quanto aos Estados Unidos serem ou não uma ameaça para a paz mundial, 36,8 consideraram que Washington é uma «grande ameaça», 32,6 por cento que é «uma pequena ameaça», 20 por cento pensam que de Washongton «não vem qualquer tipo de ameaça» e 10,5 mostraram-se indecisos.

SS-20

A União Soviética prosseguiu em Fevereiro a instalação dos seus foguetões SS-20, e prevê actualmente 39 bases para um total de 351 foguetões SS-20, indicou-se ontem em Bona de fonte militar competente.

Sete dessas bases estão a ser construídas. A 32.ª foi concluída no mês de Fevereiro, na parte europeia da URSS, precisa-se da mesma fonte, e já está equipada com os seus foguetões.

Protestantes moderados ganham em Belfast

Os protestantes de Belfast-Sul elegeram um moderado para o Parlamento britânico, inflingindo uma rotunda derrota ao candidato do dirigente extremista, reverendo Ian Paisley, que ficou em terceiro lugar nas eleições parciais de quinta-feira.

O reverendo Martin Smith, Grão-Mestre da Ordem de Orange e candidato do Partido Unionista oficial, obteve o assento deixado vago pelo assassínio do reverendo Robert Bradford, em Novembro.

A eleição parcial, num círculo eleitoral de maioria protestante, era vista com um teste para as pretensões de Paisley à chefia da comunidade protestante da Irlanda do Norte.

A vitória de Smith significa que os unionistas oficiais conservam cinco dos 12 assentos atribuídos a deputados do Ulster entre os 635 da Câmara dos Comuns. O partido de Paisley ocupa três, dois outros partidos protestantes têm um cada e os restantes pertencem a católicos.

Campanha de intoxicação

Fontes do Ministério da Defesa consideraram falsas as cartas que ultimamente têm aparecido em alguns jornais e têm sido atribuídas a militares que opinam em tom crítico sobre a situação política espanhola.

As mesmas fontes informaram que foram feitas investigações sobre os nomes que assinam as cartas, tendo-se chegado à conclusão de que são falsas, pois tais oficiais não existem.

Atribuíram a existência destas cartas a uma «campanha de intoxicação» relacionada com a actual celebração do julgamento dos militares acusados no golpe de 23 de Fevereiro do ano passado.

Meios militares do Ministério da Defesa manifestaram-se preocupados com este estado de coisas.

Uma ameaça de «Carlos»

«Carlos, o Chacal» escreveu uma carta de ameaça ao ministro francês do Interior, Gaston Deferre, exigindo a libertação de dois amigos que estão presos – anunciou o Ministério.

A carta vinha autenticada pelas impressões digitais dos polegares de Illich Ramirez Sanchez, o venezuelano mais conhecido pelo seu nome de guerra «Carlos», que é procurado pelas Polícias de vários países.

A carta foi recebida há três dias na Embaixada francesa de Haia e remetida para o Quai d'Orsay.

«Exijo a libertação de dois amigos terroristas», diz, «senão, tomarei pessoalmente a meu cargo o caso com o Governo francês e, em particular, com Gaston Deferre.»

Carlos, 32 anos, exige a libertação de Bruno Breguet, suíço de 31 anos, e de Magdalena Kaupp, alemã federal de 34 anos, presos a 17 de Fevereiro em Paris.

Brejnev "ao vivo e em directo" ontem pela TV soviética

O presidente soviético, Leonid Brejenev, foi ontem visto por milhões de espectadores, que assistiam à transmissão directa pela televisão da cerimónia comemorativa do Dia Internacional da Mulher.

A participação de Brejenev na referida cerimónia, efectuada no teatro Bolschoi de Moscovo, veio desmentir rumores de que o líder soviético teria morrido.

Brejenev, 75 anos, foi recebido com uma estrondosa ovação por parte do público presente no teatro, quando se dirigiu para a tribuna de honra acompanhado do primeiro-ministro Nicolai Tikhonov e outros dirigentes.

Durante a cerimónia, foi lida uma mensagem do Comité Central do Partido Comunista Soviético na qual se reconhece a «enorme contribuição das mulheres na luta revolucionária e na construção da sociedade socialista».

A mensagem assinala que metade dos deputados dos sovietes locais e um terço dos representantes no Soviete Supremo são mulheres e acrescenta que estas dirigem o trabalho de mais de metade das organizações sindicais e de juventude.

Remodelação

Alexei Ivanovitch, de 67 anos, membro do Comité Central do PC Soviético, foi ontem «dispensado» das suas elevadas funções de presidente do Conselho Central dos Sindicatos da URSS, indica Rádio Moscovo. Será substituído nesse cargo por Stephane Challaeev, de 53 anos.

Esta decisão foi tomada em sessão plenária do Conselho dos Sindicatos, à qual assistiu Constantino Tchernenko, membro do Politburo e um dos secretários do PCUS.

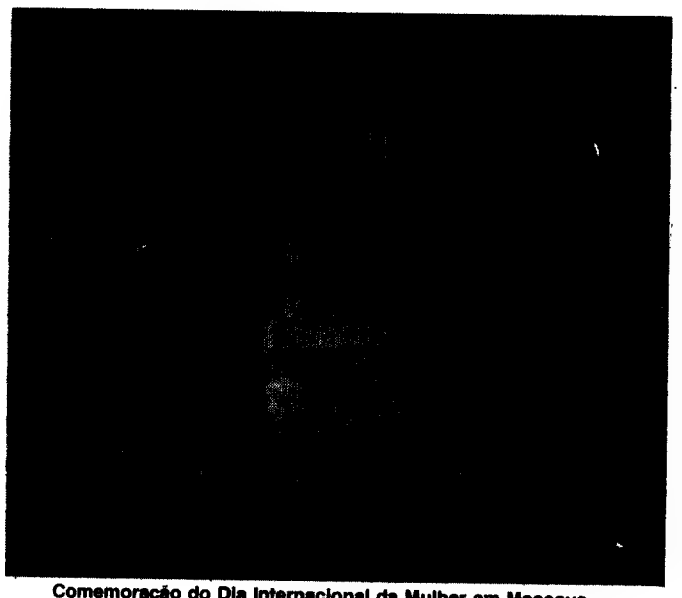
A Rádio soviética não precisou as razões da presente remodelação.

Explosão

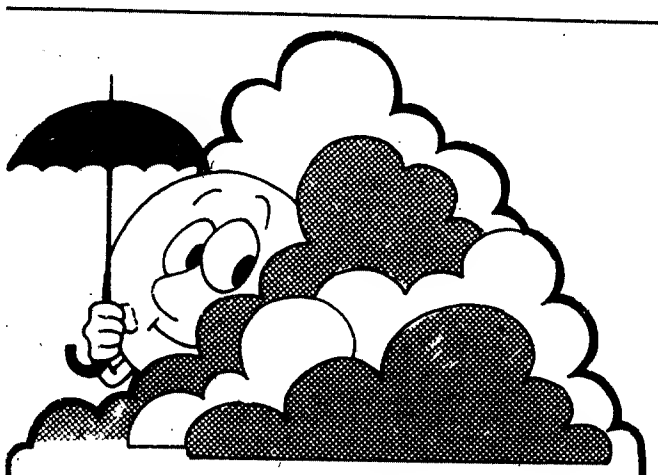
Uma explosão ocorreu numa fábrica de equipamentos para a navegação espacial, a cem quilómetros de Moscovo, disseram habitantes da zona.

As mesmas fontes, acrescentaram que a explosão ocorreu numa empresa que executa peças para naves espaciais.

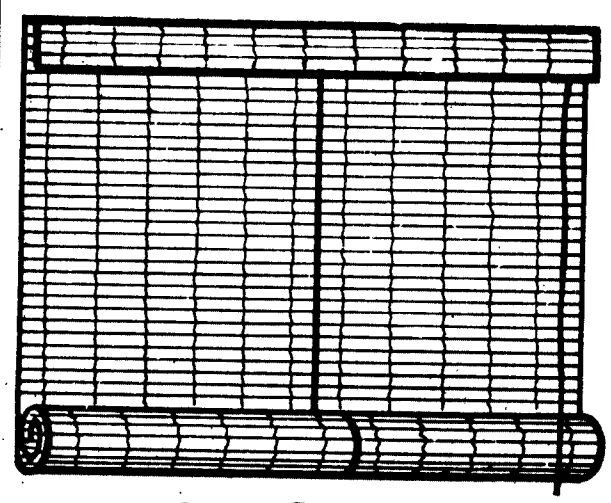
Os informadores acrescentaram que o acidente causou várias mortes e que da zona de recreio, na estrada Moscovo-Leninegrado, habitualmente acessível a estrangeiros, foi isolada.



Comemoração do Dia Internacional da Mulher em Moscovo, numa cerimónia realizada no «Teatro Bolshoi», com a presença de Brejnev. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)



COM SOL OU CHUVA CONTROLE A INTENSIDADE DA LUZ



ESTORES DE ENROLAR

EM RIPAS DE MADEIRA
EM VÁRIAS CORES
ISOLANTE TÉRMICO E ACÚSTICO
ALTAMENTE RESISTENTE À LUZ SOLAR
Ideal para marquises, janelas, escolas, locais de trabalho

BARROS & BARROS, LDA.

R JOSE DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

No Algarve, junto a Portimão e a 80 metros do Mar...

Compre já a sua habitação de férias ou investimento

até 48 mensalidades desde 4.800$00 sem entrada inicial, nem fiador

Somos uma importante empresa de empreendimentos Urbano-Turísticos, proprietária - - entre outros -- de um conjunto de moradias grupadas, com ampla vista sobre o mar, prontas a habitar (hoje mesmo), totalmente mobiladas e equipadas com os melhores electrodomésticos, aparelhagem stereo e TV a cores, com capacidade de alojamento até 8 pessoas (adultos/crianças).
Nesta experiência "piloto" que pretendemos vir a alargar a outros empreendimentos de nível europeu, em curso e de grande envergadura (AMADO'S COUNTRY CLUBS, Vila do Bispo/TURISBEL, Lagoa Óbidos/COLINAS, ESTORIL) preparamos uma arrancada para fomento interno do desenvolvimento Turístico nacional, possibilitando *casa própria para férias, e/ou investimento*, a interessados idóneos e com nível sócio-económico compatível, para garante do pontual pagamento das aquisições *totalmente a prestações mensais desde 4.800$00* sem obrigatoriedade de entrada inicial, nem fiador, e com imediata ESCRITURA NOTARIAL de compra e venda em REGIME de COMPROPRIEDADE.
Aceitamos PEDIDOS DE INSCRIÇÃO de compra — sem qualquer compromisso para nós — a fim de procedermos à necessária selecção.
Os pedidos, em carta ou postal, são considerados por ordem de chegada, contendo: nome - idade - profissão - local de trabalho - morada completa, sem o que serão anulados.
Respostas para: *Departamento de Marketing Espaço-Férias.*

R. do Alecrim, 65-3.º
1200 LISBOA PORTUGAL
APARTADO 21005 — 1126 LISBOA CODEX
END. TELEGRÁFICO URBANITEL
TELEX N.º 15684 REOR P.
TELEFONES 32 61 81/2/3/4

urbanitel S.A.R.L.

CONCEITO NOVO DE PROPRIEDADE TURÍSTICA

Irão

Dez mil presos libertados

O «ayatollah» Khomeiny ordenou a libertação de dez mil presos ao abrigo de uma amnistia concedida para comemorar o terceiro aniversário do derrube do xá – anunciou a agência noticiosa iraniana.

Segundo a «IRNA» a amnistia será aplicada a cerca de sete mil pessoa condenadas pelos tribunais revolucionários e a cerca de três mil julgadas pelos tribunais ordinários.

O «ayatollah» Musav – Tabrizi fez este anunciou durante uma conferência de Imprensa que deu depois de inspeccionar a prisão de Tabriz, cidade do noroeste iraniano.

Entretanto o Governo iraniano anunciou ter feito fracassar uma tentativa de golpe por forças monárquicas.

Por outro lado, o procurador geral iraniano, «Hojatoleslam» Hossein Tabrizi, revelou que a organização guerrilheira «Mujaheden Khalq» tentou sem êxito fazer explodir a casa do «ayatollah» Hossein Ali Montazari.

a semana

Encontro falhado

Muitos historiadores interrogam-se ainda sobre se teria sido possível que a civilização romana enveredasse por rumos diferentes daqueles que todos conhecemos. Defendem alguns que o ponto de viragem se situa nas tentativas de reforma do primeiro Graco. Se elas tivessem sido aceites, toda a história de Roma (e a nossa) teria sido diferente. Vistas as coisas a esta distância de séculos, tendemos para encolher os ombros e deixar-nos embalar pela convicção de que a história vivida foi a única possível. Tendemos, pois, a considerar estas inquietações de alguns como «metafísicas». Mas, assim como a história do passado nos ajuda a situar o presente, assim os acontecimentos de hoje iluminam restrospectivamente os caminhos de outras eras.

Neste momento, vive-se na América Central e nas Caraíbas uma dessas situações em que várias alternativas saõ objectivamente (ou parecem sê-lo) possíveis. Um desses momentos de viragem, em que a vitória de Graco parece possível. Os começos dos Anos 80 serão vistos no futuro como determinantes para os rumos que o Império Americano tiver vindo a tomar. As relações entre Washington e os seus vizinhos mais próximos do continente americano estão no centro do problema. Já se sabe – até Reagan e os seus correlegionários, redactores do infame documento de Santa Fé o sabem – que as relações até agora existentes entre essas duas Américas morreram. Chegou a hora inadiável de fazer nascer outras.

A escolha cabe neste momento a Washington. É aos EUA que compete agora decidir se as mudam a bem, ou se enfrentam uma mudança a mal. Isto porque ainda é possível, pelo menos ainda parece possível mudá-las a bem.

O quadro em que essa mudança pode ocorrer é aquele que o presidente mexicano, Lopez Portillo, delineou no plano que honrosamente ostenta o seu nome. A ocasião em que esse plano foi apresentado, o local escolhido, são, já em si, sinais inequívocos de mudança. Lopez Portillo dirigiu-se aos EUA, aos herdeiros de Monroe, no momento em que era agraciado com uma condecoração portadora do nome de Augusto César Sandino, um dos heróis da luta anti-Monroe. Falou para Washington em Manágua, capital de um país, que, contra Monroe, acabou por vencer uma das ditaduras mais ferozes e mais apoiadas por Monroe, a dos Somoza.

Na sua formulação clara, esse plano consiste em cinco pontos fundamentais: a manutenção do não-alinhamento da Nicarágua; o compromisso, por parte da Nicarágua, de manter uma economia mista e de realizar eleições democráticas antes de 1985; a assinatura de um tratado de não agressão com os países vizinhos, Honduras e Costa Rica; patrulhas comuns, ao longo das fronteiras e clara delimitação da jurisdição militar; relações amigáveis com os EUA, baseadas em conversações sobre quaisquer pontos de conflito e a manutenção da paz regional.

Juntando a estes pontos declarações anteriores e posteriores de Lopez Portillo, situando-os na sequência da declaração que o México subscreveu com a França a propósito de El Salvador, resulta deste plano que o que ele visa é substituir definitivamente o **Diktat** e o espírito de confrontação por uma política de negociações e autodeterminação dos povos centro-americanos e das Caraíbas. Resulta implícito que qualquer solução dos problemas regionais passa por negociações entre os EUA e Cuba, pela cessação das ameaças, da chantagem, do intervencionismo (directo ou interposto) de Washington. Este apelo constitui um convite dirigido aos EUA para que revoguem a «doutrina Monroe» e a substituam pelas únicas «doutrinas», capazes de garantirem a paz nos tempos de hoje:a do pleno respeito pela soberania dos Estados, a da igualdade nas relações internacionais, a do direito dos povos a escolherem o seu próprio futuro.

Uma paz honrosa

Mas, sendo isto, este plano não é só isto: nele se deixa margem ainda para a contemplação dos interesses norte-americanos. Sendo um plano de mudança, não é um plano de ruptura. O que, acima de tudo, preocupa Portillo é a paz na América Central e nas Caraíbas. E, por isso, o que ele propõe aos EUA é que assinem desde já, uma paz honrosa antes que a guerra alastre e se torne incontrolável.

Para muitos «revolucionários» que passeiam o pêlo, incólume, pelos cafés, para esses a quem os mortos não cheiram mal, aceitar este plano poderá parecer uma cedência a um certo «reformismo». Parece. Mas não é. Porque, assim como os EUA se iludem (ou fingem iludir-se), ao colocar a luta em El Salvador como um confronto Leste-Oeste, não tendo em conta as razões da esmagadora maioria da população contra uma oligarquia, que há 50 anos exerce uma ditadura sistemática e uma espoliação sem limites, assim não devemos nós deixar-nos cair no erro de encarar os processos democráticos, as lutas de libertação que ocorrem na América Latina como embriões de revoluções marxistas.

A pergunta que se impõe fazer é esta: haverá possibilidades de transformar as sociedades locais, criando estruturas capazes de garantirem a justiça social há tantos séculos reclamada, sem romper com os EUA, sem se ver coagido à radicalização da política interna e externa que toda a ruptura com Washington necessariamente implica? Para Portillo, para muitos políticos de todos os continentes, para 104 membros da Câmara dos Representantes dos EUA, para jornalistas de todo o mundo, essa possibilidade existe. Ainda existe.

Mas para que exista tal possibilidade, haverá que mudar muita coisa no seio do Império Americano. Porque até agora tal nunca foi possível. E a essa profunda mudança que Lopez Portillo, que 104 congressistas dos próprios EUA convidam Washington.

Como se vê, o momento é crucial. Chegou a hora de os EUA optarem e determinarem como vai ser modelado o futuro próximo daquela região. Se persistem na via salvadorenha da mascarada «eleitoral» do 28 de Março, na via das manobras conjuntas com a NATO, já marcadas para 8 a 18 do mesmo mês, e que terão como palco a região do Golfo do México e as águas que separam os EUA de Cuba, se acaso caírem na tentação de criar um «incidente do Golfo de Tonquim», os EUA atearão um fogo de proporções incalculáveis, fogo que os consumirá no interior das suas próprias fronteiras e os isolará do mundo.

É esta a via que o plano Reagan pretende impor, com a sua ajuda económica e militar a regimes «amigos» e com a exclusão de governos, acusados pela Casa Branca de se terem «auto-marginalizado» do sistema americano.

Neste momento, pois, as duas opções que se abrem para a América Central e as Caraíbas são a da paz geral e honrosa para todos (incluindo os EUA), ou a da catástrofe.

A derrota da IS

É neste contexto que devemos apreciar a derrota política sofrida pela Internacional Socialista na América Latina, derivada da anulação pura e simples da reunião prevista para os dias 24 e 25 de Fevereiro em Caracas, capital da Venezuela.

O encontro, ao qual compareceriam dirigentes americanos, europeus e africanos da IS, era aguardado com a maior expectativa. Muitos dos dirigentes da IS, incluindo o seu presidente, Willy Brandt, e alguns dos vice-presidentes, como Felipe Gonzalez, haviam-se já pronunciado a favor do plano Portilli, atitude em nada surpreendente, pois vinha na linha de distanciação assumida por esses círculos em relação à política de Santa Fé. A assinatura da declaração franco-mexicana, o fornecimento de armas à Nicarágua por parte da França consideravam-se indícios seguros do que viria a ser a tomada de posição da IS.

A atitude generalizada que se podia deduzir, a partir das declarações de vários dirigentes da Organização, era a mesma que está subjacente ao plano Portillo: evitar que regimes como o da Nicarágua e o de Granada, por marginalização imposta, se radicalizassem, e fazer cessar o sofrimento dos povos salvadorenho e guatemalteco, abrindo-lhes perspectivas de solução negociada adentro de um quadro possível de cooperação e ajuda por parte do Ocidente.

De todos os importantes temas constantes da agenda da reunião de Carcas eram naturalmente, a questão da Nicarágua e a de El Salvador, as que mais expectativas (e esperanças) suscitavam.

Mas cedo se veio a saber que profundas divergências se desenhavam no seio da IS, entre por um lado, os partidos europeus (excepto o PS português) e os latino-americanos. Enquanto os primeiros (com a ressalva feita atrás) defendiam a Nicarágua e se recusavam a isolá-la e a fazer o jogo de Reagan, por eles considerado perigoso e contrário aos próprios interesses ocidentais, os partidos latino-americanos tinham dúvidas ou eram mesmo contrários a essa posição em relação aos sandinistas.

Uma comissão, integrada por Felipe Gonzalez, do PSOE, e Lionel Jospin, do PSF, ambos eles defensores da linha de Willy Brandt, deslocou-se então à América Latina tentando sanar as divergências. Mas o partido-anfitrião – a AD venezuelana – enviou um telegrama (subscrito também pelos «liberacionistas» da Costa Rica) ao presidente da IS, Willy Brandt, no qual ameaçava não realizar a reunião, pois se recusava a convidar os sandinistas (que desde 1979 têm participado como observadores nas sessões da IS).

Este telegrama foi decisivo: as divergências revelaram-se insanáveis, a reunião foi pura e simplesmente anulada, e a discussão dos temas centro-americanos reservou-se para a sessão do Presidium a realizar em Bona, nos dias 1 e 2 de Abril próximos.

As múltiplas declarações de vários dirigentes da Internacional Socialista, reafirmando o apoio à Nicarágua e ao plano Portillo, não bastam para camuflar esta derrota. Recusando-se como organização a pronunciar-se sobre o caso de El Salvador, antes das «eleições» de 28 de Março, a IS escolhe **de facto,** ainda que não **de verbo,** a opção Reagan. A sua incapacidade de sacudir as pressões dos EUA,a sua queda nas manobras divisionistas teleguiadas por Washington são uma derrota política de incalculáveis consequências para o futuro.

Depois das experiências de Frei no Chile, depois da actual governação da Venezuela, mas sobretudo, face ao exemplo de genocídio cometido em El Salvador por um governo democrata-cristão, tinha a IS um vasto campo aberto na América Latina para se substituir à desacreditada DC e para ser aquela terceira via, porventura ainda possível essa terceira via tão sonhada pelos membros da IS. Abstendo-se de se pronunciar sobre um problema do qual depende todo o futuro da América Central e das Caraíbas, tornando-se consentidora, pelo silêncio, da farsa do 28 de Março, todo o peso político, todo o ganho de prestígio que a IS poderia granjear, como organização, com o apoio à alternativa Portillo ameaça perder-se. Que interessa, depois de consumada a farsa em El Salvador, condená-la retroactivamente? Como é possível consentir em tal facto, elo essencial do plano Reagan, e, ao mesmo tempo, apoiar o plano Portillo?

Não há dúvida: a Internacional Socialista tinha um encontro marcado com a história em Caracas, nos dias 24 e 25 de Fevereiro. Mas lamentavelmente faltou ao encontro.

Alice Nicolau

Internacional Socialista critica "eleições" em El Salvador

Numa declaração difundida ontem em Londres e subscrita pelo presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt, esta organização critica as «eleições» em El Salvador, dizendo que elas poderão ser manipuladas e constituir uma burla, e recusando-lhes autenticidade, uma vez que se celebram sem as forças políticas determinantes, cujos políticos temem ser assassinados. A IS menciona a exigência do PS salvadorenho de iniciar negociações entre as «verdadeiras» forças políticas de El Salvador, com participação do Exército e dos guerrilheiros da FLFM. A IS recomenda ainda a mediação dos Governos democráticos da região para uma solução pacífica do conflito.

Ao mesmo tempo, o grupo socialista do Parlamento Europeu entregou um projecto de moção, apoiando o plano de paz do presidente mexicano Portillo e incitando os «dez» da CEE a examinarem, conjuntamente com o México, qual o papel concreto que a Comunidade pode desempenhar para garantir o êxito da mediação proposta pelo dirigente mexicano.

Anuncia-se também que os socialistas europeus vão dar na próxima semana uma conferência de Imprensa em Estrasburgo sobre a situação em El Salvador.

Enquanto isto, o Partido Socialista francês classificou ontem como «farsa eleitoral» as eleições que amanhã irão realizar-se na Guatemala e acusou as autoridades guatemaltecas de terem levado a repressão a níveis jamais atingidos anteriormente: mais de dez mil mortos em 1981.

Ao criticar as «eleições» em El Salvador antes mesmo da realização da reunião do seu Presidium, em Bona, a 1 e 2 do mês que vem, a Internacional Socialista, que não conseguiu convencer parte dos seus membros latino-americanos a aderirem a essa posição, salva a «honra do convento» e exerce, indiscutivelmente, a pressão política que, nestas circunstâncias mais limitadas, pode exercer sobre os acontecimentos em El Salvador.

Enquanto isto, o ministro mexicano dos Negócios Estrangeiros, Jorge Castañeda, avista-se em Washington com o secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, num encontro que, segundo se supõe, se destinará a debater o plano Portillo. Haig deve receber hoje também uma visita-surpresa: a do vice-presidente da República de El Salvador, general Gutierrez, ontem chegado inesperadamente aos EUA para uma «visita particular».

Terminaram em Paris conversações Angola-EUA

O ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Paulo Jorge, e o secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, terminaram ontem dois dias de conversações em Paris – anunciou a Embaixada dos Estados Unidos.

Os membros dos dois Governos trataram das relações bilaterais e de assuntos da África Austral, na terceira reunião de alto nível entre Angola e os Estados Unidos desde há alguns meses – indicou a representação diplomática norte-americana.

Em círculos diplomáticos ocidentais de Paris afirma-se que Paulo Jorge e Chester Crocker debateram quinta-feira e ontem propostas para a independência da Namíbia.

Os representantes de Luanda e de Washington também estudaram as condições necessárias para o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países

Por sua vez o líder da SWAPO, Sam Nujoma, conferenciou ontem em Luanda com o presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, acerca da questão namibiana.

Por último,o ministro angolano dos Transportes, Fernando Muteka, negou no Maputo, qualquer eventualidade de um diálogo entre o MPLA e a UNITA acrescentando que os rumores de uma tal eventualidade visam criar uma cisão entre «os países progressistas e os povos amantes da paz».

Linha da Frente

O primeiro-ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe, chegou ao Maputo para participar na cimeira dos países da Linha da Frente que decorrerá no fim-de-semana nesta capital.

Também para assistir à cimeira, encontram-se já no Maputo o ministro dos Negócios Estrangeiros da Tanzânia, Salim Almed Salim, que presidiu à reunião da Linha da Frente realizada em Janeiro em Lusaca.

O início dos trabalhos da cimeira, em cuja agenda é dado como certo que figure o problema da independência da Namíbia, está programado para as 15 horas locais (13 horas em Lisboa) de hoje.

Mudança de comandos

O presidente e comandante chefe das Forças Armadas de Moçambique, marechal Samora Machel, nomemou nove comandantes militares para outras tantas províncias e dois comandantes de brigada de Infantaria motorizada – foi anunciado no Maputo.

A nomeação mais importante foi a do major-marechal Tomé Eduardo, que passa a ocupar o cargo de vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Uma fonte oficial disse à ANOP que Tomé Eduardo é «um militar com muito prestígio», tendo assumido um papel de relevo durante a guerra colonial e a luta para a independência do Zimbabwe. Foi ainda governador da província de Sofala.

A Namíbia no SADCC

O Comité de Ministros da Comissão de Transportes e Comunicações da África Austral (SADCC) decidiu incluir desde já a Namíbia independente na planificação regional, foi anunciado no Maputo.

Os presidentes da referida comissão, o ministro moçambicano Alcântara Santos, afirmou sexta-feira, na sessão de encerramento, que «no âmbito das comunicações e transportes é possível qualificar e quantificar a nossa dependência relativamente à África do Sul».

Nova sonda soviética desceu em Vénus

Uma segunda sonda soviética desceu ontem em Vénus, emitindo imagens durante cerca de uma hora até que ficou inoperacional devido à temperatura de 456 graus e à pressão de cerca de 100 atmosferas, características da superfície do planeta.

O módulo, que partiu da estação «Vénus 14», desceu num planalto de altitude que se supõe ser de 500 metros e começou a enviar fotografias a cores e a efectuar análises da composição do solo.

A sonda aterrou a leste da área de Phoebe, a milhares de quilómetros do módulo «Vénus 13» (que aterrara em Vébus na passada segunda-feira).

A sonda, para além de tirar fotografias à paisagem. também efectuou análises diversas, retirando amostras que tirou do solo, após escavar um furo.

Entretanto a TV soviética exibiu uma fotografia a cores do planeta

DESPORTO

Rallye de Portugal

Michèle Mouton mais primeira

● *Rohrl desiste e Carlos Torres é 4.º*

Reportagem de Augusto Vilela e Nuno Ribeiro enviados especiais do «DL»

Após uma prova marcada por uma indiscutível supremacia, no decorrer da 3.ª etapa, Michèle Mouton tem praticamente assegurada a vitória no Rallye de Portugal. Agora só um problema inesperado, um daqueles imponderáveis em que o desporto automóvel é fértil, poderá tirar-lhe a vitória que a concretizar-se será a segunda de uma mulher numa prova do Campeonato do Mundo de Rallyes. A primeira também lhe pertence e foi obtida na última edição do Rallye de S. Remo.

O alemão Walter Rohrl que era o seu mais directo adversário via a perder o 2.º lugar na Cabreira ao despistar-se na curva anterior àquela onde Mikkola e Vatanen no ano passado saíram também da estrada. O carro de Rohrl ficou bastante danificado mas o piloto e o seu companheiro nada sofreram.

Para a 4.ª etapa que teve início ontem na Póvoa de Varzim partiram 39 concorrentes, um número que está dentro dos valores normais em termos estatísticos, tendo como referência as provas anteriores.

Mas, como sempre esta etapa, principalmente a partir de Fafe, foi demolidora deixando muitos concorrentes fora de prova.

Michèle Mouton ainda atacou forte na classificativa de Fafe: ainda pouco segura da sua vantagem conduziu com muita rapidez, mas mais tarde não poderia deixar de queixar-se dos problemas causados pelo público. Dizia: «vejo-me aflita, o público abre-se à minha frente à medida que me aproximo. Tenho sempre que tirar o pé do acelerador».

Esta classificativa de Fafe pelo seu traçado e pelas suas características de piso era de todas as provas da 4.ª etapa aquela onde Mouton poderia tentar ganhar tempo sem arriscar muito. Nessa altura Rohrl estava ainda em prova e a francesa tinha necessidade de conseguir uma vantagem ainda mais confortável. Conseguiu na Cabreira, onde bateu por 35 segundos o anterior recorde. Igual proeza viria a cometer nas duas passagens pelo Marão, onde pulverizou os recordes existentes e tudo isto apesar de já não lhe ser necessário esforçar-se muito mas sim fazer o possível por defender ao máximo a mecânica a fim de chegar a Lisboa. Todavia, comentando este facto, Mouton dizia que nas estradas de piso mau lhe era mais fácil conduzir depressa do que reduzir um pouco a velocidade. O comportamento do Audi nesses pisos era francamente superior em aderência em velocidades mais elevadas.

A dureza desta etapa, aliás já tradicional, fica bem demonstrada com as numerosas desistências especialmente entre os homens mais rápidos.

A equipa mais prejudicada foi certamente a da Datsun que de seguida perdeu os seus dois pilotos. Tony Pond desistiu na 1.ª passagem do Marão com problemas mecânicos, enquanto Timo Salonen, seu companheiro de equipa, partiu por duas vezes o eixo traseiro vindo a desistir na 2.ª passagem do Marão. O português Santinho Mendes também em Datsun, que teve que praticamente reconstruir o carro na Póvoa de Varzim, voltou a bater em Alto de Espinho-1, danificando seriamente o carro. Continua todavia em prova. Menos feliz foi José Pedro Borges protagonista de prova muito regular e que desistiria de madrugada na sequência de problemas mecânicos provocados por um capotamento na zona empedrada da Cabreira. Jean-Luc Therier que chegou a estar em 3.º terminou o troço de Lamego com grandes dificuldades. O seu Porsch, trazia a suspensão traseira e dianteira do lado direito partida e teve que reparà-la na assistência. Mais tarde consumar-se-ia a sua desistência já bastante penalizado na estrada, pondo fim a uma actuação digna de relevo. Do mesmo modo Jorge Ortigão tripulando um carro de baixa cilindrada que se estava a «intrometer» na luta pelos 10 primeiros lugares chegaria a Viseu na 17.ª posição após problemas na caixa de velocidades.

Mas, nem tudo foram desgraças nesta 4.ª etapa. Há a registar as sensacionais recuperaçoes de Wittman e Toivonen que chegaram a ocupar a 3.ª e 6.ª posições e que partiram de lugares muito baixos. Toivonen viria a desistir em Arganil-2, desconhecendo-se às horas que escrevemos os motivos porque abandonou a prova.

Michèle Mouton numa das curvas de Fafe

Classificações

23.ª classificativa (Fafe) 8,5 km

1.º Rohrl, Mouton e Pond, 6,19 minutos; 4.º Toivonen, 6,21; 5.º Wittmann, 6,27; 6.º Salonen, Therier, Eklund, 6,29; 9.º Mendes, 6,38; 10.º Borges, 6,42.

24.ª classificativa (Cabreira) 26,5 km

1.º Mouton, 19,29; 2.º Wittman, 19,52; 3.º Salonen e Pond, 20,04; 5.º Therier e Eklund, 20,11; 7.º Toivonen, 20,21; 8.º Mendes, 20,59; 9.º Torres, 21,25; 1.º Borges, 22,16.

25.ª classificativa (Marão-1) 36 km

1.º Mouton, 26,45 minutos; 2.º Therier, 27,11; 3.º Toivonen, 27,16; 4.º Wittman, 27,25; 5.º Eklund, 27,26; 6.º Mendes, 28,55; 7.º Torres, 29,41; 8.º Salonen, 30.04; 9.º Silva, 30,44; 10.º Ortigão, 30,56.

26.ª classificativa (Alto de Espinho-1) 21 km

1.º Eklund, 16,29 minutos; 2.º Toivonen, 16,31; 3.º Mouton, 16,36; 4.º Therier, 16,37; 5.º Wittman, 16,59; 6.º Torres, 18,50; 7.º Ortigão, 19.04; 8.º Coppier, 19.09; 9.º Borges, 19,49; 10.º Silva, 19,56.

27.ª classificativa (Marão-2) 36 km

1.º Mouton, 27,19 minutos; 2.º Toivonen, 27,20; 3.º Eklund, 27,42; 4.º Wittman, 27,46; 5.º Mendes 29,37; 6.º Torres, 29,39; 7.º Borges, 30,19; 8.º Tchine, 31,33; 9.º Coppler, 31,37; 10.º Silva, 31 41

28.ª classificativa (Alto de Espinho-2) 21 km

1.º Toivonen, 16,23 minutos; 2.º Eklund, 16,38; 3.º Mouton, 16,45; 4.º Wittman, 16,56; 5.º Therier, 16,57; 6.º Santinho, 17,44; 7.º Borges, 18,35; 8.º Coppler, 19,07; 9.º Tchine, 19,36; 10.º Torres, 19,59.

29.ª classificativa (Armamar) 9,5 km

1.º Toivonen, 6,55 minutos; 2.º Mouton, 7,02; 3.º Therier, 7,07; 4.º Wittman, 7,10; 5.º Eklund, 7,11; 6.º Borges, 7,44; 7.º Silva, 7,58; 8.º Coppler, 8,01; 9.º Torres, 8,04; 10.º Santinho, 8.05.

30.ª classificativa (Lamego) 17,5 km

1.º Toivonen, 10,42 minutos (recorde igualado); 2.º Mouton, 11.09; 3.º Wittman, 11,15; 4.º Eklund, 11,16; 5.º Santinho, 11,42; 6.º Borges, 12,00; 7.º Silva, 12,34; 8.º Coppier, 12,41; 9.º Therier, 12,54; 10.º Cunha, 13,16.

31.ª classificativa (Mões-2) 11 km

1.º Wittman, 6,56 minutos; 2.º Mouton, 7,01; 3.º Therier, 7,05 (mais seis minutos de penalização); 4.º Eklund, 7,06; 5.º Toivonen, 7,08; 6.º Santinho, 7,22; 7.º Borges, 7,27; 8.º Coppier, 8,04; 9.º Torres, 8,07; 10.º Silva (8,15).

32.ª classificativa (Viseu-3) 26,5 km

1.º Toivonen, 17,30 minutos; 2.º Mouton, 18,05; 3.º Eklund, 18,11; 4.º Wittman, 18,15; 5.º Therier, 18,28; 6.º Santinho, 18,44; 7.º Borges, 20,04; 8.º Coppier, 21,01; 9.º Torres, 21,19; 10.º Silva, 21,40.

Os enviados especiais do «Diário de Lisboa» utilizam combustíveis GALP

33.ª classificativa (Arganil-1) 42 km

1.º Toivonen, 30,14 minutos; 2.º Mouton, 30,29; 3.º Wittman, 31,06; 4.º Ekluund, 31,26; 5.º Santinho, 31,56; 6.º Torres, 33,53, 7.º Tabatoni, 36,14; 8 F. Cunha, 36,53; 9.º Dorche, 36,57; 10.º Marie, 37,12.

34.ª classificativa (Candosa-3) 6,5 km

1.º Toivonen, 5,16 minutos; 2.º Mouton, 5,16; 3.º Wittman, 5,26; 4.º Eklund, 5,29; 5.º Santinho, 5,29; 6.º Coppier, 5,55; 7.º Torres, 6.05; 8.º Marie, 6,10; 9.º Dorche, 6,11; 10.º Fleck, 6,13.

35.ª classificativa (Lousã-1) 10,5 km

1.º Toivonen, 7,56 minutos (novo recorde); 2.º Mouton, 8,07, 3.º Eklund, 8,13; 4.º Wittman, 8,22; 5.º Santinho, 8,23; 6.º Coppier, 8,53; 7.º Torres, 9,05; 8.º Dorche, 9,17; 9.º M. Silva, 9,20; 10.º Tabatoni, 9,21.

36.ª classificativa (Arganil-2) 42 km

1.º Wittman, 30,54 minutos; 2.º Mouton, 31,09; 3.º Eklund, 31,35; 4.º Torres, 33,54; 5.º Tabatoni, 35,05; 6.º Coppier, 35,42; 7.º Marie, 35,52; 8.º Silva, 36,08; 9.º Fleck, 36,38; 10.º F. Cunha, 36,45.

37.ª classificativa (Candosa-4) 6,5 km

1.º Mouton, 5,14 minutos; 2.º Wittman, 5,19; 3.º Eklund, 5,22; 4.º Torres, 5,57; 5.º Dorche, 6,05; 6.º Santinho, 6,08; 7.º Fleck, 6,10; 8.º M. Silva, 6,21; 9.º Coppier, 6,29; 10.º F. Cunha, 6,32.

38.ª classificativa (Lousã-2) 10,5 km

1.º Mouton, 8,05; 2.º Wittman, 8,06; 3.º Eklund, 8,08; 4.º Torres, 8,35; 5.º M. Silva, 8,57; 6.º Dorche, 9,00; 7.º Marie, 9,03; 8.º Fleck, 9,07; 9.º Coppier, 9,07; 10.º F. Cunha, 9,11.

Geral oficiosa sem penalizações ao fim da 4.ª etapa

1.º Mouton, 7.21,25 horas; 2.º Eklund, 7.33,24; 3.º Wittman, 7.48,36; 4.º Torres, 8.09,30; 5.º Coppier, 8.33,15; 6.º M. Silva, 8.39,10; 7.º Santinho, 8.57,10; 8.º F. Cunha, 9.06,32; 9.º Dorche, 9.13,58; 10.º Tabatoni, 9.15,02.

GROSSISTA DE MATERIAL ELÉCTRICO GROSSISTA DE MATERIAL ELÉCTRICO GROSSISTA DE MATERIAL

TUDO EM ELECTRICIDADE

AGORA PARA O SERVIR MELHOR

TEMOS TRÊS LOJAS

Manuel Rafael, Lda.

Manuel Rafael, Lda.

Tv. do Forno, 7 – T. 37 10 01/2 Av. Almirante Reis, 60-C R. Eugénio Castro Rodrigues, 5-A LISBOA

DESPORTO

ponta esquerda

Sindicato dos futebolistas abre-se para diálogo

Comunicado público do Sindicato Nacional dos Jogadores Profissionais de Futebol, divulgado com assinatura de Vasco Gervásio:

«1 – Sem pôr em causa o poder que os clubes têm de decidir sobre a contratação ou não dos jogadores, pois aqueles são livres de os recusarem ou aceitarem em função das suas carências e disponibilidades, entende o sindicato que são porém ilegais os acordos celebrados entre os clubes, pelos quais, reciprocamente, se limite a contratação de jogadores que já lhes tivessem pertencido.

«2 – Por outro lado, repudia a afirmação, gratuita e demagógica, tão propalada ultimamente, de que os males do futebol português residem no mau profissionalismo dos jogadores, indo-se até ao extremo de se afirmar que os mesmos querem a «anarquia». Só por miopia se poderão aceitar como consistentes e fundamentadas tais afirmações, que muitas vezes pretendem esconder, só e só, a incapacidade que alguns treinadores e pseudodoutrinadores dão mostras, em sectores tão sensíveis e fundamentais como são os das relações humanas e o de criação teórica.

«3 – Acresce que tendo bem presente a necessidade de uma correcta interacção entre todos aqueles que têm uma comum conexão técnica, administrativa e desportiva – Sindicato dos Treinadores, árbitros, clubes, Federação Portuguesa de Futebol, e jornalistas desportivos – o Sindicato dos Jogadores está aberto à participação em quaisquer jornadas, seminários, colóquios e reuniões, onde o futebol seja tema, a fim de cada sector assumir as suas próprias responsabilidades, com dignidade e respeito crítico, criando-se uma frente comum, saudável e construtiva, que se empenhe numa criação teórica florescente, base das alterações fundamentais a fazer num campo tão apaixonante quanto carenciado como é o futebol.»

"Canarinho" criticada

A Imprensa carioca criticou, de forma uníssona, a última exibição da sua selecção de futebol, que cedeu em São Paulo um empate a 1-1 frente à Checoslováquia, em encontro particular. «O Brasil jogou mal e decepcionou todos os espectadores» – comenta o «Jornal do Brasil» na sua coluna desportiva. Para esse jornal, a selecção «canarinha» esteve irreconhecível e evidenciou um mau momento de forma perante os 108 mil adeptos que presenciaram o encontro. Para o «Globo», os checoslovacos actuaram de forma muito segura na defesa, anulando completamente a manobra ofensiva dos brasileiros que, exceptuando Zico, actuaram sem imaginação. A par da inépcia dos avançados «canarinhos», o mesmo jornal elogia a actuação do guardião checoslovaco, que demonstrou muita solidez entre os postes. Ainda em «O Globo», o resultado é um mau presságio para os brasileiros em Espanha, acrescentando ser necessário melhorar o rendimento global da turma tricampeã mundial.

El Salvador: falta dinheiro reduz-se o passeio

El Salvador, devido a questões financeiras, decidiu reduzir para 18 o número de futebolistas da sua selecção de futebol participante no «Mundial-82», em Espanha. A selecção, que possuía um lote de 32 futebolistas na fase de apuramento da CONCACAF, vira recentemente reduzida para 22 elementos o número de jogadores que deveriam viajar até Espanha, em Junho deste ano. El Salvador disputa o Grupo Três do Mundial, juntamente com a Argentina, Bélgica e Hungria.

Pironi: um susto

O piloto francês de Fórmula Um, Didier Pironi saiu praticamente ileso de um acidente que teve com o seu Ferrari 126-C-2, no Circuito de Castellet, no decorrer de um treino. Pironi despistou-se a 290 quilómetros horários, fazendo o seu bólide embater contra um muro, situado à saída de uma curva. O piloto da Ferrari sofreu apenas algumas contusões no joelho, embora a parte dianteira do seu carro ficasse completamente destruída.

Sporting: uma carreira fulgurante, invencível a nível nacional

Nacionais de futebol

Benfica no Estoril: o dilema

Eis os encontros para hoje e amanhã respeitantes aos Campeonatos Nacionais de Futebol:

HOJE, **II Divisão:** Feirense - Paços de Ferreira, às 16; Salgueiros - Leixões, às 15 e 30; União da Madeira - Sacavenense, às 16 h. locais. **Juniores:** Sporting - Belenenses, às 15 horas.

AMANHÃ, **I Divisão:** FC Porto - Sp. Braga, Académico de Viseu - V. Setúbal, Belenenses - Penafiel, Sporting - Espinho, Rio Ave - Boavista, Estoril - Benfica, Amora - Portimonense e V. Guimarães - U. Leiria, todos às 15 horas.

Na II Divisão, Zona Norte: Leça - Valdevez, Fafe - Gil Vicente, Bragança - Varzim, Chaves - Amarante, Famalicão - Sanjoanense e Neves - U. Lamas. Zona Centro: U. Santarém - Ginásio de Alcobaça, Rio Maior - Águeda, Oliveirense - Portalegrense, Covilhã - Académico, U. Coimbra - Benfica Castelo Branco; Beira-Mar - SL Cartaxo, Oliveira do Bairro - Guarda e Nazarenos - Peniche. Zona Sul: Juventude - Estrela da Amadora, Esperança de Lagos - Farense, Nacional da Madeira - Cova da Piedade, GD Quimigal - Marítimo, Vasco da Gama - Barreirense, Montijo - Lusitano de Évora e Elvas - Lusitânia dos Açores. Todos às 15 horas.

Na III Divisão, Série A: Aves - Vianense, Monção-Vizela, Maria da Fonte - Riopele, Cabeceirense - Vilaverdense, Ribeirão - Mirandela, Prado - S. Martinho, Moreirense - Limianos e Ponte da Barca - Sendim. Série B: Paredes - Mogadourense, Lourosa - Paços Brandão, (em Espinho), Marco - Régua, Valonguense - Vilanovense, Valadares-Candal, Lixa-Tirsense, Carvalhais - Infesta e Ovarense - Ermesinde. Série C: Naval 1.º de Maio - Penalva do Castelo, Seia - Anadia, Alba - Esperança, Alcains-Febres, Marialvas - Pedrulhense, Estarreja - Quiaios, Mangualde - Tondela, Viseu e Benfica - Vildemoinhos. Série D: Caldas - Marrazes, Campomaiorense-Vieirense, U. Tomar - Alpalhoense, SL Marinha - Bombarralense, Valcovense - Marinhense, Estrela de Portalegre - Torres Novas, Alfarrarede - U. Almeirim e Sp. Pombal - Torriense. Série E: Olivais e Moscavide - Pêro Pinheiro, Angrense - Vilafranquense, Oriental - Tires, Loures - Bucelenses, Caruchense - Odivelas, Almada - SL Olivais, Oliveirense - Vitória de Lisboa e Atlético do Cacém - Atlético. Série F: Serpa - Silves (em Pias), Alvorense - Trafaria (em Alvor), Louletano-Seixal, Moitense - U. Santiago do Cecém, Aljustrelense - Sesimbra, Comércio e Indústria - Desp. Beja, Redondense - Campinense e Lusitano de Vila Real - Olhanense. Todos às 15 horas.

Juniores, Zona Norte: U. Coimbra - Sp. Braga, FC Porto - Boavista e V. Guimarães - Beira-Mar. Zona Sul: U. Leiria - Amora e Benfica Castelo Branco - V. Setúbal. Todos às 11 horas.

Juniores: selecção

Está formada a selecção nacional de juniores que, nos dias 17 e 24 do corrente, em jogos a contar para a fase preliminar do Campeonato da Europa de Juniores da UEFA, enfrentará igual categoria da Suíça. Eis os escolhidos: Jaime (Amora), Diamantino (Sanjoanense), Vieira (Nacional da Madeira), Paz, Jorge e Paulo Vilar (Belenenses), Madureira (FC Porto), Guimarães (Torralta), Chico Faria e Carlos Ferreira (Benfica), Laranja (Sporting de Braga), Venâncio, Futre e Morato (Sporting), Faustino e Chainho (Vitória de Setúbal).

Bearzot prossegue

O controverso Enzo Bearzot foi confirmado como treinador da selecção italiana de futebol. O presidente da Federação italiana (Frederico Sordillo) convocou o técnico adjunto e outros responsáveis para análise da derrota sofrida pela selecção em Paris, na semana passada, a primeira em 62 anos com a equipa francesa.

«Enzo Bearzot tem o nosso apoio e queremos confirmá-lo», declarou o presidente da Federação italiana.

O traço de pargana

Arrancar com o último fôlego?

Placard

Hóquei joga-se em campo

Prossegue, este fim-de-semana, o Regional de Lisboa de Hóquei em Campo.

Hoje: Carris-CDUL, no campo da Avenida do Brasil, e Cascais-Celcat, em Cascais, ambos às 15 horas: e Belenenses-Futebol Benfica, no Restelo às 16 horas. Amanhã: Palmense-Hockey em Palma, às 9 horas.

De espada em riste

A equipa portuguesa do Centro de Esgrima de Viana dp Castelo participa na «Taça dos Clubes Campeões Europeus», em florete feminino, que terá lugar em Turim, este fim-de-semana. Seguiram viagem os seguintes elementos: Eugénia Queirós, Fernanda Domingues, Maria Margarida Costa, Maria João Pereira da Cruz, Paula da Cruz, acompanhadas pelo professor Início dos Anjos e José Luciano, monitor do Centro de Esgrima de Viana do Castelo.

No ginásio de Viana do Castelo realizou-se o Campeonato Nacional d Florete Masculino, que reuniu 42 atiradores. O triunfo coube ao atirador do União Progresso da Venda Nova, Carlos Faleiro, que assim ficou campeão nacional entre atiradores menores de 20 anos. Nos lugares imediatos classificaram-se os atiradores de Viana do Castelo, Rui Lajoso e Carlos Noronha.

Vai disputar-se este fim-de-semana, no ginásio do ACM o Campeonato Nacional de Espada, aberto a todas as categorias, individual e por equipas, o primeiro com início, hoje, às 14 horas, o segundo amanhã, a partir das 9 horas.

Correr na Europa

Aurora Cunha e Carlos Cabral participarão hoje, nas corridas de 1500 metros dos Campeonatos Europeus de Pista Coberta, em Milão. A atleta portista entrará em acção às 16.30 horas, e Carlos Cabral vinte minutos depois. Se conseguirem ultrapassar as meias-finais, disputarão, amanhã, as finais, às 17.20 e 17.30 horas, respectivamente. A RTP transmitirá no 2.º Canal, algumas fases da competição, mas não se admite que seja possível apreciar as provas dos portugueses. A transmissão de hoje começará às 14 e 25, enquanto a ligação de amanhã se verificará às 14 e 40. A RTP transmitirá, no 2.º Canal, algumas fases do encontro di râguebi entre a Escócia e a França, a partir das 14 e 40 de hoje, e da final do Mundial de Andebol, entre a Jugoslávia e URSS, amanhã, às 16 e 55.

Samaranch em Portugal

Foi entregue ao Comité Olímpico Português um ofício remetido de Espanha, no qual é confirmada a chegada a Portugal, no próximo dia 16, do presidente do Comité Olímpico Internacional, o espanhol Juan Samaranch, a fim de assistir ao Campeonato do Mundo de hóquei em patins, cuja fase final se realizará em Barcelos.

Distinções

Ateneu Cartaxense

O Ateneu Artístico Cartaxense recebeu a medalha de bons serviços desportivos com que foi agraciado, pelos serviços prestados à causa do desporto ao longo dos seus 102 anos de existência.

Ténis: joga-se a "Davis"

Resultados da 1.ª jornada da inicial eliminatória da «Taça Davis» de ténis disputada ontem:

● Roma: Itália - Inglaterra, 0-1 (Buster Mottram venceu Adriano Panatta por 5-7, 7-5, 6-3, 6-4 e a partida Corrado Barrazutti-Richard Lewis foi suspensa por falta de visibilidade no primeiro «set» com o resultado em 8-8).

● Praga: Checoslováquia - Alemanha Federal, 2-0 (Tomas Smid bateu Uli Pinner por 9-7, 6-4, 6-1 e Ivan Lendl derrotou Rolf Gehring por 6-1, 6-2, 6-2).

● Estocolmo: Suécia - União Soviética, 2-0 (Mats Milander venceu Vadim Vorisov por 9-7, 6-1, 6-4 e Anders Jaerryd ganhou a Alexander Zveriev por 6-1, 3-6, 0-6, 6-3, 6-2).

● Christchurch: Nova Zelândia -Espanha, 2-0 (Russell Simpson derrotou José Lopez Maeso por 14-12, 6-2, 7-9, 12-10, e Onny Parun venceu Angel Gimenez, por 6-3, 6-3, 6-3).

● Santiago: Chile - Roménia, 1-1 (Ilie Nastase, Romeńia, bateu Belus Prajoux por 1-6, 5-7, 6-4, 6-8, 6-2, e Pedro Rebolledo, Chile, ganhou a Florin Segarceanu, por 6-4, 6-2, 6-0).

● Cidade do México: México -Austrália, 1-1 (Mark Edmonson, Austrália, bateu Francisco Maciel por 6-3, 6-4, 6-1, e Raul Ramirez, México, derrotou Peter McNamara por 6-2, 6-3, 6-3).

● Buenos Aires: Argentina -França, 1-1 (Guillermo Vilas, Argentina, ganhou a Yannick Noah por 6-1, 4-6, 5-7, 3-6, 7-5, e Thierry Tulasne França, venceu Ricardo Cano por 6-1, 6-3, 6-2).

● Assunção: Paraguaio - Equador, 2-0 (Francisco Gonzalez derrotou Andres Gomez por 6-3, 14-12, 6-3 e Victor Pecci bateu Ricardo Icasza por 6-1, 10-8, 6-1).

Nacional hoquista

Tomar em Oeiras: festa para hoje

A equipa-revelação do Campeonato Nacional de Hóquei, o Sporting de Tomar, tem hoje uma deslocação difícil a Oeiras, que poderá, colocar em perigo o 3.º lugar que a turma do Nabão ocupa ao fim de 12 jornadas. O Oeiras não vence há três rondas consecutivas (Sporting, Sanjoanense e Valongo), mas não é menos verdade que nos cinco jogos que disputaram fora, os «leões» de Tomar apenas venceram um (Académico do Porto) e empataram outro (Juventude de Viana). Isto prevê um equilíbrio que pode proporcionar bom espectáculo e autoriza que se possa situar o confronto no topo dos mais importantes da 13.ª jornada, deste campeonato disputado em novos moldes.

O «líder» isolado (Sporting) recebe um Belenenses moralizado por três triunfos consecutivos (Sporting de Tomar, Infante de Sagres e Oliveirense), mas é de crer que os «leões», estimulados pelo comando e pelos 25 golos que marcaram nas duas últimas jornadas, vençam com alguma naturalidade, frente ao Alenquer e Benfica (antepenúltimo classificado) que, nos sete jogos realizados fora de casa, perdeu seis e apenas empatou um (em São João da Madeira).

Académico do Porto e Académica da Amadora, também no último pelotão da tabela, têm uma oportunidade para procurarem afastar-se da despromoção, pois actuam nos seus recintos.

Quer o Juventude de Viana, com três êxitos consecutivos (Académico de Braga, Sesimbra e Amadora), quer o Sesimbra, apesar de ter perdido os dois últimos encontros, são adversários que não podem ser subestimados pelos anfitriões. O Infante de Sagres, «lanterna vermelha» e grande decepção do campeonato, poderá coleccionar mais um desaire em carreira que apenas uma vez (Académico do Porto) conheceu o triunfo, pois em Oliveira de Azeméis as hipóteses de êxito são muito periclitantes.

Em São João da Madeira, a turma local recebe o Valongo num encontro que promete muito equilíbrio e um vencedor discutido, sendo de notar que as duas equipas têm neste momento o mesmo número de pontos.

O embate FC Porto - Académico de Braga, também pertencente a esta jornada, foi disputado na 3.ª feira (devido à presença da selecção da Associação do Porto em Moçambique) e terminou com a difícil vitória dos «azuis e brancos» por 6-5.

O programa para hoje (entre parêntesis os pontos até agora alcançados por cada uma das equipas) é o seguinte: Oliveirense (24) - Infante de Sagres (14); Académico do Porto (18) – Juventude de Viana (28); Sanjoanense (26) - Valongo (26); Sporting (32) - Belenenses (25); Benfica (30) - Alenquer e Benfica (17); Oeiras (25) - Sporting de Tomar (29) e Académica da Amadora (21) - Sesimbra (23). FC Porto e Académico de Braga (com mais um jogo) têm, respectivamente, 32 e 18 pontos.

DESPORTO

Movimento de Recuperação Académica junta-se esta noite à mesa

Cerca de 300 antigos estudantes de Coimbra, e seus convidados, jantam hoje, na Curia para **concelebrar o regresso do Clube Academico ao sexo feminino.** Este é, pelo menos, um dos objectivos propostos por um grupo heterogéneo de conhecidas figuras políticas (ente as quais Almeida Santos, Lucas Pires, Moura Guedes e Manuel Alegre) ao subscrever **um convite apolítico, pluralista, consolidário, insusceptível de recusa.** Mas, outras razões justificam a reunião: desde logo, acentuam os subscritores, porque **a Académica, mal renascida, precisa daquilo com que se pagam os biberões, as tetinas, o «método Milton» e (hellas) os craques.** E daí, que, regada a conversa com o «Bairrada» e a alma com o fado de Coimbra, **haverá uma voz de comando para puxar pelo livro de cheques...**

Avulta que (acrescentam) **para alem da bola, é urgente que se reponha, em termos de fé, o velho mito criador de sentimentos nobres, a começar pelo sentido tão belo da «família» que somos: família que pode ser ideologicamente conflituante, mas nunca desavinda, e que fala uma linguagem afectiva que mais ninguém entende.**

Este jantar de antigos estudantes insere-se num vasto conjunto de actividades programadas pelo **Movimento de Recuperação Académica,** o qual, mãos dadas com os actuais corpos directivos do Clube Académico de Coimbra integra, entre outros, antigos jogadores da Académica/Académico (como Gervásio, Jorge Humberto, Maló, Mário Campos, Mário Wilson, Paulo Cardoso e Vítor Campos).

Maré negra chamam já ao movimento que pretende atingir quatro objectivos fundamentais: mudança do nome do clube para Académica de Coimbra, opção definitiva e clara pela alta competição (sem perda de identidade e das características essenciais), acção cultural apoiando a criação do Museu Académico – Casa da Cultura e intensificação das relações desportivas com a Associação Académica na procura de uma complementarização dos respectivos espaços desportivos.

Tornou-se pois claro para o **Movimento de Recuperação Académica** que é imperioso reestruturar o (ainda) Clube Académico, de modo a tornar viável (em Coimbra) uma instituição sociodesportiva capaz de se bater positivamente na alta competição, ocupando assim o lugar que no passado pertenceu à secção de futebol da Associação Académica.

São necessárias medidas e opções muito profundas e muito realistas: e elas vão surgir – tinha já prometido Ezequiel Correia Umbelino, numa conferência de Imprensa realizada no princípio do ano. O presidente da direcção (na oportunidade), falara abertamente da **situação grave em que nos encontramos,** decorrente (segundo ele) de duas crises complementares: a de identidade e a financeira.

O Clube Académico, **a solução possível para evitar o vazio que a extinção da secção de futebol da Associação Académica fatalmente determinou,** foi (recordou Correia Umbelino) **espoliado de tudo o que representava bens materiais mas carregado da enorme tarefa de preservar todo o historial de tradições e toda uma obra social de alcance e profundidade verdadeiramente impressionantes.**

Os entusiastas do **Movimento de Recuperação ,Académica** opinam que, na sequência do colóquio efectuado na **Queima das Fitas-/81** sob o patrocínio da respectiva Comissão Central e subordinado ao tema **Desporto Académico: que futuro?,** ficaram **com a ideia de que o regresso do Académico à casa-mãe era impossível: o filho teve mãe mas...**

Seja como for, o colóquio (que contou com a participação de Lucas Pires, Mota Pinto, Guilherme de Oliveira, Alfredo Castanheire Neves e Cardoso da Costa, entre outros) provocou, adiantam, **o pontapé de saída para aquele que consideramos o jogo mais importante de todos os que o Académico realizou desde que uma terapêutica hormonal lhe fez mudar o seu «sexo».**

O que está em causa, para a **maré negra, é a recriação de um clube diferente que, quanto anos, tem andado perdido entre a dificuldade de assumir o passado com realismo e a experiência envergonhada de o fazer funcionar no meio de um profissionalismo total, anárquico e asfixiante das finanças dos clubes e dos seus dirigentes.**

A secção de futebol da AAC funcionou desde sempre como uma estrutura autónoma da Direcção-Geral: vivia de subsídios diversos e das quotizações das três categorias de sócios que englobava (não estudantes, estudantes e antigos estudantes). Depois de 25 de Abril de 1974 a Associação Académica, que tinha as portas encerradas desde a crise universitária de 1968/69, foi restituída aos estudantes.

Seguiu-se um acto eleitoral de que saiu vencedora uma lista conotada com a União dos Estudantes Comunistas (UEC), que entendeu dever terminar com aquilo que considerava o profissionalismo da secção de futebol. A Assembleia Magna dos Estudantes da Universidade de Coimbra, após um período de agitação confusionista, veio a decretar a extinção académica daquela estrutura associativa no dia 20 de Junho de 1974. A direcção da secção de futebol (presidida pelo médico Cortez Vaz), uma Comissão Jurídica (presidida pelo juiz Armando Pinto Bastos e composta também pelos advogados Fonseca Viegas, Diamantino Marques Lopes e Aurélio Lopes) e uma Comissão de Estudantes, patrocinaram (então) a causa académica junto dos organismos competentes: e a secção de futebol virou a 22 de Junho de 1974 no CAC (Clube Académico de Coimbra). Foi a **terapêutica hormonal** assente basicamente num parecer elaborado por Mota Pinto e igualmente assinado por dois outros catedráticos de Direito: Ferrer Correia e Anselmo de Castro.

Deferidos em 18 de Agosto (por Avelãs Nunes, ao tempo secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar) os estatutos do nóvel clube, logo no dia seguinte aconteceu a primeira apresentação do CAC, no Estádio Municipal de Coimbra, num jogo de juniores com o Sporting Clube de Portugal. Os estudantes equiparam de branco e sem emblema porque permanecia indefinida a transmissão dos direitos desportivos da AAC para o CAC. Em futebol sénior, o CAC estreou-se, na 1.ª Divisão, em 1974/75, com um 14.º lugar, situação que o conduziu à «liguilla»

Quarenta e três anos depois da conquista da primeira «Taça de Portugal», o CAC, herdeiro da secção de futebol da AAC (a velha «briosa»), segue no comando da Zona Centro do campeonato nacional de futebol da 2.ª Divisão. A subida ao escalão maior afigura-se condição importante, exequível para o êxito do **Movimento de Recuperação Académica,** conquanto, **desde que virou machista, nossa Académica nunca mais fez campeonato que se visse: entrou num sobe-e--desce pardacento, que não enche a alma a ninguém** – dizem Almeida Santos, Lucas Pires, Moura Guedes e Manuel Alegre, no seu apelo--convite.

Mas, com **incorrigível basófia** e a preparar forças para a marcha de hoje sobre Coimbra e Curia, eis que já vão avisando: **recuperada a sua identidade, e por via disso a sua força mítica, coitado dos «grandes»...**

Nacional de basquetebol

Porto e Benfica derrotados

O Sporting alcançou importante vitória (94-90) sobre o FC Porto, na 1.ª jornada do fase final do campeonato de basquetebol disputada ontem no Pavilhão de Alvalade (Lisboa) perante mais de 6000 pessoas.

No jogo da jornada, o Benfica perdeu inesperadamente com o Barreirense por 77-79, apesar de ter atingido o final tempo de abertura com uma vantagem de 17 pontos (54-37).

Os primeiros 10 minutos do 2.º tempo foram decisivos no jogo Sporting-FC Porto, depois de um período inicial muito equilibrado que terminou com a equipa lisboeta em vantagem por 49-44. Até à desclassificação de Rui Pinheiro (aos 31,10 minutos) o Sporting obteve uma vantagem de 13 pontos, mas a saída do «internacional» português prejudicou a equipa, permitindo que os «portistas» reduzissem gradualmente a desvantagem. Com a saída do brasileiro Israel, (a 2,26 minutos do final) numa altura em que o nosso «internacional» Baganha e o norte-americano Mike Carter estavam à beira da desclassificacão, o Sporting teve uma baixa acentuada de rendimento e por pouco o FC Porto não conseguiu igualar o marcador, perdendo por apenas quatro pontos, margem que faz aumentar a expectativa para o jogo da 2.ª volta.

O Benfica perdeu no último segundo do jogo a hipdotese de obrigar o Barreirense a prolongamento, quando Jorge Barbosa cometeu uma falta atacante. O Barreirense conseguiu a vantagem de 89-87 a 38 segundos do fim, praticando retenção de bola durante 30 segundos antes de o Benfica desperdiçar a sua última oportunidade de igualar o marcador.

O Benfica dominou totalmente no tempo n.º 1, com contra-ataque rápido e acerto na meia-distância do brasileiro Sartori e do norte-americano Jordan, mas descontrolou-se com o «pressing» a todo o campo praticado pelo Barreirense na 2.ª parte. Com as desclassificações sucessivas de Henrique Vieira, Sartori e Jordan, nos últimos minutos, o Benfica ficou sem soluções para evitar a surpreendente recuperação adversária.

No Benfica-Barreirense, sob a arbitragem de Orlando Rebelo e Álvaro Martins, alinharam e marcaram:

Benfica: Jordan (16), Reffigee (19), Sartori (24), Jorge Coelho (8), Vieira (4), José Luís (10), Alcarva, Miranda (12) e Barbosa (2).

Barreirense: Mike (22), Adilsson (30), José Coelho (3), Tozé Coelho (8), Eugénio (20), Minhava (6), Ramos e Morgado.

No FC Porto-Sporting, arbitrado por Rui Valente e António Pimentel, alinharam e marcaram:

FC Porto: Tó Ferreira (17), Rui Pereira (16), Charuto (12), Matos (2), Parente (1), Beto (12), Jeffey (22) e Sapatão (8).

Sporting: Hélder, João Cardoso (6), Lisboa (23), Baganha (4), Israel (10), Rui Pinheiro (26), Taborda (4) e Carter (21).

Hoje à tarde disputa-se a 2.ª jornada com os jogos Porto-Benfica e Sporting Barreirense.

Jogar sob protesto

Benfica, FC Porto e Barreirense decidiram participar na fase final do Campeonato Nacional de basquetebol da I Divisao sob protesto. Esta decisão (comum) foi tomada durante uma reunião entre representantes dos três clubes e baseia-se (fundamentalmente) no facto de a RTP ter-se negado a transmitir qualquer dos jogos desta fase final a decorrer no pavilhão do Sporting, em virtude do contencioso existente entre a RTP e os «leões». Esta medida televisiva vem, segundo os três clubes protestantes, contrariar o exposto no artigo 23.º, alínea *c* do Regulamento de Provas da Federação Portuguesa de Basquetebol, designadamente no que respeita a esta competição.

Campeões europeus

O Maccabi venceu o Barcelona por 115-106 em Telavive, em encontro das meias-finais da Taça dos Campeões Europeus de Basquetebol. Mickey Berkowitz apontou 34 pontos do Maccabi enquanto nas hostes espanholas se destacou o jogador norte-americano Philips, que marcou 35 pontos.

Homenagem pedalada ao 'nosso' Bruno Neves

A Associação de Ciclismo do Porto homenageou o repórter--fotográfico Bruno Neves, nosso colaborador, que há muitos anos dedica à modalidade muito da sua arte, tendo em cada ciclista, dirigente, técnico e jornalista um amigo. A prova promovida pela ACP é dedicada a seniores (A e B) e realiza-se amanhã, com partida da Praceta das Antas às 8.30, estando a meta localizada em Grião com passagem por Areosa, Amial, Maia, Trofa, Famalicão, Braga, Guimarães, Toural, Lordelo, Vila das Aves, Santo Tirso, Trofa e Vilarinho, na distância de 120 km. O mesmo organismo velocipédico decidiu ainda atribuir a Bruno Neves a medalha de «Gratidão», que será entregue ao homenageado no final da corrida.

Trocas e baldrocas

Alfredo Gouveia será o chefe-de-fila da equipa de seniores do Coimbrões/Fagor na temporada em curso. Gouveia passa a ser dirigido por Joaquim Leite, num grupo que inclui ainda outro ciclista (Raul Fachadas), que na temporada anterior correu integrado na equipa do Tavira. Além daqueles dois corredores, o Coimbrões contará com mais os seguintes: António Castro (ex--Rodovil), Aníbal Silva (ex-FC Porto), José Poeira (ex-Belas) e os antigos José Silva e Manuel Alves.

Joaquim Sousa Santos está também nos planos do Coimbrões.

Por seu lado, José Martins, o ciclista que durante muitos anos representou a Coelima, ingressou, com seu irmão Manuel Martins na recém-formada equipa Vigaminho, igualmente filiada na Associação de Braga. A Vigaminho é orientada pelo próprio José Martins e conta com mais os seguintes corredores: Manuel Martins, Bernardo de Sousa (ex-Rodovil), Diamantino Vaz e Belmiro Ribeiro (ex-Stand Clemente).

A equipa do Vigaminho, que tem como responsável desportivo João Faria, deverá participar em provas espanholas, além claro, das que se disputarem em Portugal a nível de seniores.

Andebol: "Taça de Portugal"

Belenenses ou Sporting?

O jogo Belenenses-Sporting, a realizar amanhã (17 e 30) no Restelo destaca-se entre os desafios dos 1/16 de final da «Taça de Portugal» em andebol de sete. Um «grande» vai inevitavelmente ser afastado da importante prova. No campeonato cada equipa conseguiu uma vitória (a única derrota do Sporting foi às mãos do Belenenses) mas outros grupos primodivisionários, porque se defrontam, vão igualmente, ser eliminados.

Jogos de hoje: Albicastrense -F.C. Porto (21 e 30), F. Holanda -Fermentões (21 e 30), Salgueiros - Póvoa (21 e 30), S. Mamede - Maia (22), Académico do Porto - Santa Clara (18 e 30), Académica de Coimbra - Sp. Espinho (18), Águas Santas - S. Bernardo (21), Oriental - Salvaterrense (21), Benfica - I. Cruzeiro (18), Caselas - Caramão (21), Almada - RAF (21 e 30), Cascais - Encarnação (18). Amanhã: Ac. Braga - Desp. Portugal (18.30) E Belenenses - Sporting (17 .30). Terça-feira: Vit. Setúbal - Paço de Arcos (21.30).

Mundial: URSS versus Jugoslávia

A Jugoslávia, campeã mundial de «esperanças», reeencontra--se hoje com o seu eterno rival, a União Soviética, na final do campeonato do mundo de andebol (grupo A – seniores) a disputar--se na RFA. Os jugoslavos, com dois internacionais «esperanças» (Basic e Vujovic), ficaram no lugar de honra da série dois do torneio, ao derrotarem na jornada derradeira a Suécia (por um concludente 30-19) e depois de beneficiarem da derrota inesperada da Roménia frente à Espanha (22-20) e do empate da Dinamarca com a Hungria (19--19). A Jugoslávia viu-se bafejada pela sorte do seu «goal--avarage» de 118-104 (diferença de 14 golos) em relação aos dinamarqueses, que, com o mesmo número de pontos, se viram arredados da final em virtude da sua fraca marcação (100-99).

A dinamarca, que se pautou sempre pela irregularidade das exibições, venceu a Jugoslávia por 20-19, mas viu goradas as aspirações ao empatar com a modesta equipa magiar, que somou quatro empates e uma derrota nos cinco jogos efectuados.

A Roménia, apontada como favorita do seu grupo até à penúltima jornada, quebrou no jogo com os espanhóis, que obtiveram (assim a sua 2.ª vitória, depois de baterem os suecos por 23-20. Os romenos, com a sua derrota, concederam à Jugoslávia o privilégio de se defrontar pela 2.ª vez, este ano, numa final com a URSS, depois da sua vitória sobre os soviéticos por 28-21, na final do mundial de «esperanças», em Portugal, em Dezembro.

Os soviéticos, também com um internacional «esperança», o meia-distância Wassiliev) mostram-se imbatíveis na competição ao somarem vitórias nos seis jogos disputados, e com um número de golos marcados, verdadeiramente assustador (130): a equipa mais concretizada do torneio. A URSS, duas vezes campeã mundial de «esperanças» e medalha de prata no último mundial, venceu sucessivamente a Checoslováquia (31-17), Koweit (44-19), RFA (24-12), Suíça (23-14), Polónia (27-21) e RDA (25-17). A facilidade com que os soviéticos se desembaraçaram dos adversários aumentam o favoritismo para a final da competição, muito embora os jugoslavos sejam exímios em «fabricar» surpresas nos encontros cruciais.

Com o guarda-redes Basic e o meia-distância Vujovic, que recentemente mostraram a sua categoria no mundial de esperanças em Portugal) e com Jurina, especialista dos castigos de sete metros, a Jugoslávia é capaz de desfeitear a URSS, numa final que (certamente) servirá de exemplo ao rigor técnico e táctico da turma jugoslava.

A Dinamarca é favorita no jogo com os polacos para o 3.º lugar da prova: uma única derrota dos nórdicos perante a Roménia (20-18), contra as duas derrotas da Polónia, é um indicativo da supremacia dos dinamarqueses.

Os romenos defrontam os alemães-democráticos no encontro que definirá o 5.º classificado, prevendo-se uma partida emotiva em virtude da tradicional réplica dos alemães de Leste.

Homenagem a Maria Lamas no Seixal

Na história mais recente do nosso País, figuras houve que, pela sua abnegada e exemplar acção na luta por uma sociedade mais justa e por uma consciência cívica mais desperta e actuante, alcançaram verdadeira dimensão histórica. Por mérito próprio, o seu ideário projecta-se no futuro e a sua obra é já património cultural do País.

Uma dessas figuras foi – e é – Maria Lamas. A sua obra, vasta e variada, constitui um marco fundamental da cultura portuguesa deste século; a sua acção cívica, em prol de uma democracia autêntica, de um mundo de paz e de uma plena e real emancipação da mulher, é exemplo de intervenção activa e esclarecida, lúcida e tenaz. Maria Lamas, pela sua obra e acção valorosas ajudou a fazer o 25 de Abril de 1974, e o novo Portugal que nesse dia despontou saudou nela uma combatente de longa data pela liberdade, um nome e uma obra a lembrar e a ter sempre presentes.

Ciente da justeza destas razões, a Câmara Municipal do Seixal vai realizar hoje pelas 21 horas, na Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense, uma sessão de homenagem a Maria Lamas. Nela estarão presentes a homenageada, os escritores Orlando da Costa e Alexandro Babo, o poeta José Carlos Gonzalez, a jornalista Maria Antónia Fiadeiro, Leonor Santa Rita em representação do Movimento Democrático das Mulheres, o presidente da Câmara, o presidente da Junta de Freguesia, os cantores Luísa Basto e João Fernando e o Grupo Coral «Eco do Alentejo».

Integrada também na homenagem a Maria Lamas a Biblioteca Municipal do Seixal organiza, na Sala de Sessões da Câmara, uma Exposição Bibliográfica e Evocativa da Vida e Obra de Maria Lamas, de hoje a 12 de Março.

Sérgio Godinho em regresso de "filho pródigo"

Vai ser como que o «regresso do filho pródigo»! Sérgio Godinho volta ao Porto, sua cidade natal, onde já não actua há vários anos, para três grandes espectáculos, previstos para 10, 11 e 12 do corrente, no cineteatro Vale Formoso.

Acompanhado do seu grupo privativo (João Paulo – teclas; Luís Caldeira – flauta; Manuel Faria – acordeão; Zé Martins – bateria e percussão; Fernando Júdice – baixo) e com a colaboração da cooperativa cultural portuense «Erva Daninha», Sérgio Godinho fará desfilar em cada espectáculo, intitulado «O Porto aqui tão perto», os seus maiores sucessos para além duma mais larga passagem pelo seu mais recente LP «Canto da boca» que há tempos atrás garantiu para o cantor um «disco de prata» galardão que premeia vendas superiores a 15.000 exemplares.

entrevista

Vitorino, o "cante" da planura

Entre aplausos e vaias, Vitorino, vestido de negro, como sempre, cravo encarnado na mão, agradeceu o troféu com que a revista «Nova Gente» o distinguiu, tendo como testemunha um público que, ó ironia, era a velha gente, tão velha como Matusalém, «Nunca pensei que um simples cravo provocasse tanta celeuma na assistência e alguma discussão nos bastidores», disse.
«Romances», o seu último disco homenageia uma cultura antiga, popular, com raízes e história e não uma cultura velha, caquética, tolhida de reumatismo. Daí talvez o equívoco ou a coincidência de equívocos que se deram, naquela noite, no palco do Monumental. O que interessa, porém, é o disco e não o facto de Vitorino ser considerado «a melhor voz de 82», ter recebido o troféu, ter sido aplaudido e apupado pelos colunáveis, bem ou mal vestido, de acordo com a moda de Ana Salazar ou com as boutiques dos centros comerciais.

«Neste disco procurei defender uma certa cultura com tendência a desaparecer, abafada pelos medias, sobretudo a televisão e a rádio. Os romances eram contados à lareira, transmitidos por via oral, desde Trás-os-Montes ao Algarve.» Almeida Garrett, apercebendo-se que essas poesias ou canções, inventiva de um povo, corriam o risco de se perder, registou-as em «Romanceiros», fonte consultada, depois, por Vitorino no trabalho de recolha e selecção que antecedeu a feitura do disco. «Estão distribuídos por toda a Península», constatou.

Apegado ao seu torrão, o Alentejo, desta vez o cantador «redondeiro» (é do Redondo) viajou por outras regiões, na excelente companhia de seu irmão, Janita Salomé e de Pedro Caldeira Cabral, fundamentalmente. Companheiros com quem posa na capa do disco, à maneira dos mexicanos Pancho Vila e Zapata, embora sem espingardas nem ar guerreiro. Aqui as armas são outras: essencialmente violas e guitarras, instrumentos em que a voz de Vitorino busca as referências orientadoras.

Rio

Os rios determinam a vida dos homens, talvez por serem estradas que conduzem ao mar. O Guadiana é um rio: rio que separa duas margens, exactamente a linha divisória entre duas culturas distintas que se revelam no modo de cantar, vestir, cozinhar, estar. «O cante ou a moda da margem esquerda, zona seca e austera, é mais ortodoxo que o da direita.»

Garantem que os musicólogos que o cante alentejano assenta nas escolas de Serpa, da Serra de Ossa e do Seminário de Vila Viçosa, todas elas de origem religiosa. Vitorino concorda, em certa medida com aquelas teses, mas não de todo. No seu entender, um outro factor pesou no processo que foi, sem dúvida, a influência árabe. «O Guadiana é uma fronteira nítida de costumes. O cantar da margem esquerda tem semelhanças com o canto jondo, praticado no sul da Estremadura e na Andaluzia.»

Serpa, margem esquerda do Guadiana teve, em tempos, uma «Scola Cantorum», que rivalizou com a do Convento de S. Paulo, na Serra de Ossa, margem direita, zona onde Vitorino nasceu. «Adeus Convento da Serra / Adeus Fonte do Leão / Onde as moças vão dançar / Quinta-Feira de Assunção» – eis uma cantiga aprendida na sua meninice quando ia ouvir cantar as saias, no espaço conventual, aberto ao povo das redondezas ou a quem o quisesse visitar.

«Uma vergonha! Hoje, o convento está rodeado de arame farpado, sinal de que é propriedade privada. Acabaram com a romaria popular que ali se realizava na Quinta-feira de Assunção, onde os povos do Redondo e de Estremoz se juntavam para cantar, ao desafio. O rei D. Sebastião repousou e meditou no convento da serra que possui uma das melhores colecções de azulejos do País.»

No folclore alentejano há modas de amor, de trabalho e de lazer, adaptadas ao ritmo da vida e que cumprem com rigor estádios sucedâneos, entretecidos uns nos outros. «As cantigas de lazer eram normalmente cantadas nas tabernas e nas festas religiosas e romarias. Na minha zona ainda subsistem, com carácter de hábito, duas romarias rurais, ambas da Idade Média, que são as de Nossa Senhora de Terena e da Senhora da Piedade de Elvas.»

Nessas romarias cantavam-se as saias novas. «Ainda lá fui ouvir cantar. Quem brilhava eram as mulheres de Campo Maior, com adufes e castanholas.» As saias defeniam-se pelo improviso. Umas ficavam, ultrapassando momentos e gerações – as velhas; outras consumiam-se e deitavam-se fora, desvalorizadas no critério do povo – eram as de circunstância, as novas. «As saias só eram cantadas da Serra de Ossa para cima, ou seja para além do marco cultural, não administrativo, que divide o Baixo do Alto Alentejo.»

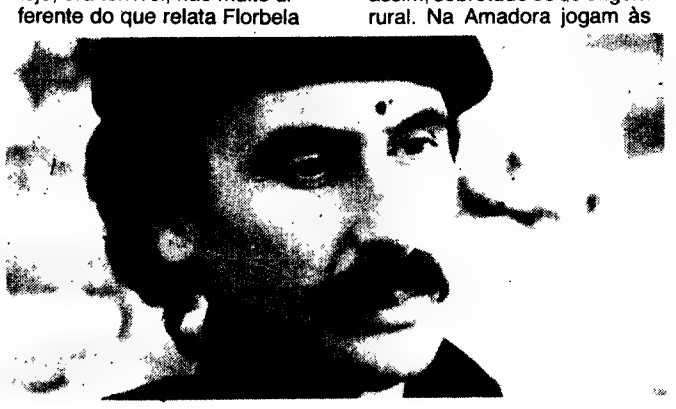
Saias, em linguagem corrente é sinónimo de mulheres, até porque são elas quem normalmente as usam. Também foram as mulheres as cultivadoras dessa moda, desse cante, o que destrói, pela base, a teoria de que no Alentejo apenas os homens tinham o direito de cantar em público. É certo que as mulheres foram excluídas dos grupos corais, constituídos a partir das ruas ou das tabernas, lugares onde elas se tornavam indesejáveis, por razões (reaccionárias) de ordem cultural. Isto, contudo reproduz uma hipocrisia descarada já que as mulheres cantavam, ao lado dos homens, no trabalho do campo.

«Julgo que essa discriminação se prende não somente com uma mentalidade estreita mas também com o facto dos actuais grupos corais alentejanos, tal como foram divulgados, serem obra do SNI e das Casas do Povo. Felizmente que essas estruturas deram preferência ao folclore nortenho e desprezaram o do Sul, o que veio favorecer este. Pelo menos não o aviltou. Também é verdade que os homens cantavam, em conjunto, nas tabernas, centros de convívio a que as mulheres não tinham acesso porque parecia mal. Ao contrário do Norte onde as mulheres não só entravam nas tabernas como bebiam vinho. Isto deve-se, quanto a mim, às diferenças entre as civilizações celtas, abertas e premissivas, e as árabes extremamente fechadas e sexistas, muito enraizadas no Alentejo.

Tristeza

Sobreiros e trigo, os únicos elementos que os olhos dos alentejanos abrangiam, ao perderem-se na planura imensa. Parecia-lhes que a charneca nunca mais terminava e que nada mais havia para além dela. Esta sensação de lonjura e ao mesmo tempo de cerco moldou-lhes a índole em que a sobriedade e o mutismo predominam.

«Na minha juventude senti o isolamento e uma vontade incontrolável de franquear as portas daqueles muros. A vida de um adolescente, no Alentejo, era terrível, não muito diferente do que relata Florbela



Espanca. A hora em que me sentia mais triste coincidia precisamente com o entardecer, nos Invernos, quando os ranchos das azeitoneiras e mondadeiras entravam na vila, vindas do trabalho. Momento em que chegavam, também, os carreiros que usavam uns safões de coiro muito bonitos . . .»

Por breves instantes, Vitorino desliga da conversa e observa os detalhes arquitectónicos do Solar do Vinho do Porto, onde nós, dois alentejanos, um do Baixo e outro do Alto, trocávamos impressões esparsas, com um «seco», gelado à frente. «Abóbadas de alvenaria, uma técnica árabe. Quando morrer a geração que as sabe fazer . . . acabaram. Foi de certeza, um alentejano que as fez, aposto.

Subitamente, Vitorino, diz uma poesia, subtil e delicada que incluiu no disco «Romances». Moda antiga, do concelho de Reguengos de Mansaraz. «Hei-de amar uma pedra / Deixar teu coração /Uma pedra sempre é mais firme / Tu és falsa e sem razão.» Moda que como as outras constituintes de «Romances» é sublinhada por instrumentos tradicionais. Aliás uma constante da música de Vitorino que, segundo ele conta, vai ser quebrada no próximo disco, em elaboração, chamado «Flor do Mar» e que comporta textos de Rui Pigntelli, José Carlos Gonzalez e Eduardo Guerra Carneiro.

«O nome prende-se com uma nau que adornou no dia do seu lançamento ao mar. Marca o começo da queda do Império Português que acabou em 1974. Quando deixámos de fazer bons barcos perdemos o domínio dos mares. O disco é, portanto, uma metáfora sobre a queda do Império e tem uma linguagem completamente diferente do anterior. Basta dizer que se submete a uma música muito mais urbana, marcada por instrumentos sofisticados».

Outros projectos?

«Há ainda um filme em que vou participar, cujas rodagens estão previstas para Abril, com cenários do Norte de Africa e do Alentejo, realização de Costa e Silva e guião de Borges Coelho. É passado, em grande parte, na região de Mértola e foca, com base na lenda de uma moura ancantada, a tragédia da destruição da cultura árabe na Península, pelos cristãos que eram brutos intolerantes e iletrados.»

Baile

Quinze anos de Lisboa pouco representam na vida de Vitorino, ainda ligado, pelo cordão umbilical à terra-mãe. Esses laços sólidos que nunca rompeu não são perceptíveis apenas na fachada, ou aparência: o traje, a fala, a pose. São íntimos e viscerais. Por isso, difíceis, de apagar.

«Todos os alentejanos são assim, sobretudo os de origem rural. Na Amadora jogam às cartas tal e qual como nas tabernas do Alentejo; no Alto da Parede há lojas que vendem pão e enchidos e mesmo as cabeças de borrego, à maneira da Salvada. Formam-se grupos corais no Barreiro e Lavradio. Bem . . . o alentejano não subiu para cima de Lisboa.»

Toda a família Salomé (pai, irmãos, tias e tios de Vitorino) sabe cantar, ou não fosse do Redondo, vila de cantadores. «Os meus tios até tinham uma orquestra que tocava nos bailes.» Bailes que à distância, provocam o riso, não obstante o dramatismo de algumas situações que neles se geravam. Eram para os namorados a oportunidade de se tocarem. E, também, motivo de repressão por parte das autoridades. No caso; as direcções das colectividades e os pais que vigilantes, guardiões da moral não despregavam o olhar dos pares que rodopiavam, atentos ao mínimo gesto que lhes permitisse intervir.

«Os rapazes aproveitavam a ocasião para se encostarem e os directores das colectividades, ás vezes, passavam duros raspanetes aos pares que infringiam as regras. Normalmente chamavam os machos, à sela da direcção, e diziam-lhe, amigavelmente, entre homens, que eles se andavam a safar mas deveriam fazer a coisa mais bem feita . . . para não dar nas vistas.»

Guiado pela memória, Vitorino recorda aspectos do seu quotidiano, no Redondo, terra de barristas, cantadores e vinho. Inenarráveis algumas passagens, tão frustes e, sem sentido, outras. Muitas delas intenso prazer, como as cantorias que se prolongavam pela noite fora e que ainda hoje acontecem na taberna do Carcaças, ao fim da tarde, depois dos trabalhadores saírem das cooperativas.

«Canto com eles. Amanhã lá estou», diz.

Romântico

A propósito, Vitorino, preso ainda do êxtase da planície, ora escaldante, ora fria, confessa o seu ódio pelas culturas estandartizadas de que os centros comerciais, supermercados, «snaks» são o espelho. Prefere os ambientes, mais à medida do homem, calmos e quentes onde todos se conhecem e falam. E porque é ele assim?

«Sou um primário. Defendo as culturas locais, o convívio, um socialismo de bases. Detesto as hierarquias e os despotismos venham eles de quem vierem. Acho que se deve conservar o que é bom sem que por isso se seja conservador. Simpatizo com os anarquistas históricos, de uma forma romântica. Claro que os anarquistas, já não os tipos que andam com bombas no bolso e a barba cerrada . . .»

Permeável a tudo que era, de certa forma marginal, em Lisboa, Vitorino tanto frequentava o Cais do Sodré como as capelinhas do Rego (o São Carlos e o Paulino)» onde iam cair as informações de Maio de 68» ou a falecida espelunca, a leitaria Garrett, e a Brasileira do Chiado. Faz parte de uma boémia lisboeta, muito especial, tanto nocturna como diurna, cujo percurso passa pelo Bairro Alto, Trindade, After-Eigh, Lontra e Bana – santuários obrigatórios para uma determinada intelectualidade que paga o preço da sua lucidez, com a solidão, a instabilidade afectiva, e o desprazer.

«Há uma juventude, agora que não entendo. Que acaba por pahar tudo o que os média lhe impinge. Vejamos o exemplo do rock português, um fenómeno contra-o-estar da sociedade portuguesa, perfeitamente fabricado pelos média. Abro um parêntesis para o Rui Veloso que criou uma estética urbana, bem concebida. De resto o rock pertence às sociedades industrializadas e desenvolvidas. Falo do autêntico, proveniente dos bairros operários de Londres e de Nova Iorque, alheios às esferas do poder. Agora esta caricatura de rock é protegido e apadrinhado pelo próprio poder. Gosto, efectivamente, do rock dos Beatles e dos Rolling Stones, estes mais marginais e agressivos, dos grupos pacifistas de São Francisco que se insurgiam contra a guerra do Vietname . . . Um rock que não tem nada a ver com o que hoje chamam do rock. Dos meninos que rapam as sobrancelhas e metade do cabelo e se dizem simpatizantes da estética «blitz». Já a Natália Correia, o António Maria Lisboa e os surrealistas faziam isso nos anos cinquenta, com muito mais risco e verdade.»

O «seco» esgotou-se e o paleio também. Uma última coisa, aliás sugestão de Vitorino: «Defendam-nos da televisão que nunca se lembra da gente e depois envolve-nos em emissões mais do que duvidosas». Referia-se à utilização da sua música e da do Zeca Afonso num programa «hollywoodesco», fita de «cowboys» em que, a pretexto da questão polaca, os maus fingiam que eram bons, numa salganhada maluca, e se declararam paladinos da defesa dos direitos humanos. «A televisão portuguesa é sinistra: espero que nos dê a oportunidade de fazermos, eu e o Zeca, um programa sobre a nossa música».

Recado transmitido.

Lourdes Féria

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Quase revista

«Ai! A TOLA!», de Pedro Pinheiro e José Jorge Letria. Música: Carlos A. Moniz, Carlos Mendes, José Jorge Letria, Nuno Gomes dos Santos e Samuel. Encenação: Maria Dulce. Cenografia: Ferreira d'Almeida. Figurinos: Helena Isabel. Coreografia: Marcelo Filipe. Interpretação: Esmeralda Amoedo, Pedro Pinheiro, Helena Isabel, Fernanda Coimbra, José Manuel Rosado, Manuel Mendonça e Teresa Paula Brito. Teatro do Mestre Gil. Estreia em Lisboa: Teatro Laura Alves – 18-2-82.

Dois factos há a considerar nesta estreia lisboeta de uma revista da descentralização periférica (mais propriamente da Amadora). Primeiro facto: talvez por alterações de texto e de elenco, o espectáculo estava consideravelmente impreparado na primeira sessão do Laura Alves. Foi ao mesmo tempo penoso e deprimente o que, por vezes, se passou no palco. Segundo facto: com actores a terem o texto todo na ponta da língua, com os vários elementos do espectáculo devidamente sincronizados, sem o cenário a cair, o resultado teria sido menos frustrante mas a realidade subsistiria. É esta, salvo erro: «Ai! A Tola!» não chega a ser revista. O problema principal consiste nisto: há uma técnica de escrita revisteira que os autores não dominam. Por isso, este espectáculo é tão triste sob o ponto de vista textual, apesar (e até por causa) da defesa e panegírico (todos sabemos: justos, justos) do 25 de Abril e suas consequências, e portanto do ataque daqueles que os põem em risco.

Há, porém, outros factores que não deixam de contribuir para agravar as coisas: o espectáculo parece construído à volta do actor Pedro Pinheiro que, apesar do seu bom débito das falas, não consegue despertar o mínimo de empatia que se exige a um intérprete de revista, ao contrário, por exemplo, de Helena Isabel; a pobreza de cenários e guarda-roupa, menos por culpa de falta de recursos do que por falta de imaginação. E que a falta de recursos não serve para explicar tudo. Não serve, por exemplo, para explicar a falta de talento. Veja-se a «Dança das Bruxas»: feita sem grandes recursos num espaço minúsculo é um espectáculo genial se comparado com este. Por isso, talvez, acaba por ser de José Manuel Rosado (Lydia Barloff) o único grande momento desta (quase) revista: uma imitação de Jô Soares se calhar melhor do que o original.

Será ainda de pôr em relevo a qualidade musical do espectáculo e a voz de Teresa Paula Brito, além da contribuição de Helena Isabel e da boa-vontade de Fernanda Coimbra.

Comissão de Classificação redifinida e reestruturada

Saiu no «Diário da República» um decreto do Ministério da Cultura e Coordenação Científica regulamentação à actividade da Comissão de Classificação de Espectáculos. O diploma define as atribuições, a competência e a composição da comissão, introduz alterações a pretexto de recentes alterações também verificadas na estrutura do Governo e na articulação das relações com o Ministério da Cultura.

Começando por lembrar que a Comissão «deve concorrer para a preservação dos valores culturais, educativos e sociais de maior importância, através da classificação etária e qualitativa dos espectáculos», o diploma diz que ela deve ser constituída por representantes dos diferentes departamentos do Estado, e aponta para que a sua estrutura, o seu funcionamento e a sua dependência orgânica têm por fim «permitir que a sua actividade seja independente e rigorosa».

A Comissão, diz o diploma, «tem como atribuições classificar os espectáculos nos termos estabelecidos na legislação em vigor», e compete-lhe classificar os espectáculos em pornográficos ou não, aqueles (os pornográficos) em escalões, e ainda dar parecer, quando consultada, sobre a legislação relativa à classificação de espectáculos e regulamentar o seu (da própria Comissão) funcionamento interno.

Os membros da Comissão são um presidente, um vice-presidente e até dez vogais, nomeados pelo Ministério da Cultura; dois vogais, nomeados pelo MAI, outros tantos pelo Ministério da Justiça e ainda dois pelo MNE, quatro por parte do MEU, três pelo MAS, dois também pelo Ministério da Qualidade de Vida, um pela Secretaria de Estado que superintenda nos assuntos da Comunicação Social, um ainda pela Secretaria de Estado do Turismo. e até 14 escolhidos pelo Ministério da Cultura dentre uma lista de 28 indicados pela Comissão e compreendendo pedagogos, psicólogos, psiquiatras, jornalistas e sociólogos e outros cuja participação a própria Comissão repute de interesse para o seu funcionamento.

Da demais regulamentação que o diploma divulga, destaque-se que os membros da Comissão são designados por três anos.

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Thin Lizzy ao vivo em Portugal

Thin Lizzy ao vivo em Portugal – eis uma boa notícia para todos os que gostam de «rock». A famosa banda irlandesa vai estar amanhã, às 21.30, em Lisboa, no Pavilhão de Alvalade, e na 2.ª-feira no Porto, no Pavilhão do infante de Sagres.

Thin Lizzy em concerto, é, pode-se dizer, mais uma boa escolha do que propriamente uma saída furtiva nocturna. É uma experiência total, onde o carisma, o talento e o aspecto visual fazem parte essencial dos SEUS espectáculos.

Thin Lizzy e uma banda superprofissional em disco; todos o sabem com certeza. Sobre os shows ao vivo tem-se dito maravilhas acerca deles; porém não há nada como testemunharmos com os próprios olhos a veracidade das afirmações.

Depois de algumas desilusões musicais, já era tempo de haver bons concertos de rock: – eles aí estão com os fabulosos Thin Lizzy de Phil Lynott!

Ultimas representações de "A Excepção e a Regra"

«A Excepção e a Regra», peça de Brecht que o Grupo de Campolide está a apresentar, em 4.º mês, em Almada, entrou em últimas representações, uma vez que a sua carreira no Teatro da Academia Almadense termina no final do presente mês de Março.

Entretanto e devido a outros compromissos e solicitações do Grupo de Campolide, esta peça de Brecht – com a qual o actor Canto e Castro obreve o Prémio da Crítica para a melhor interpretação de 1981 – terá até ao fim do mês um calendário especial de representações.

Assim, «A Excepção e a Regra» estará em cena nos dias 7 (às 16 e 21 e 45), 20 (às 21 e 45), 21 (às 16 e 21 e 45), 26 e 27 (às 21 e 45) e 28 (às 16 e 21 e 45).

Relativamente aos anteriores compromissos, assinale-se a realização, no Teatro da Academia Almadense nos próximos dias 12, 13 e 14 de Março, do III Encontro da Descentralização Teatral promovido pelo ATADT, de que o Grupo de Campolide faz parte.

Por outro lado, nos dias 15, 16, 17 e 18 do corrente mês, apresentar-se-á, no palco do Teatro da Academia Almadense o Teatro Estúdio de Arte Realista (TEAR), de Viana do Castelo, para aí apresentar a peça «Farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente, com encenação de Castro Guedes.

Maratona festivaleira vai hoje para o ar

Pedro Osório e conjunto «SARL» também querem ir a Eurovisão

O Décimo Segundo Juízo Civel de Lisboa indeferiu ontem o pedido da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) que pedia a suspensão do Festival da Canção da RTP.

O Juiz considerou ilegítima a petição da SPA, o que significa que a maratona festivaleira se poderá realizar sem quaisquer problemas judiciais.

Por seu turno, a Federação das Comunicações e Telecomunicações esclareceu que não fará qualquer boicote ao Festival da Canção. Em comunicado, a Federação afirma que «não tem por, prática este tipo de soluções», apesar de os trabalhadores da Televisão continuarem ainda a aguardar a publicação das novas tabelas salariais no Boletim do Trabalho e Emprego.

Irá, portanto, para o ar, o Festival das cantigas, esperando-se que a edição deste ano nada traga de novo em relação à linha nacional-cançonetista que, embora imprópria para consumo, tem sempre milhões de pessoas dispostas a tragá-la.

Tudo está a postos e como medida de precaução contra qualquer avaria do satélite que serve os Açores, seguiram já para aquele arquipélago e para a Madeira bobines vídeo com imagens das 12 cantigas à procura de um passaporte para a Eurovisão. Ninguém vai escapar.

Sufocados pelo aparecimento do movimento rock em Portugal os artistas que concorrem ao Festival da Canção da RTP encontram, neste certame, uma das poucas oportunidades de se promoverem.

Assim, um dos participantes neste festival já faz contratos com uma cláusula bem curiosa: um «cachet» em caso de vitória e um «cachet» em caso de não ficar em primeiro lugar. Em números, isso significa que, em caso de vitória, o artista passará a cobrar 150 mil escudos por cada actuação em «play back». Em caso de derrota, o mesmo «cachet» desce para cem mil escudos.

Trata-se de um «cachet» acima dos mil dólares, um preço muito mais alto do que o pago a qualquer grupo de rock em Portugal, que tem que transportar centenas de quilos de material e equipamento sonoro para receber o mesmo «cachet» por um «play-back» que entrará directamente para os topes e tocará nas estações de rádio.

É o Festival da Canção da RTP, onde a palavra «amor», como nos anos anteriores, será a mais cantada: ela será repetida, nada menos de 30 vezes.

Em contrapartida, pela primeira vez, surgem no Festival palavras como «embasbacada», «canivete», «batota», «cobra», «esmola», «voleibol», «carapau», «baldrocas».

Mas grande parte das canções concorrentes estão cheias de lugares-comuns, amores desfeitos e, como não podia deixar de ser, também «Portugal», está mais uma vez presente.

O cenário está pronto e aquele que é considerado como o único acontecimento no panorama musical português movimentou milhares de escudos em publicidade, milhares de escudos em vestuário para os artistas, numa aposta onde o lucro das editoras não é tão imediato como no passado.

Hoje, as editoras têm mais interesse em promover devidamente um UHF, um Táxi ou um Salada de Frutas.

Alguns responsáveis de editoras afirmam que a canção vencedora poderá vender cerca de 70 mil discos«single».

Aliás, a RTP é uma das poucas televisões concorrentes à Eurovisão que ainda mantém o sistema de escolha das canções, enquanto a maioria prefere simplesmente, sem júri e sem festival, escolher a sua canção e intérprete.

De cerca de 700 canções inscritas no Festival da Canção 1982, um júri seleccionou 12: «Quero ser feliz agora», de Pedro Osório e interpretada pelo grupo SARL, «Em segredo», de Tozé Brito. cantada por Dina «Vai mais vem», de Mário Tavares e Pedro Calvário, cantada por Fernanda, «Até amanhecer», de Tozé Brito e Pedro Brito, cantada por Alexandra, «Sonho a dois», de Rui Eduardo Rocha e Luís Manuel Fernandes, cantada por Isa, «Trocas-Baldrocas» de Carlos Paião, cantada por Cândida Branca-Flor, «Em segredo», de Dina, «Amor Português», de Pedro Osório, cantada por Joana, «É o fim do mundo», de Fernando Guerra e João Henrique, cantada por Marco Paulo, «Bem Bom», de António Pinho, Pedro Brito e Tozé Brito, cantada pelas Doce, «Tudo tim tim por tim tim», de Manuel José Soares, interpretada pelos «Bric-à-Brac», e, finalmente, «Banha de cobra estica e não dobra», de Manuel José Soares, cantada pelo duo «Broa de Mel».

De assinalar que a verba deste ano destinada ao Festival foi substancialmente reduzida. Por isso o cenário do Maria Matos, para quadrar com os tempos de austeridade que estamos a viver, vai apresentar-se em estilo franciscano: painéis em que se vêem três estrelas de cores diferentes e um outro painel, ao fundo, comportando estrelas iguais e um arco-iris estilizado.

REFORMADOS LISNAVE

Realiza-se a 9/3/82 as 15.00h, uma assembleia de Reformados, na Rocha. Estarão presentes os ORTS a convite da comissão

Comparece e participa

PELA DEFESA DOS TEUS INTERESSES

A COMISSÃO

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A bandalheira do festival e o festival da bandalheira

O serão ficou marcado pela suspensão daquilo que, entre nós, vai ficar para sempre com o título de «A Balada de Hill Street». Título cómico, desastrado. Pura leviandade, comum a tantas actividades da RTP.

A palavra «blues» apontou para o género musical, tão conhecido. E, por tão conhecido, mais admira não se ter compreendido que, entre o clima e as tradições dos «blues» e o clima e a linguagem da série televisual, não havia qualquer semelhança. Ainda ontem assistimos a um diálogo esclarecedor entre o polícia e a assistente social. Ela não queria sair com o «cop» à noite porque via fardas todo o dia. **Mas estes «blues»** (estas fardas) **despem-se à noite...** – respondia o polícia.

Mesmo depois de a crítica ter apanhado o erro, o título manteve-se. O pormenor ilustra bem o tipo de relações com os cidadãos-telespectadores mais responsáveis, que a RTP teima em prosseguir.

Parece que «A balada» não está completamente de abalada. Parece que um dia virá de novo. Ao menos, esperemos que a troca não seja para pior. Mas em relação à Televisão portuguesa, nas mãos de uma equipa medíocre e prepotente, todo o cepticismo se justifica.

Raffaella Carra esteve a bailar e a cantar na Cidade do México, depois de ter passado por Buenos Aires, Roma, Moscovo. Das muitas qualidades deste musical nem vale a pena falar, tão evidentes são. As variedades são o luxo da RAI que, no entanto, trabalha noutros géneros de grande qualidade. Infelizmente, a RTP fez uma opção clara, com o seu eixo Londres-Washington. Não tarda, para mal dos nossos pecados, que as línguas latinas, irmãs da nossa, sejam tidas, ao nível do ouvido familiar, como bárbaras...

Marcada para as 10 e 35, a emissão da Assembleia da República chegou cerca de 20 minutos atrasada. Não se compreende a não ser como viciosa falta de consideração pela audiência.

Um ou outro ligeiro contratempo desculpa-se quando se trata de um directo. Mas ontem e antes de ontem e quase sempre, era facílimo fazer as contas, dado que só havia produtos enlatados, de duração rigorosamente conhecida. Já é preciso ter lata para jogar mal com os produtos enlatados.

Vale para o efeito aquilo que ontem aqui ficou registado. O Governo pode ter derrotado a moção de censura, como aliás Mário Soares já sabia (e se calhar por isso é que a apresentou) mas, na Televisão, quem saiu derrotado foi o Governo. O que, para ele deve ser tomado como funesto sinal: quem perde na TV, perde cá fora. Se o dr. Balsemão não quer acreditar no que lhe eu digo, pergunte aos seus amigos americanos que, nisso de televisão, percebem da poda.

Dois assuntos de ontem.

Já dissemos que «Pergunte connosco» pode ser uma rubrica inócua, útil ou perigosa. Depende das questões, da capacidade dos respondentes e tudo jogado dialecticamente com a hora da emissão, a qual abarca um vasto leque de audiência onde as crianças ocuparão grande fatia.

Ontem, esteve na berlinda a ovulação, a menstruação, a gravidez, «os comprimidos que se metem na vagina», «as substâncias tóxicas que corroem as paredes vaginais», os «abortos eugénicos por causa da rubéola».

A matéria é útil, mas inadequada ao horário. A questão pede urgência no atendimento, mas ninguém lhe liga. E a confusão continua...

O outro assunto. A respeito do Festival da Canção deste ano, o **Telejornal** avançou com uma notícia que, tanto quanto julgo saber, não corresponde à verdade.

O mais estranho, porém, é que o **Telejornal** nunca se referiu ao assunto com suficiente nitidez ou seja: ele fala de uma coisa que a audiência ignora...

Na hora do almoço, entrevistaram D. Manuela Rana (quem?) membro do júri. Os concorrentes foram maus perdedores, o júri é soberano, béu-béu. Mas ninguém sabe do que se trata. Até a Guidinha Marante se esqueceu de levar o caso à «Primeira Página».

A pobre Manuela é uma desgraça. Nunca imaginei que pudesse alguém dizer aquilo que ela diz. «A língua portuguesa – debita ela – não é uma língua de festival...»

Não entendo. Pouco importa. Ela também não entenderá. Só que se esqueceu de explicar aos gentios como é que um «júri» pode classificar **honestamente** setecentos canções em dois serões de trabalho.

Não foi trabalho, madama. Foi trafulhice. Em tal caso, **todas** as suspeitas são legítimas. Aquilo foi uma indecência. Uma vergonha. Foi brincar com a dignidade dos concorrentes.

Manuela Rana disto não falou. Preferiu dizer tolices pré-históricas. O que aumenta o escândalo.

Rua Ten. Raul Cascais, 1-A LISBOA
teatro do bairro alto

Memórias de uma Mulher Fatal

de AUGUSTO SOBRAL

com ROGÉRIO VIEIRA

Prémio da crítica 1981
Melhor texto português

Só hoje às 21.30
e amanhã às 18.00

Domingo — dia 7 às 21.30 h
Segunda — dia 8 às 21.30 h
PRIMECUTS
espectáculo da artista inglesa de mímica
NOLA RAE

GTH GRUPO TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 — Tel: 875626

«O RUFIA NA ESCADA»
DE JOE ORTON

DE 4.ª A SÁBADO ÀS 22.00 H
MATINEE SÁBADO ÀS 17.00 H
DOMINGO SÓ ÀS 17.00 H

A BILHETEIRA ABRE ÀS 19.00 AOS DIAS ÚTEIS E ÀS 15.00 NOS FINS-DE-SEMANA.
DURANTE O DIA MARCAÇÕES PELO TEL. 875626.
ENTRADA GRATUITA AOS SÓCIOS DA VOZ DO OPERÁRIO.
ESPECTÁCULO INTERDITO A M/13 ANOS
SUBSIDIADO PELO MINISTÉRIO DA CULTURA

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

...há teatro infantil no nosso Espaço Experimental

Todos os fins de semana

o Chapéu Mágico de Carlos Coelho

(prémio da melhor peça Infantil - R.D.P. 1980)

encenação Rogério Paulo

sábados às 15,30 horas
domingos às 11 h. e 15,30 h.
Adultos: 100 esc. / bilheteira
Crianças: 50 esc / tel. 322210

TEATRO DA TRINDADE
INATEL

Apresenta Domingo às 11 horas

CONCERTO DOMINICAL
pela
BANDA DA FORÇA AÉREA

Dir.: Tenente Mário Marques

Programa

Ocidente e Oriente-Marcha	Saint-Saens
La Gazza Ladra-Abertura	Rossini
Uma Noite em Granada	Cebrian Ruiz
Suite Oriental	F. Poppy
Primavera-Abertura	Duijck
Musicals	Bernstein
Bizet Moderno-arranjo de	Rhinow
Brass and Blues	Gould
Volta ao Mundo	Yoder-Walters

Distribuição gratuita de bilhetes
(Espectáculo para todos)

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AG. ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Luís Andrade, realizador do Grande Prémio TV da Canção 1982

1 RTP

14.55 **Hoje Há Visitas**
16.10 **«O Barco do Amor»** – 1.º episódio. Interpretes: Jaclyn Smith e Dennis Lole.
17.00 **Vivámúsica** – magazine musical.
17.55 **O Mundo em Extinção**
18.50 **Magazine do Cinema**
19.20 **Jornal de Economia**
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.50 **Desenhos Animados** – «O Detective Polegada».
21.25 **Grande Prémio TV da Canção** – transmissão directa do Teatro Maria Matos.
23.35 **«Dallas»**
00.30 **Rali de Portugal/Vinho do Porto**

Na RTP-2 exibição do 9.º episódio de «Polícia Cirurgião»

2 RTP

14.17 **Movimento 2** – inclui o jogo de râguebi Escócia-França, o Rali de Portugal/Vinho do Porto e as finais de atletismo do Campeonato da Europa
20.00 **«Polícia Cirurgião»**
20.25 **É Sempre Bom Saber**
21.00 **Sábado Especial** – «Convite».
22.45 **Rali de Portugal-/Vinho do Porto**

Amanhã

1 RTP

9.47: Eucaristia Dominical; **11.20**: Bom Dia Domingo; **13.55**: Sumário; **14.30**: «Roy Rogers»; **15.30**: O Passeio dos Alegres; **19.10**: Topo Gigio; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.35**: TV 25 Anos – último programa; **21.05**: «O Jogo das Quintas-Feiras»; **22.50**: Grande Encontro – 2.ª edição.

2 RTP

14.42: Atletismo – Campeonatos Europeus de Pista Coberta; **18.30** Barysnikov na Broadway; **19.30**: «Que Viva o Cinema» (Stalag); **21.30**: Estúdio Aberto; **22.00**: Jazz; **23.00**: Rali de Portugal/Vinho do Porto

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP Grande Prémio TV da Canção (21.25)

«Convite» (22.45) 2 RTP

Além de um programa à escolha oferece-lhe

1 RTP

Sue Ellen é presa depois de terem sido identificadas na arma que serviu para disparar contra J.R. as suas impressões digitais. Para seu maior desespero a família Ewing abandona-a na cadeia.
Intérpretes: Mary Crosby, Jeff Cooper e Tom Fuccello.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

roteiro cultural

Teatro

«O Chapéu Mágico», de Carlos Correia, peça infantil que ganhou o concurso de teatro para crianças promovido pela RTP, está a ser apresentada no Teatro Nacional, numa encenação de Rogério Paulo. Espectáculos todos os sábados (às 15.30) e domingos (às 11 e 15.30 horas).

«O Rufia na Escada», de Joe Orton, o mais recente espectáculo do Grupo Teatro Hoje, entrou em 2.º mês de representações no Teatro da Graça, numa encenação de Carlos Fernando. Espectáculos de 4.ª a sábado às 22 horas, com matinées aos sábados e domingos às 17 horas. Simultaneamente esta a decorrer na galeria do teatro uma exposição de aguarelas de Benvinda de Melo Lopo, que constitui outro olhar sobre a obra de Joe Orton.

«Gin Game», peça de Donald Coburn, interpretada por Eunice Muñoz e Jacinto Ramos, regressou ao Teatro Nacional. Esta reposição deve-se ao êxito obtido pelo espectáculo e à impossibilidade do grupo de teatro brasileiro «Macunaíma» se apresentar no D. Maria II, como estava previsto, por dificuldades surgidas à última hora.

«A Feira», novo espectáculo para a infância do grupo «Papa-Léguas», estreia amanhã no Teatro da Graça, onde se manterá em cena todos os sábados e domingos, pelas 11 horas. «A Feira» é um trabalho com dramaturgia, encenação e cenografia colectivas, com a participação de Fátima Santos, Guida Rainha, Maria João Trindade e Mário Jorge. A música original é de Pedro Barroso e Zé Calhau.

A Associação Teatro Construção (ATC), de Vila Nova de Famalicão, anunciou para hoje a estreia da peça «Camilo Castelo Branco», na sua sala.

Esta colectividade cultural vai promover em Junho um festival de teatro que inclui também a participação de agrupamentos de música rock, de câmara e popular, exposições de pintura e fotografia.

Foram convidados a participar neste festival grupos de teatro da Espanha, França e Bélgica.

O Teatro Nacional apresenta, aos sábados e domingos, a peça infantil de Carlos Correia «O Chapéu Mágico»

Passeios

Amanhã o Centro Nacional de Cultura visita o Museu da Marinha, na Praça do Império, pelas 10 horas.

Fundado pelo rei D. Luís, o Museu esteve primeiro no Arsenal, tendo grande parte do seu recheio ardido em 1916. Reorganizado anos mais tarde no Palácio das Laranjeiras, encontra-se desde 1962 nas actuais instalações.

Composto principalmente de uma excelente colecção de miniaturas doada por Henrique Seixas, o Museu conta ainda com belos exemplares de antigas embarcações e importante documentação e pinturas.

A visita será guiada pelo almirante Manuel Vilarinho, director do Museu.

Música

Realiza-se amanhã na Sé Patriarcal, às 16.30, um concerto de órgão e trompete, em que actuarão Antoine Sibertin-Blanc (órgão) e Nelson Rocha (trompete), os quais interpretarão obras de Claude Gervaise, Vivaldi, Martini, Pedro de Araújo, Carlos Seixas e Rodrigues Coelho.

No átrio do Museu Gulbenkian, realiza-se amanhã, às 11.30, um concerto pelo Coro de Câmara do Conservatório Nacional dirigido pela prof.ª Teresita Gutierrez Marques. A entrada é livre.

Exposições

Victor Belém expõe na Galeria Dois, do Porto (Av. da Boavista, 707). Integrada na pintura de vanguarda portuguesa, a exposição de Victor Belém constituirá um acontecimento no meio artístico portuense. A mostra está aberta diariamente (excepto aos domingos), das 16 às 20 horas, até ao dia 18 de Março.

Vão realizar-se visitas guiadas à Exposição de Robert e Sonia Delaunay, que está patente nas galerias das exposições temporárias da Fundação Gulbenkian.

O calendário é o seguinte: hoje, às 15.30, pelo prof. Cruz Teixeira; dia 9, às 11 horas, pelo dr. Rui Mário Gonçalves; dia 11, às 11 horas, pela dr.ª Sílvia Chicó.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45h
A VIAGEM
TEXTO - HELDER COSTA
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
DE 3.ª FEIRA A DOMINGO AS 21,45
SABADOS E DOMINGOS TAMBEM - MATINEES AS 17H
PRAÇA DE ESPANHA
T. 762624 —Sub. Sec.

Cooperativa de consumo do Povo da Cruz de Pau

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 21.º dos Estatutos, convoco a assembleia geral da Cooperativa de Consumo do Povo da Cruz de Pau a reunir em sessão extraordinária na sede do Clube Recreativo da Cruz de Pau, Rua Infante D. Augusto, n.º 39, Cruz de Pau, no dia 20 de Março de 1982, após a sessão ordinária, a qual está marcada para as 20 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º) Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1982/1983.
2.º) Apreciar e votar o Regulamento Interno.
3.º) Diversos.

Cruz de Pau e sede social, em 3 de Março de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Manuel da Silva Marquês

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Entre bastidores; **17.00**: Turma da um; **19.05**: Turismo, anos 80; **19.35**: Música de todo o Mundo; **20.00**: Teatro radiofónico; **21.00**: Prevenção rodoviária; **21.30**: Programa da noite; **23.30**: Bloco informativo.

Programa 2

14.30: Ópera; **16.35**: Música de câmara; **17.30**: Concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP e realizado no Teatro Municipal de S. Luiz; **19.30**: Intérpretes portugueses; **20.10**: Música de câmara; **21.00**: Realidade hoje; **21.45**: Música; **23.15**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.03: Contra-ataque; **19.03**: Musical; **20.03**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.03**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **21.30**: Tempo de desporto; **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Contra-ataque; **19.03**: Estereotipos; **21.03**: Blues index; **22.03**: Outra musica. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Pop. top. rock; **17.00**: Pop, top rock (continuação; **18.30**: Musical; **19.00**: Roda viva, **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Paju, **21.00**: Transmissão directa do terço do Santuário de Fátima; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Bola branca (2.ª edição); **23.05**: Musical; **23.30** Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora

Lisboa é sua não deite lixo na rua

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 369

HORIZONTAIS:

1 Recusa. Tempo do verbo haver. Prédio
2 Qualquer porção de uma curva. Curo.
3 Antiga unidade monetária da Alemanha. Pronome pessoal. Preposição latina que designa movimento.
4 Seguia. Fazer doação de.
5 Nome de letra. Do lombo ou a ele referente
6 Livro ds poesias de António Nobre. Tange
7 Exteriormente. Tempo do verbo ir. Conjunção
8 Torna morno. Feiticeira.
9 Freguesia do concelho de Penafiel. Diz-se das maxilas, nalguns insectos.
10 Abalara.
11 Preposição e artigo (pl). Guarneço de asas. Nome de astro.

VERTICAIS:

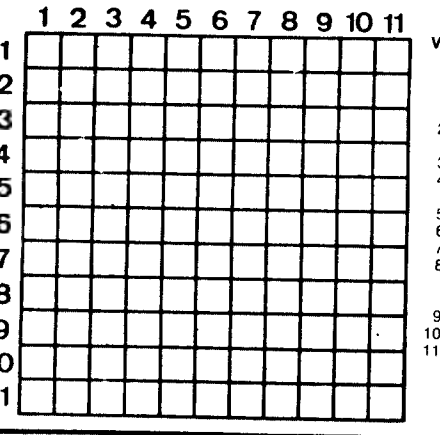
1 Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. Nutrida.
2 Classe de tropa. Adição.
3 Ondas curtas. Permeáveis.
4 No lugar em que. Clima.
5 O sono das crianças. Cidade do Japão.
6 Que têm modos de saloios
7 Artigo definido. Cabo da costa de Portugal. Negativa.
8 Acreditei. Miriare. Oceano
9 Preposição e artigo. Prefixo que designa afastamento. Assassinas.
10 Inundo.
11 Caminhar. Sadia. Artigo definido (ant.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7229

HORIZONTAIS:

1 Tribuno romano, que matou Calígula em 41, sendo depois mandado matar por Cláudio. Cabelos brancos.
2 Dêem urros. Governanta.
3 Rádio (s.q.). Gás a temperaturas muito elevadas, em física atómica.
4 Verbal. Comilão (fig.).
5 Utensílios domésticos. Rei do Egipto.
6 Agrava. Solitário.
7 Alfabeto telegráfico que representa as letras por pontos e traços. Antigo Testamento.
8 Vai para fora. Farsa satírica. Carta de jogar.
9 Senhora. Ocidente.
10 Doses (fig.). Consentimento.
11 Gavinhas. Rio dos Estados Unidos



VERTICAIS:

1 Rei do Egipto da 4.ª dinastia, cerca de 2800 aC. Moeda indiana.
2 Cidade da antiga Caldeia. Batráquio. O mais
3 Vagueias. Combinado.
4 Efectivo. Rio de Itália. Chefe etíope
5 Preposição. Manas.
6 Que tem poros.
7 Temperaremos com sal
8 Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas. Descanso.
9 Assuntos. Estima.
10 Permaneces.
11 Transpira. Isolado. Chão

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 368

HORIZONTAIS:

1 QUEM. Talhas.
2 Srs. Pecais.
3 Acuem. Sia.
4 Ara. Altar.
5 Reparam.
6 Aral. Lu. Ria.
7 Bar. Aferias
8 Asa. Na. Ata.
9 Miei. Er.
10 Há. Alaga. Sá
11 Atroa. Asa

VERTICAIS:

1 Qs. TRABALHA.
2 Ura. Eras. At
3 Escaparam.
4 Ural. Ião
5 Pear. Anela.
6 TEM. ALFAIA.
7 Ac. Amue. Ga.
8 Lá. Nas
9 História.
10 Asia. Iates.
11 Arrasaras.

Provérbio: QUEM TRABALHA, TEM ALFAIA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7228

HORIZONTAIS

1 Age. Ágolo.
2 Basim. Parar.
3 Ar. Ro. Ir.
4 Domar. Afina
5 Ar. Ana.
6 Rs. Rua. Nio.
7 Bu. Piela. Fi.
8 Amurada. Bar.
9 Cima. Irão.
10 An. Deverias.
11 Lado. Amuar.

VERTICAIS

1 Abada. Bacal.
2 Garo. Rumina.
3 És. Mas. Um.
4 Irar. Prado.
5 Amor. Ria.
6 Quediva Apia. Alarem.
8 Garfa. Aru.
9 Or. Inn. Bóia.
10 Lá. Naifa. Ar.
11 Oriá. Oiras.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	60$60	65$60
ALEMANHA (marco)	28$90	30$00
AUSTRIA	4$05	4$25
BELGICA	1$422	1$622
BRASIL (cruzeiro)	$265	$515
CANADA dolar (notas de 1 e 2)	55$75	57$75
(notas de 5 a 1000)	56$25	58$25
DINAMARCA (coroa)	8$60	9$00
ESPANHA (peseta)	$629	$729
EUA dolar - notas de 1 e 2)	68$25	70$25
(notas de 5 a 1000)	68$75	70$75
FINLÂNDIA (marka)	15$10	15$70
FRANÇA (franco)	11$20	11$90
HOLANDA (florim)	26$35	27$35
IRLANDA (libra)	102$60	106$60
ITALIA (lira)	$049	$059
JAPAO (iene)	$283	$298
NORUEGA (coroa)	11$45	11$95
REINO UNIDO (libra)	125$30	129$30
SUECIA (coroa)	11$80	12$40
SUIÇA (franco)	36$35	37$45
VENEZUELA (bolivar)	13$75	14$75

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
– N. ac. men. 13 a
O MISTÉRIO DA ÁGATA
c/ Dustin Hoffman

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO
c/ Sean Connery

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
A ROSA VERMELHA

APOLO 768319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 13 a.
A VIDA É BELA!?
Um filme de Luís Galvão Teles
3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Pobre Drácula! Não há dentes que lhe valham, nem vampiros que o protejam!
LES CHARLOTS CONTRA DRÁCULA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
Um filme de Steven Spielberg
42.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos

ENSINA-ME A VIVER

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
O filme de Mel Brooks
2.ª Semana
Às 24.00
AS MOTOS DA MORTE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
(Não acons. menores 13 anos)
HANGAR 18
4.ª Semana
Às 24 – Int. men. 18 a
O HOMEM DO TERMINAL

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a
SEXO CONTRA-RELÓGIO
Pornográfico – Hardcore
24.00
TELEFONE
não acons. men. 13 anos

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
TARZAN, O HOMEM MACACO
c/ Bo Derek, Richard Harris
Às 24.00
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE

CINE CAMÕES 724194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a
POEMA DE AMOR
Um filme de Basu Chatterji

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Um furacão feito cinema!
O PROFISSIONAL
c/ Jean Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A VIDA É BELA!?
Amanhã às 11.00
UM PEQUENO TRINITÁ BOTAS ALTAS
Às 24.00
O LUTADOR TATUADO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15, 17, 19 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
VIOLÊNCIA SELVAGEM
c/ Marie Christine Barrault e Michel Piccoli
Um filme de Francis Girod – 4.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30 24
– Int. men. 18 a.
Walerian Borowczyw o realizador dos «Contos Imorais»
AS HEROÍNAS DO MAL
c/ Margarida, Marcelina e Maria
3.ª Semana

IMPÉRIO 5551345

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Belmondo um furacão feito cinema!
O PROFISSIONAL
Um filme de Georges Lautner
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
Na romântica Budapeste dos anos 30.
AS HERDEIRAS
c/ Isabelle Hubert e Lili Monon
6.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

As 15.30 e 21.30
Não ac. 13 anos
PARA NÓS E CANJA!
Às 24.00
TESTEMUNHA INCONSCIENTE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15, 17, 19 e 21.30
Int. 13 anos
O CLÃ DAS AMAZONAS
Às 24.00
CARRIE

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
A CALÚNIA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
PARA ALÉM DO MAL
c/ Dominique Sanda, Erland Josephson
As 24
ESCÂNDALO NA TV

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 18 a

VINGANÇA DUMA MULHER

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CONFLITO FINAL
c/ Rossano Brazzi, Don Gordon e Lita Harrow
Colorido

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– Int. men. 18 a
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
– Int. men. 13 a
VIAGENS ALUCINANTES

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
– Int. men. 13 a
A TERCEIRA GERAÇÃO

SALA 4

As 15, 17, 19, 21.15 e 23.15
– Int. men. 18 a
DUAS MULHERES APAIXONADAS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
Conduz como ninguém, o carro e . os policias .. (obrigado...)
TAXI GIRL
de Edwige Genech
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O REGRESSO DO JUSTICEIRO DA NOITE
c/ Chuck Norris, George Murdock e Terry O'Connor
Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steep e Jeremy Irons
11.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
Int. men. 18 anos
Bad Timing
FORA DE TEMPO
de Nicolas Roeg
6.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
O HOMEM DAS CAVERNAS
c/ Ringo Starr e Barbara Bach
3.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
– N. ac. men. 18 a
FANTASIAS NOCTURNAS
c/ Cindy Pickett e Barry Primus
Um filme de Roger Vadim
Às 24
MUNDO VIOLENTO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
Domingo às 11.15
ASTERIX O GAULÊS

STAR [illegible]210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C
Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
16.ª Semana
Às 00.30
BRONCO BILLY – O AVENTUREIRO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.00
Int. men. 13 anos
O PELOTÃO CHANFRADO
com Bill Murray e Harold Ramis
A mais chanfrada comédia de 1982

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
Um filme de Hal Needham
Colorido
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A melhor comédia de Mel Brooks
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
c/ Mel Brooks, Tom DeLuise e Madeline Kahn
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
A supercomédia do ano
MAOZINHAS DE VELUDO
c/ Adriano Celentano

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «A Corrida Mais Louca do Mundo» às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Três Homens a Abater», às 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «O Pequeno Lord» as 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «A Boa Aventureira», às 21.0 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «As Deusas do Amor», (18 anos). Sessões permanentes
POLITEAMA – «Os Comandos de Taekwando», às 21.30 (18 anos)
2000 – «Les Charlots Contra o Drácula», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Senhor Doutor», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Calígula», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Até os Anjos Comem Feijões», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «A Noite do Falcão», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «O Último Tubarão», às 21.30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Divina Loucura», às 21.30 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «A Filha do Mineiro», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Das 9 às 5», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Speed Drive», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Fera», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Os Anjos da Morte», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «O Pequeno Lorde», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Hangar-18», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «O Solteirão Amansado», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Lagoa Azul», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Glória», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Leão do Deserto», às 21.30 (13 anos)

Porto

S. JOÃO – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «O Espelho do Desejo», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «O Clã das Amazonas», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Ameaça Inesperada», às 21.45 (18 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «O Nevoeiro», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Testemunha na Ratoeira», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Não Há Nada que Não Me Aconteça», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Django o Ultimo Killer», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Gelados Quentes, Sonhos Dormentes», às 21.45 (18 anos)
ESTUDIO – «Alien Volta a Atacar», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «A Dama das Camélias», às 21.45 (18 anos)
FOCO – «O Direito do Mais Forte à Liberdade», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Basket Music» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Solteirão Amansado», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)

teatros

Lisboa

VASCO SANTANA – «O Homem que se Julgava Camões», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.45 (13
TEATRO DA GRAÇA – «O Rufia na Escada», às 22.00 (13 anos)
MONUMENTAL – «Virgem Até Certo Ponto», às 20.45 e 23.00 (13 anos)
A BARRACA – «Fernão Mentes» as 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada pra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
LAURA ALVES – «A(a Tola às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II – «Gin Game às 21.30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «A Excepçao e a Regra» às 21.45 (13 anos)
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS – «Onde Vaz Luís?» as 21.45 (13
TRINDADE – «Molly Bloom», às 21.30 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

Ziler, R. São Tomé, 54-56 (T. 862835); **PALMA**, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T 547088); **LUSITANA**, Av. de Roma, 18-A (T. 885443); **AEROPORTO**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-A (T. 882384); **BENFILUZ** E. de Benfica, 444-A (T. 782606); **BOA-HORA**, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **RUALTO**, R. Alto do Carvalhão, 5-B (T. 651721); **PORTUGAL**, R. Rebelo da Silva, 11-13; **REIS GARRIDO**, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 662327); **MATOS VIEGAS**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **ROMANA**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **LEMOS**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **OLIVEIRA VIEGAS**, R. Vinato, 29-29-A (T. 548966); **CABRITA**, Parque Residencial Miraflores, lote 12 (T 2101486); **AMARAL** R. Antero de Quental 8-8-A (T 925455); **LEITÃO RIBEIRO**, R. A do Falcão, 3-A.

PERMANENTE (Amanhã)

ARNALI, R. Escolas Gerais, 88-A (T 863940); **DILENA**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **SANEX** Av. da Igreja, 31-C (T 897505); **PROVIDÊNCIA**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **ALMEIDA**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **MADRE DE DEUS**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **BRANCO**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **CORVO**, R. Ângela Pinto, 32-B-C; **CARRONDO** R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **MARCOS NASCIMENTO**, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 774238); **ALMEIDA NIFO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **SOARES CORREIA**, E. Águas Livres, 128; **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **LEITÃO**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051)

Linha de Sintra

AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T 964649). Até às 22 horas, **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T. 2944002). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo** R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 as 13 e das 15 às 21 horas. **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas. **SINTRA: Misericórdia** Vila (T. 2930391) Permanente **COLARES: Abreja** (T. 299088)

CAMARATE: Batalha (T. 2518669) Até às 19 horas

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Até às 22 horas, **OEIRAS: Godinho** R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090) Permanente, **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Permanente, **PAREDE: Mendes** B. Luanda, lote 5-5-D (T. 2477828) Permanente; **S. JOÃO DO ESTORIL: S. João**, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Reis, R. Capitão António Feio. Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 274356). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo** (T. 2492324). Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República (T. 2400020). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **SETÚBAL: Oliveira**, R. da Misericórdia; **Louro**, R. Frei António Chagas, 2.

SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923); **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156); **MOITA: União Moitense** Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025) **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). **ALCOCHETE: Gameiro** L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100).

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240) Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Santa Bárbara**, R. Francisco M. Beato, 7 (T. 2518918). Permanente.

Porto

DE DIA E TÔDA A NOITE

FERREIRA, P. D. Afonso V, 55-B; **AMEAL**, R. do Ameal, 1227; **CRUZ**, R. de Costa Cabral, 1082; **S. LÁZARO**, Av. Rodrigues de Freitas, 297; **PARENTE**, R. das Flores, 145.

●

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

PAIVA P. do Comércio (T. 23231).

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

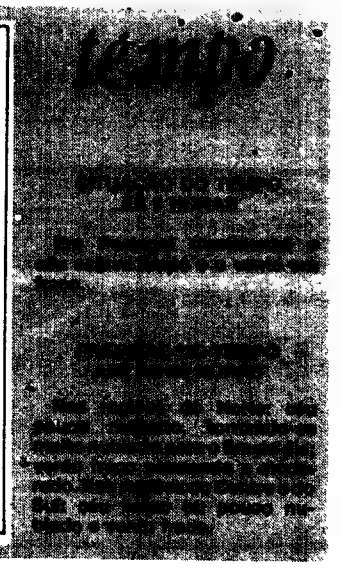
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

0.12	3,6 m	6.15	1,3 m
12.49	3,6 m	18.33	1,4 m
Dia 7			
1.12	3,9 m	7.10	1,1 m
13.43	3,8 m	19.23	1,1 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	6°
BRAGANÇA	3°
VILA REAL	5°
PORTO	7°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	8°
C. CARVOEIRO	11°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	11°
ÉVORA	10°
BEJA	7°
SAGRES	14°
FARO	14°
P. DELGADA	–
FUNCHAL	15°



últimas

AVALIAÇÕES ESCOLARES CATIVADAS pelos professores da Zona Sul do País em luta com o ministro da Educação e Universidades. Continuam determinados a não dar as avaliações do primeiro período afirmou o porta-voz do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa e que a luta se irá agudizar se Vítor Crespo não os receber em audiência até ao próximo dia 17. O ministro exigiu a publicação das notas do preparatório e secundário até hoje, mas um informador ministerial já admite a prorrogação desse prazo. A tomada de posição dos professores visa: a reposição do poder de compra da tabela salarial de 1982, a defesa da legalidade e dos direitos dos professores bem como a satisfação de reivindicações no domínio das condições de trabalho.

RETIDO NA MAURITÂNIA o pesqueiro português «Cabo Branco» abandonou já o porto de Nouadhibou e deverá chegar a Lisboa no dia 10 do corrente mês. A embarcação esteve retida desde 24 de Fevereiro em virtude do não pagamento pelo armador de dívidas no montante de 3500 contos à empresa «Soma-Peche». O «Cabo Branco» tem a bordo uma tripulação de 25 homens e cerca de 70 toneladas de pescado que poderá valer 8 mil contos.

ALTA FIDELIDADE NA MIRA dos assaltantes que assim deixam silenciosas as residências que tomam por alvo. Tornou-se já uma constante o manifesto interesse dos indivíduos cuja actividade ilícita é a dor de cabeça de quem julga as suas coisas acauteladas em casa e por vezes se engana. Foi agora a vez do locatário da vivenda situada na Rua Visconde de Porto Salvo, 8, em Paço de Arcos, onde entraram após terem arrombado uma janela que permitiria a introdução. Todo o material de som a que juntariam outros objectos de valor, que somado rondará os 1500 contos, mudou de mãos.

PARIS
***** «cidade luz»
INVERNO 81/82
4 e 8 DIAS DE VIAGEM
FERIAS ou NEGOCIOS
PARTIDAS:
MARÇO 5, 12, 19 e 26
PREÇOS DESDE 15.300$
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
PORTO Av Aliados 207 •Telef 31 79 41
LISBOA Av Liberdade 160•Telef 37 13 41
Av Roma 66 B •Telef 80 36 09
COIMBRA Rua da Sota 2•Telefs 27011/2
FARO Av Republica, 124 •Telefs 25035/6
FUNCHAL Rua Gorgulho 1•Telefs 310 77/8

Meios diplomáticos ocidentais revelam ao "DL"

África do Sul prepara para breve governo da Unita no Sul de Angola

Campanha internacional de propaganda contra RPA "prevista" para Março/Abril

A África do Sul prepara-se para instalar a curto prazo um Governo da Unita no Sul do território angolano e tem planos militares e propagandísticos já em adiantada fase de execução – soube o «DL» junto de meios diplomáticos ocidentais. Esta acção – referiram as mesmas fontes que haviam já estado em contacto com o «DL» em Dezembro último e prometeram mais revelações «quando for oportuno» – tem vindo a ser cuidadosamente planeada por Pretória, Washington e Kinshasa, três capitais que Jonas Savimbi tem visitado com frequência e nem sempre discretamente.

Os preparativos para a África do Sul instalar um Governo provisório da Unita no Sul de Angola foram discutidos e analisados detalhadamente numa reunião celebrada nos fins de 81 em Windhoek, capital da Namíbia, na qual participaram altos oficiais dos Exércitos norte-americano e sul-africano, Savimbi e vários representantes do Zaire, Bélgica e Israel.

Nessa reunião ficou decidido que, uma vez constituído o Governo provisório da Unita, se estabeleceriam de imediato contacto, com Marrocos, Gabão, Senegal, Egipto, Portugal, França, RFA e Inglaterra, entre outros países, com a finalidade de obter rapidamente apoio e reconhecimento internacional.

Entretanto os militares sul-africanos tornaram já operacional o aeroporto de Ionde, na província do Cunene, para onde já «transferiram» combustível e material de guerra em grandes quantidades. Neste momento – garantiram o «DL» as mesmas fontes – já ali se encontram 5 aviões Impala, 3 Mirage, 24 helicópteros Puma, 19 carros AML-90 e outro material de guerra, nomeadamente armas automáticas, «suficientes para armar mais de 3000 homens».

Por outro lado os sul-africanos pretendem ocupar a maior parte do território de Moçamedes, para o que dispõem da «assessoria» de cerca de 400 militares de origem norte-americana, israelita e euro-ocidental. Esses «assessores» ou «conselheiros» estão instalados na base militar de Ondagua, no Norte da Namíbia, e os planos sul-africanos incluem ainda a utilização de uma pista na baía dos Tigres, perto de Moçamedes, para o abastecimento dos aviões e helicópteros.

Propaganda e atentados

Atentados contra a vida dos mais destacados dirigentes angolanos e uma poderosa campanha de propaganda a nível internacional para «preparar» a opinião pública para o que vier a acontecer, são dois pontos a que Pretória e Washington têm vindo a dar muita atenção e a estudar até ao último pormenor.

Nos meios diplomáticos contactados pelo «DL» existem informações muito concretas quanto a preparação que foi ministrada na localidade de Boma, no Zaire, a vários «comandos» compostos fundamentalmente por mercenários norte-americanos e europeus que estiveram na guerra do Vietname – comandos que têm como finalidade primeira entrar em Angola para executar acções terroristas e tentar aniquilar fisicamente os principais dirigentes angolanos, com relevo para o presidente José Eduardo dos Santos.

Simultaneamente os EUA, Zaire, África do Sul e o próprio Savimbi acordaram, durante a visita deste último a Washington, pôr em prática um amplo plano de propaganda contra a república Popular de Angola. Esse plano deverá começar a ser posto em prática já a partir da segunda quinzena deste mês e durante Abril.

Esta acção foi proposta pela África do Sul e actualmente «especialistas» na matéria efectuam numerosos contactos e «demarches» para «sensibilizarem» jornais, revistas e emissoras e, obviamente, alguns jornalistas.

Portugal, Inglaterra, França, Zaire e os próprios EUA são alguns dos países onde a acção destes «especialistas» mais se centrou.

Encontros em Washington

Nesta vasta conspiração contra a RPA vários são os tabuleiros em jogo – mas em todos se movimentam Savimbi e os EUA.

Como o «DL» revelou em Dezembro último «mais de 2000 homens profusamente armados e intensamente treinados estão prontos a invadir o Norte de Angola para tentar derrubar o Governo de Luanda ou obrigá-lo a negociar, esperando apenas «luz verde» da Administração Reagan para entrar em acção».

Esses dois mil homens pertencem a uma organização denominada COMIRA (Comité Militar para a Resistência Angolana) criada em Agosto de 1980 por dirigentes militares da FNLA a trabalhar em ligação estreita com os serviços secretos dos EUA e Pretória. O objectivo fundamental, como o «DL» afirmou, é fazer aparecer no Norte de Angola uma nova organização que substitua a desacreditada FNLA e que passe a actuar em ligação com a Unita de Savimbi, a quem a Administração Reagan pretende transformar no chefe máximo da contra-grevolução angolana unificada.

Ora, na recente visita efectuada por Jonas Savimbi aos EUA, novos elementos vieram a ser conhecidos. Nessa altura Savimbi avistou-se com vários membros do Departamento de Estado norte-americano, entre os quais o secretário de Estado, Alexandre Haig, e o subsecretário de Estado para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, os quais comunicaram ao chefe da Unita as «grandes esperanças» que o presidente Reagan tinha na vitória da Unita na «luta final» contra o Governo do MPLA-PT.

Nesses encontros mais uma vez ficou estabelecido que para conseguir tal objectivo era «absolutamente indispensável» unificar todos os grupos que no Zaire se movimentam contra a RPA e colocá-los sob o comando único da Unita.

Nesses encontros Savimbi foi ainda informado pelo Governo norte-americano dos resultados das negociações entretanto mantidas com Mobutu, que, em troca da duplicação da ajuda militar e do aumento substancial da ajuda económica «yankee», aceitou que a Unita passasse a utilizar o território do Zaire para base dos ataques à RPA.

Quanto à ajuda militar dos EUA ao Zaire – referiram os círculos contactados pelo «DL» – tudo indica que está incluída a ajuda às forças da Unita e dos mercenários que já actuam contra a RPA a partir de território zairota.

Por outro lado há informações que indicam como muito provável que Jonas Savimbi, antes de se ter deslocado aos EUA se encontrou em Kinshasa com Mobutu, o qual também viajou posteriormente até Washington...

Os interesses da RFA

Por fim segundo círculos diplomáticos ocidentais em Kinshasa, o próprio embaixador da RFA nessa cidade reuniu-se recentemente com diversos elementos da FLEC, encabeçados por Celestino Mavungo, para lhes propor ajuda na luta contra a RPA – ajuda que se materializou em algumas armas ligeiras, medicamentos e o pagamento de algumas despesas administrativas que esta organização suporta em Kinshasa. A referida reunião efectuou-se no Hotel Okapi, da capital do Zaire. Anteriormente – sublinharam as nossas fontes – o embaixador da RFA havia tido outros contactos com o presidente de uma das fracções da FLEC, Franque Ranque, mas este utilizou em proveito próprio o dinheiro que lhe foi entregue.

«Estes pequenos pormenores» – realçaram os nossos interlocutores – «demonstram bem a participação da RFA nos planos desestabilizadores contra a RPA e o grande interesse dos alemães federais pela região de Cabinda. Interesse a que não é alheio o plano para desenvolver a OTRAG e as experiências nucleares naquela zona».

Acidente com carro furtado

Dois jovens mortos e dois feridos

Estão ainda por identificar três dos cinco jovens que na madrugada de ontem, se transportavam num automóvel que embateu numa viatura militar em Sacavém, de que resultaria a morte imediata de dois deles enquanto o terceiro se encontra em coma. Dos restantes um saiu ileso e outro com ferimentos ligeiros.

O acidente terá ocorrido pelas 4 horas da madrugada quando os cinco jovens conduzindo o automóvel furtado pouco antes no Campo Pequeno em Lisboa se dirigia para Sacavém, área onde se supõe residirem.

Antes daquela localidade uma patrulha da GNR regulava o trânsito para permitir a manobra de um camião militar carregado de explosivos que saía do forte. Julgando tratar-se de operação «stop», tentaram a inversão indo chocar com outra viatura militar.

Levados de imediato para o Hospital de Santa Maria, constatou-se o óbito de dois deles e a gravidade do outro. Os restantes, Carlos Alberto de Sousa, de 14 anos, condutor da viatura, apresentava ligeiros ferimentos e o António Margarido Dias de 17 anos, nada sofreu.

Até ao momento baldaram-se os nossos esforços junto das autoridades policiais nomeadamente o posto da GNR de Sacavém para apurar a identidade dos três primeiros que é também desconhecida no referido hospital.

O automóvel envolvido no acidente pertence ao Comité para a Rádio e Televisão Soviética, dependente da Embaixada em Lisboa e havia sido furtado nessa madrugada do local onde o correspondente soviético para a rádio e televisão a quem está distribuído o deixara, próximo da sua residência na zona do Campo Pequeno. Trata-se de um «Ford Cortina 2000 E», de cor verde e matrícula AV-15-87, deixado fechado com o respectivo alarme ligado. No interior nada havia para furtar salvo um par de sapatos usados.

E um pouco estranho que os dois jovens detidos pela GNR, o Carlos Alberto e o António Margarido, nao tenham fornecido às autoridades policiais elementos que após 36 horas permitissem a identificação dos companheiros mortos e do que se encontra em estado melindroso.

CRUZEIRO DA PÁSCOA
De LISBOA a LISBOA
A bordo do moderno paquete
"FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.
GIBRALTAR TANGER CASABLANCA
De 5 a 13 de Abril 1982
Preços excepcionais desde 22.900$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 37 13 41
LISBOA - Av. de Roma, 66 B - Tel. 80 36 09
PORTO - Av. Aliados 207 - Te. 317921
COIMBRA - Rua da Sota 2 - Tel. 27011 2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035 6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 310 77 8
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 6 DE MARÇO DE 1982

Estórias de Portugal

NAQUELA pequena saleta, economicamente mobilada, a Senhora Dona não estava, evidentemente, à vontade. Parecia-lhe ver, na velha amiga que a acompanhava, um sorriso irónico, afinal o mesmo com que o senhor de bigode a contemplava do alto do seu retrato pendurado na parede, sorriso aliás idêntico ao da própria imagem da Nossa Senhora da Conceição instalada sobre um altarzinho em cima do aparador.

— Não tenho jeito nenhum para estas coisas... Fazem-me sempre imensa confusão..

— Mas é a primeira vez?...

— Não , filha, que ideia!... Mas, o que é que tu queres? Fico sempre toda a tremer por dentro. Desculpa eu ter-te pedido para me fazeres companhia mas eu sozinha nunca sou capaz de vir.

— Podes estar á vontade que **esta mulher é de toda a confiança,** não vais sentir nada. Foi pena foi teres deixado passar tanto tempo...

— O que é que tu queres, eu nem queria acreditar... Também é preciso ter pouca sorte... Resisti ao homem tanto tempo, feita parva, para acabar por ceder logo numa data crítica.

— Não podias pôr o teu marido a viajar primeiro... E o tipo ao menos é simpático?

— Nem por isso, filha... Tu conhece-lo muito bem... É o Juvenal, aquele rapaz alto, advogado...

— O menina, gabo-te o gosto...

— Foi uma estupidez, uma sensaboria, não prestou para nada, só serviu para isto... Sabes do que eu tenho mais medo?... É da anestesia. E a Senhora Dona ainda ficou à confidência com a amiga do sorriso irónico, afinal o mesmo com que o senhor de bigode a contemplava do alto do seu retrato pendurado na parede, sorriso idêntico ao da própria imagem da Nossa Senhora da Conceição, até que **«a mulher de toda a confiança»** a veio chamar para lá ter de ser... Mas correu tudo muito bem... À noite o senhor Dom nem sequer desconfiou de nada...

Senhor Dom que , enquanto a Senhora Dona se submetia ao teste dos sorrisos irónicos da amiga, do senhor de bigode pendurado no retrato da parede e da própria imagem da Nossa Senhora da Conceição instalada em cima do aparador, conversava ao telefone:

— Lembrei-me de ti, Juvenal, porque sei que já tiveste problemas destes e talvez me pudesses dar a morada de **alguém de confiança**... Claro que já tive sarilhos destes e não foram poucos, mas nunca fiquei com o endereço de nenhuma, tive sempre receio que a minha mulher o descobrisse, por acaso, e depois o que é que eu lhe ia dizer?... Tu não sabes como ela é, nem te passa pela cabeça... Para quem é?... É para uma rapariguita que eu conheci há uns tempos... Coitada, é um bijouzinho mas não tem experiência nenhuma destas coisas e eu tenho de ajudá-la... até porque se não ajudar pode dar um escândalo dos demónios e uma pessoa na minha situação não se pode arriscar a um escândalo, estás a ver que lindo sarilho... Conheces **uma senhora de toda a confiança?** Óptimo... Espera só um instante que eu vou buscar uma caneta para assentar... Olha, Juvenal: a rapariginha diz que vai da parte de quem?

Claro que a Senhora Dona e o Senhor Dom têm uma filha, a meinina Dina que, caso curioso, o mundo é pequeno, naquele mesmo dia, um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo, na companhia de uma velha amiga, tão nova como ela, para evitar dar um desgosto aos pais, lá foi bater à porta de mais **uma senhora de toda a confiança** que faz esse **trabalho** impecável.

Tudo correu bem, correu mesmo muito bem, felizmente, graças a Deus.

E nessa noite, no aconchego do lar, felicidades espelhadas em todos os rostos o Senhor Dom recordava, jovialmente, à Senhora Dona e à menina Dina:

— Não nos podemos esquecer que depois de amanhã temos a manifestação contra a liberalização do aborto!

Francisco Nicholson

No bazar das ideologias

Frédéric Guassen

NO armazém das novidades, a secção das ideologias foi muito bem fornecida nos últimos anos. Lançado pela grande **saison** de Maio-68, nunca mais deixou de maravilhar a clientela com a variedade dos seus produtos e a subtileza das suas embalagens. A produção das ideias novas ignora a crise, isto a julgar pelo ritmo muito vivo com que o mercado é alimentado com regularidade.

Quais foram as últimas a chegar? Como arranjaram um lugar ao sol e obrigaram as mais velhas a ter em conta a sua existência? Estas perguntas foram feitas num colóquio de ciência política sobre as novas ideologias, colóquio esse que se realizou na universidade de Lyon II nos dias 5 e 6 de Fevereiro.

Os organizadores da manifestação não procuraram fazer um levantamento exaustivo, nem um quadro completo de todas as novas ideologias aparecidas nos últimos anos. Limitaram-se a referir algumas mais representativas: o neoliberalismo, a ecologia e o regresso à tera; o esquerdismo libertário, tal como se exprime no jornal **Libération**; a nova direita.

Estas correntes são de natureza e de origem bem diferentes. Algumas delas são construções teóricas produzidas por universitários (o neoliberalismo) ou intelectuais (a nova direita). Outras emanam de movimentos sociais mais espontâneos (a ecologia, o esquerdismo libertário) e dão mais atenção aos modos de vida e à afectividade do que propriamente às ideias. Mas têm em comum — e é nisto que são ideologias — propor modelos globais de interpretação do mundo, integrando todas as dimensões pessoais e colectivas da actividade humana. Vão muitas vezes buscar a disciplinas novas, argumentos que lhes conferem uma marca de modernidade e cientificidade: a economia para o neoliberalismo; as ciências da natureza para a ecologia; a sociobiologia e a genética para a nova direita.

Todos se querem modernos (mesmo que seja para recusar o progresso) e apresentam-se como uma ruptura radical em relação aos pensamentos antigos. Eles têm o sentimento de responder a necessidades novas e a interrogações surgidas na sociedade. De preencher o vazio provocado pela não adaptação ou falência dos sistemas anteriores. Sem se entregar a amálgamas abusivas, podemos encontrar nestas novas ideologias — para além das suas diferenças que são consideráveis — idênticas preocupações.

O traço comum mais impressionante é a vontade de reabilitar o indivíduo em face das abstracções totalizantes. O pensamento neoliberal, quer seja em economia ou em sociologia, coloca o assunto no centro das suas análises. Ele torna-o o verdadeiro actor da história, a unidade irredutível que dá o seu sentido aos movimentos sociais. **Libération** quis reabilitar a subjectividade, a livre expressão do desejo, muito tempo abafadas, nos grupos políticos, pelos constrangimentos da acção militante. A nova direita exalta a figura altaneira do herói moderno, que impõe a sua vontade criadora a uma massa fraca e indiferenciada. Este tema do indivíduo libertado, do dissidente que se ergue face ao Estado, do herói solitário, é retomado de várias maneiras na maior parte dos discursos que expressam a modernidade. Como se o homem devesse ser salvo da empresa desses monstros cegos que são os grandes sistemas político-económicos, que se dispõem a esmagá-lo.

Porque essa apologia do «eu» é acompanhada por uma crítica radical do Estado que é preciso reduzir (pensamento não liberal), ou destruir (ecologia, filosofia libertária). O Estado aliena. Ele acapara os poderes, monopoliza a palavra, desvia os desejos em seu proveito. Tudo o que pode contribuir para o amarrar, para o enfraquecer, deve ser tentado. O Estado está condenado à opressão. Ele só pode ser totalitário.

Em face da uniformização e da concentração desejadas pelos Estados modernos, é necessário opor tudo o que encoraja os contra poderes, as diferenças, as minorias, a responsabilidade dos pequenos grupos de cidadãos. A autogestão e a regionalização reflectem este desejo de desapossar o Estado, de fragmentar os poderes, de descentralizar a autoridade.

O carácter obsessivo destas preocupações comuns às novas ideologias, a sua recusa das clivagens entre esquerda e direita, capitalismo e socialismo, explicam as curiosas aproximações que podem operar-se entre correntes de ideias de inspiração muito dissemelhante. A nova direita não receia atrair a si teóricos aparentemente nos antípodas do seu universo. As campanhas a favor dos direitos do homem e dos dissidentes, reúnem nomes que tudo parecia opor. Os ecologistas embora avançando valentemente pelo terreno político, recusam deixar-se fechar no jogo das alianças eleitorais e só na oposição se sentem em casa. As novas ideologias querem-nas acima das misturas vulgares.

Evidentemente, este esplêndido isolamento é relativo. Mais que não seja porque as correntes de pensamento com dinheiro, preocupadas em não se deixar engolir por estes recém-chegados, fazem todo o possível por os recuperar e por captar a sua influência. Entra assim em acção um jogo subtil de sedução e negociações, que tende a fazer entrar estes jovens insolentes nas velhas casas. Estes esforços têm, em todo o caso, um limite: a abertura às novas ideologias para, quando estas se arriscam a atacar o duro nódulo das correntes tradicionais. Os partidos de esquerda fizeram olhos meigos aos ecologistas e aos autogestionários , mas as concessões param sempre que a autoridade do Estado pode ser posta em causa ou — no caso do P.C. — quando é contestada a prioridade à luta de classes. O giscardismo prestou um ouvido atento à ecologia e à nova direita, mas estes «flirts» tiveram o seu fim quando a direita tradicional tomou consciência de que os seus interesses e o seu monopólio podiam ser prejudicados.

Um dos argumentos frequentemente utilizados na polémica que opõe as «velhas» ideologias às «novas» é negar a estas aquilo que é o seu principal atractivo: a sua própria «novidade». Tenta-se apresentá-las como ressurgimentos de utopias passadistas, de velhas heresias. Podemos assim ver na ecologia uma nova montagem de teses vichystas do regresso à terra, no esquerdismo libertário uma ressurreição do socialismo arcaico ou na nova direita uma metamorfose do maurrassismo. É certo que uma corrente de ideias tem sempre algo de uma tradição, e renova teses esquecidas mas nunca totalmente destruídas.

Reduzir assim os fenómenos ideológicos recentes a simples reminiscências parece, em todo o ceso, um pouco superficial. A renovação de temas antigos através de dados recentes da ciência e da história, faz deles objectos intelectuais radicalmente diferentes, que devem ser tomados em toda a sua complexidade. Por outro lado, o seu próprio sucesso — que não pode ser simplesmente explicado por propaganda ou por simpatia dos **media** – mostra que eles correspondem à expectativa de uma categoria da população. Eles mostram, de facto, a entrada, no palco da história, de novas camadas que não encontram nos sistemas ideológicos já existentes, ferramentas de reflexão que correspondam à sua situação. E, por exemplo, o caso da classe média intelectual (professores, estudantes, trabalhadores sociais...), que fornece o maior número de ecologistas e leitores de **Libération** e que não se identifica com nenhuma das categorias sociais tradicionais. Ao mesmo tempo, uma parte dos quadros que exercem, na sua empresa, tarefas altamente qualificadas, mas que se sentem excluídos do poder, podem ser seduzidos pelo neoliberalismo.

Esta nova burguesia, dinâmica e ascendente, por vezes saída das classes modestas, reconhece-se facilmente nas correntes de ideias que dão grande importância à iniciativa e à expressão individuais, e que condenam uma organização política, social e económica elitista e maltusiana.

O êxito das novas ideologias não é um simples fenómeno de moda. Ele exprime uma realidade social diferente, inquieta. Uma sensibilidade original. Sejam quais forem as proezas do marketing, os gestionários dos bazares sabem muito bem que só os produtos que servem para qualquer coisa é que acabam por se impor.

(Le Monde-Dimanche)

Cinema

● A TERCEIRA GERAÇÃO
de Rainer Werner Fassbinder
(RFA-1979)

O terrorismo na RFA como afloramento da frustração e do tédio. Um filme inquietante, rigorosamente no centro do mais próspero país da Europa.

Cinema Quarteto — sala 3
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
de Karel Reisz
(GB-1981)

Uma actriz fabulosa (Meryl Streep) para um filme de amor e desamor, coragem e cobardia, vida e marasmo.

Karel Reisz, filme a filme, continua a surpreender.

Cinemas S. Jorge 1
(15.15, 18.30 e 21.30 h)
e 7.ª Arte Cinema
(14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 13 anos)

● OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
de Steven Spilberg
(USA-1981)

Há adolescentes que estão a ir ver este filme pela segunda, terceira, quarta vez. Algo que diz bem da sintonia entre Lucas-/Spielberg e o seu imaginário.

Cinemas Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h)
e Berna
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● AS HERDEIRAS
de Márta Mészáros
(Hungria - França-1980)

Márta Mészáros a desiludir. Uma cineasta rigorosa e atenta a assinar um filme decorativo e pouco interessante. Uma vez sem exemplo?

Nicolau Breyner em «A vida é bela!?», um filme medíocre que pode ser o coveiro da nova imagem que o cinema português estava a ter

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(interdido a men. 13 anos)

● VIOLÊNCIA SELVAGEM
de Francis Girod
(França-1978)

O racismo passa por lá, numa denúncia violenta, precisa. Mas o argumento do filme é demasiado inconsistente para que o somatório de **Violência selva-**

Cinema Estúdio
(15.30, 18.30 e 21.30 h; sábados e domingos: 15, 17, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

● VIAGENS ALUCINANTES
de Ken Russell
(USA-1981)

Os efeitos especiais e a história são excelentes. O resto não.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● A VIDA É BELA!?
de Luís Galvão Teles
(Portugal-1980/81)

Pelos trinta dinheiros do sucesso nem tudo é lícito. Não é lícito: 1. Fazer piadas com o mais rasteiro mau-gosto; 2. Filmar sem rei nem roque, enquadrar à balda, montar com os pés (quem diria que a fotografia espapaçada de **A vida é bela!?** traz a mesma assinatura da de **Francisca?**); 3. Insultar os outros realizadores que não descem ao atoleiro (como Oliveira); 4. Colar-se a filmes dignos (como **Kilas, o mau da fita**) na intenção de lhes colher fama e «embalagem»; 5. Pretender que este é o cinema que o povo quer, que o mesmo é dizer que o povo é imbecil e não merece mais.

Galvão Teles pode ser o coveiro da nova imagem que o cinema português estava a ter. Ou seja, este filme além de medíocre pode ser sinistro.

Cinemas Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h)
e Eden
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● TARZAN, O HOMEM MACACO
de John Derek
(USA-1981)

A «boa» Derek pode ser um excelente veículo de publicidade. Mas nunca estará no firmamento das densas do cinema. Alguém pretenderá que ela tem uma réstia do fascínio de Marlène, Marilyn, Ava Gardner, Greta Garbo?

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● PARA ALÉM DO MAL
de Liliana Cavani
(Itália-França-RFA-1977)

Liliana Cavani fila os dentes em Nietzsche. O resultado é repelente.

Cinema Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30 h)
(interdido a men. 18 anos).

AS ESTRELAS

A Terceira Geração ..... ★★★★
A Amante do Tenente Francês ... ★★★★
Os Salteadores da Arca Perdida . ★★★
As Herdeiras ..... ★★
Violência Selvagem ..... ★
Viagens Alucinantes ..... ★
Tarzan, o Homem Macaco ..... ●
Para Além do Mal ..... ●
A Vida é Bela!? ..... ●

A «CHAVE»

— Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

Teatro

A Barraca

● «Fernão, Mentes?»
de Hélder Costa

Uma meditação sobre um período fulcral da história portuguesa. Um grande espectáculo. Indispensável.

Comuna

● «A Viagem»
de Hélder Costa

Uma meditação sobre um período fulcral da história portuguesa. Um grande espectáculo (com um texto inferior). Indispensável.

Laura Alves

● «Ai! A Tola!»
de Pedro Pinheiro e José Jorge Letria

Ai a tóla? Ai a tôla? Ayatollah? Não interessa. O resto também não. Um número de José Manuel Rosado não salva um espectáculo.

Maria Vitória

● «Não há p'ra ninguém!»
de H. Santana, C. Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga

Parece que foi a melhor revista de 1981. Espero que em 82 haja melhor. Vá ver.

Primeiro Acto

(R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A Algés)

● «Doutor Fausto»
de Marlowe

Últimas representações de um espectáculo que merecia mais público. Um grande texto num espectáculo que vale a pena conhecer.

Teatro do Bairro Alto

(fins-de-semana)

● «Memórias de uma Mulher Fatal»
de Augusto Sobral.

Um grande texto e uma grande interpretação de Rogério Vieira. Indispensável.

Teatro na Caixa

(Av. da República, 31)

● «Tio Vânia»
de Tchekhov

Um espectáculo de amadores arranca, ex-aequo, o Prémio de Melhor Espectáculo do Ano. Valerá a pena saber porquê. Indispensável. (Fins-de-semana.)

Teatro da Graça

● «O Rufia na Escada»
de Joe Orton

Um bom trabalho de actor (José Eduardo); um bom cenário (Dalton Salem Asseff); uma boa escolha musical (Hermenegildo Gomes). Há ainda um texto razoável; uma encenação feita com cuidado. Vale a pena, talvez.

Teatro Nacional D. Maria II

● «Gin Game»
de D.L. Coburn

Últimas representações de um espectáculo com Eunice Muñoz. Fabulosa.

● «Strategie pour deux Jambons»
de e por Raymond Cousse.

Dias 2, 3 e 4 de Março. Vamos ver como é.

FORA DE LISBOA
Monte Estoril
Teatro do Picadeiro

● «Onde Vaz, Luiz»
de Jaime Gralheiro

Um dos melhores espectáculos de Avilez e do TEC. Um bom trabalho de João Vasco e de toda a companhia. Um êxito merecido. Indispensável.

Almada

Teatro da Academia Almadense

● «A Excepção e a Regra»
de Brecht

Esta excepção devia ser a regra. Indispensável (Fins-de-semana).

Porto

Sala do TUP

● «No Ventre do Cavalo»
de Henri Lefebvre pelo TUP

Um filósofo metido a dramaturgo. Puff... Um notável objecto cénico, o dispositivo criado por Moncho Rodriguez. Insuficiente.

Sala da Seiva Trupe

● «Longe da Cidade»
de Jean Paul Wenzel

Sem se dar por isso, a Seiva Trupe estreou uma peça de um dos vanguardistas franceses do teatro do quotidiano, com encenação de Correia Alves. Convém estar atento à jogada.

Rebecca: uma magnífica história de amor.

Ciclo Hitchcock

Para além dos mais importantes filmes ingleses de Alfred Hitchcock, esta semana o ciclo Hitchcock vai transferir-se para o Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, o que quer dizer que vamos entrar no seu período americano.

A partir de agora não há filmes menores. Já hoje (dia 5), às 21,30 h., no S. Luiz, lugar para **The thirty-nine steps** (de 1935) e **The secret agent** (de 1936) dois excelentes filmes sobre temática de espionagem. O primeiro tem um dos mais fortes argumentos de Hitchcock (tão forte que suscitou dois **remakes** posteriores), o segundo é um trabalho excepcional de Peter Lorre (saído de **M** de Lang) e um dos finais mais fabulosos da carreira de Hitchock (que, aqui, rejeita o **happy end** e fecha o filme em negro e solidão).

Mas amanhã (dia 6), às 21,30 h., ainda no S. Luiz, está **Sabotage** (de 1936), e **Young and innocent** (de 1937). Se este é, de novo, uma história de falso culpado, interessante **ma non troppo,** já **Sabotage** (que, em Portugal, se chamou **À 1 e 45** e, ainda recentemente — tal como, de resto, outros filmes ingleses de Hitchcock — passou na RTP) se pode dizer que é um dos picos de Hitchcock. A sequência do miúdo que transporta a bomba e, sobretudo, o assassinato final do sabotador, são exemplos do melhor **suspense,** exercícios preciosos de cinema.

No domingo (dia 7), às 21,30 h. é a vez de **The lady vanishes,** uma história inverosímil que a mão de Hitchcock torna real. E na segunda-feira (dia 8), às 18,30 h., fim do período inglês, fim do ciclo no S. Luiz, com **Jamaica inn,** de 1939.

Ainda na segunda-feira (às 22 h.), no Grande Auditório da Gulbenkian, arranque do período americano de Hitchcock com **Rebecca,** um filme que muitos amam e bastantes menosprezam e que eu penso ser uma das mais belas histórias de amor que o cinema já deu. Quatro actores soberbos: Laurence Olivier, Joan Fontaine, Judith Anderson e George Sanders.

Na terça-feira (às 18,30 h.), **Foreign correspondent,** de novo um filme «de espiões», série B, uma produção longe da importância de **Rebecca** (de resto, Óscar para o «melhor filme do ano» em 1946), mas plena de humor, tensão, inventiva.

Quarta-feira (dia 10), às 21,30 h., **Mr. and Mrs. Smith,** um filme que nunca vi, mas cujas referências aguçam a curiosidade: é uma comédia e tem Carole Lombard como protagonista.

Os grandes filmes dos anos 40 chegam a partir de sexta-feira. Lá chegaremos, na próxima semana.

A propósito deste ciclo Hitchcock e já que o interesse por este realizador parece ser grande, entre nós, vale a pena referir um livro que não só é uma fórmula, então nova, como é, provavelmente, um dos mais fascinantes livros de cinema do mundo: «Le cinéma selon Hitchcock», longa entrevista de 361 páginas entre François Truffaut e Alfred Hitchcock. O livro existe na colecção Cinema 2000 da Seghers e vale a pena comprá-lo. É de ler de um fôlego, apaixonadamente.

J.L.R.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Adelaide João

JOÃO, ADELAIDE
— actriz

Maria da Gloria da Silva, de seu nome verdadeiro, nasceu a 27 de Julho de 1927 em Lisboa. Aos catorze anos emprega-se na Philips e nada indicava que se tornaria actriz. É porém no Grupo Cénico da Philips, então dirigido por Gonçalves de Castro (advogado daquela empresa e pai do actor — e advogado da Philips, hoje — Morais e Castro), que começa a fazer teatro, no mais estrito amadorismo. Colabora também noutros grupos amadores mas é na Philips que, nos últimos anos da década de 50, é um dia descoberta por Artur Ramos. Daí nasce o convite para uma peça na televisão («Fim-de-semana em Madrid» de Miguel Barbosa, enc. A. Ramos) e a viragem para uma carreira profissional no teatro.

No princípio da década de 60 começa a ser notada. «O consultório» de Augusto Sobral, enc. A. Ramos (no Nacional), «Castro» de António Ferreira, enc. Paulo Renato (no Teatro da Estufa Fria) e «A rapariga do bar» de Olga Alves Guerra, enc. Couto Viana (no Trindade) fazem com que a Fundação Gulbenkian lhe conceda uma bolsa para estudar em França.

Adelaide João vai para Paris em 1962 e lá ficará quatro anos. Primeiro como bolseira (tira o «Cours Simon», o «Cours de Mimique» de Jacques Lecoq e o «Cours Yves Fouret»), depois trabalhando. Em Paris, Adelaide João multiplica-se: faz teatro («Et jusq'a Bethanie», enc. Raymond Rouleau no Theatre Montparnasse Gaston Baty; «Júlio César» de Shakespeare, no Theatre Sarah Berhardt), é figurante em inúmeros filmes e em trabalhos para televisão (1964 é, para ela, um ano cheio), é «habilleuse» nos Folies Bergères...

Mas Paris é um meio teatral violento e difícil. Adelaide João regressa a Portugal, com experiências e desilusões na mala e no peito. Ingressa no Teatro Estúdio de Lisboa, dirigido por Luzia Maria Martins e Helena Félix. «O pomar das cerejeiras» de Tchekov é a primeira peça onde entra. «A louca de Chaillot» de Giraudoux, a derradeira. Pelo meio alguns anos de trabalho.

Adelaide João em «A culpa»

Depois, o Teatro do Gerifalto (dirigido por Couto Viana), o Teatro da Estufa Fria, o Teatro Maria Matos (onde faz «Tombo no inferno» e «A Relíquia» — 1969/70). Duas épocas no Experimental de Cascais (onde, entre outras, faz «Ivone, princesa de Borgonha» de Gombrowiez e «Camões 72») e regresso ao Maria Matos (para «Português, escritor, 45 anos de idade» de Santareno e «Seara de vento» de Manuel da Fonseca — 1974/75).

Entretanto atravessa os principais grupos independentes: a Comuna, a Cornucópia (onde faz «Casimiro e Carolina», numa substituição), os Bonecreiros (onde faz «Os retratos» sobre a direcção de Artur Ramos), a Barraca, a Casa da Comédia («A Paixão segundo Pier Paolo Pasolini», enc. Filipe la Féria). Ao longo da sua carreira tocou muitas teclas. Trabalhou para Vasco Morgado e fez Duras («Eden-cinema»); a televisão e a rádio chamaram-na muitas vezes. A telenovela em curso de produção conta-a como uma das actrizes. Mas nunca foi cabeça de cartaz.

No cinema começou cedo (em **Dom Roberto**) e é das actrizes que mais tem aparecido nos filmes portugueses da década de 70.

FILMOGRAFIA (em Portugal): **Dom Roberto** de J. Ernesto de Sousa (1961); **Um campista em apuros** de Herlander Peyroteo (1967); **O diabo era outro** de Constantino Esteves (1969); **Deambulações de um mensageiro alado** CM de Edgar Gonçalves Preto (1969); **Pedro só** de Alfredo Tropa (1971); **O recado** de José Fonseca e Costa (1971); **Meus amigos** de A. Cunha Telles (1973); **Lerpar** de Luís Couto (1975); **O princípio da sabedoria** de António de Macedo (1975); **A cama** CM de Sinde Filipe (1975); **Ao menos um hipopótamo** MM de João Roque (1975); **A santa aliança** de Eduardo Geada (1975/77); **Nós por cá todos bem** de Fernando Lopes (1976/77); **Amor de perdição** de Manoel de Oliveira (1976/78); **Antes do adeus** de Rogério Ceitil (1977); **O peixinho vermelho** MM de António Drago (1977); **O príncipe com orelhas de burro** de António de Macedo (1977/78); **Oxalá** de António Pedro Vasconcelos (1977/80); **Verde por fora, vermelho por dentro** de Ricardo Costa (1978/79); **O viajante** MM de António Damião (1978); **Manhã submersa** de Lauro António (1978/79); **Ivone, a faz-tudo** série TV de José Fonseca e Costa (1979); **Retalhos da vida de um médico** série TV de Artur Ramos e Jaime Silva (1979); **A culpa** de António Vitorino d'Almeida (1979); **Zé gato** série TV de Rogério Ceitil (1979/80); **O visconde** MM de Noémia Delgado (1980; **Francisca** de Manoel de Oliveira (1980); **A vida é bela.!?** de Luís Galvão Teles (1980); **O defunto** MM de Noémia Delgado (1980); **O canto da sereia** MM de Noemia Delgado (1981); **A noite de Walpurgis** MM de Noémia Delgado (1981); **A estranha morte do prof. Antena** de Noémia Delgado (1981); **The state of things** de Wim Wenders (1981); **Les trois couronnes du matelot** de Raul Ruix (1981).

Se nenhuma cinematografia existe sem um núcleo sólido de actores secundários, não será devido a Adelaide João que o cinema português actual não cumpre essa condição.

Baronesa (em **O Visconde**), mãe de família (em **Lerpar**), parteira (em **A santa aliança**), governanta (em **Verde por fora, vermelho por dentro**), porteira (em **Oxalá**), encarregada de uma casa de passe (em **A cama**), tia (em **A noite de Walpurgis**) ou prostituta (em **The state of things**), Adelaide João é uma daquelas figuras quase constantes no cinema dos últimos anos, presença sem primeiro plano mas segura.

Não sei se há actriz tão humilde em Portugal. Pequenos papeis, pequenos salários, pequeno relevo nos cartazes, pequena presença na memória do público. E, no entanto, não sei se há filmes em que se possa dizer que ela vai mal, não funciona. Pelo contrário: discreto, mas firme, o seu trabalho é sempre escorreito, a sua presença sempre positiva.

Provavelmente nunca será uma vedeta. Nem só de vedetas vive o cinema, sobretudo em Portugal.

Adelaide João e José Maria Roumier em «Lerpar»

Io Apolloni e Luís Lello numa cena do filme

VIDA É BELA.!? (A)
— longa-metragem
— 16 mm/cor

Realização: Luís Galvão Teles. **Argumento:** L. Galvão Teles com a colaboração de Nicolau Breyner e Amadeu Lopes Sabino, segundo o livro «Hipólito do Ó» de João Verdades. **Fotografia:** Elso Roque. **Cenários e figurinos:** José Costa Reis. **Música:** José Luís Tinoco. **Montagem:** Clara Diaz-Bérrio. **Som:** Carlos Alberto Lopes. **Interpretação:** Nicolau Breyner, Fernanda Borsatti, Henrique Viana, Margarida Carpinteiro, Victor Norte, Lo Apolloni, Luís Lello, Amílcar Botica, Rui Mendes, Josefina Silva, Francisco Pestana, Helena Isabel, Adelaide João, Mário Jacques, António Assunção, João Lagarto, etc. **Produção:** Luís Galvão Teles. **Director de produção:** João Franco. **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo. **Duração:** 107 minutos. **Rodagem:** 1980. **Estreia:** 19 de Fevereiro de 1982 («Apolo 70» e «Eden», Lisboa; «Lido», Amadora; «Gil Vicente», Coimbra).

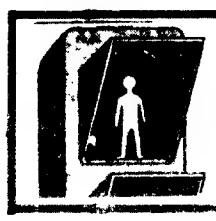
Este filme parte de um equívoco: o de que existiria, em Portugal, uma tradição de comédia no cinema. Supostamente os realizadores portugueses ter-se-iam afastado dessa tradição, logo do público. A receita, a poção de se ser genuinamente português estaria, deste modo, em retomar esse tom de comédia.

Galvão Teles esquece assim que a chamada «comédia portuguesa» dos anos 30/40 estava baseada em algo que já não há: António Silva. E, depois: Vasco Santana, Beatriz Costa, Barroso Lopes...

Além disso, Galvão Teles não conta com as suas limitações: entrega o filme aos actores e anda atrás deles. O cinema cómico é o contrário disso.

A vida è bela.!? explora, por outro lado, o que de mais vulgar e de mau-gosto possa existir no espectador. Aposta no riso a qualquer preço. O resultado é deprimente.

Do esquerdismo confuso mas interessante ao populismo de direita igualmente confuso e nada interessante se tece o caminho de Luís Galvão Teles.


NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

cadernos do terceiro mundo
REVISTA MENSAL
Preço 80$00
CDL a distribuição

António Domingues:

Aquele Gouache de Luanda

— Esta mulher é a minha vizinha do décimo andar — diz António Domingues, pintor, acerca da figura central do seu último quadro, realizado em Luanda no ano passado. — É uma mulher jovem, com seis filhos (elas nunca têm menos, em Angola) e que espera um sétimo, como o quadro mostra. O seu companheiro é funcionário do aeroporto da cidade. Sobre ela recaem dia após dia os principais esforços de manutenção do agregado familiar: abastecimentos, preparação da comida, educação das crianças (e creio que ela ainda não sabe ler...). Vivemos num bloco com cerca de cem apartamentos, onde habitam as mais variadas figuras e personagens. Muitas vezes o elevador não funciona por falta de corrente ou por avaria, e então sobe-se tudo a pé. O que começou por me impressionar nela foram as cargas que sempre transporta. Pintei-a com uma bilha de gás cheia à cabeça como tantas vezes a vejo.

António Domingues faz uma pausa, procurando uma maior intimidade com os seus personagens:

— Claro, esta pintura faz um certo risco visual de uma certa exterioridade. É a realidade «fotográfica» e um pouco mais do que isso. Mas como representar as preocupações mais fundas desta mulher, as contradições que bailam no seu espírito? As coisas tornam-se, aí, mais difíceis: eu precisaria de conhecer mais de perto as suas tradições, os seus anseios, as suas inquietações, que permanecem para mim demasiado vagos. Pintada, torna-se uma figura de ficção. E se pegarmos na poesia de Agostinho Neto ou nos textos de Luandino Vieira adivinharemos talvez a transformação que se está a operar na mentalidade tradicional. Mas para um pintor isso não chega, o mundo interior fica sempre por revelar. Repare-se na menina: não é por acaso que ela vai carregada. De facto ela carrega mais do que o menino, devido à permanência do papel tradicional da mulher na sociedade angolana ainda hoje, durante esta fase de transição. Mas anda na escola e já sabe ler, ao contrário da mãe, quanto ao brinquedo que traz na mão (uma miniatura de fogareiro), é feito de desperdícios de latas de conserva e vende-se nos mercados da cidade. O menino é dois anos mais novo que ela (ela deve ter sete) e fabricou ele próprio o brinquedo que traz consigo: é um carro minuciosamente fabricado — tem inclusive suspensões — e também é feito de latas de conserva. É assim: em Angola, se um menino quer um brinquedo, tem de o fazer. Pintei-o com um livro na mão. No livro está escrito que estudar é um dever revolucionário. E o caso dele não é um caso isolado: embora eu tenha viajado pouco para além de Luanda, sei de fonte segura que qualquer criança em Angola tem consigo um livro como este. Enfim, como se compreende: a vida em Angola não é fácil, nem para o cidadão angolano nem para o cooperante. Mas tem suficiente interesse para, no caso do cooperante, o prender lá para toda a vida, se não fossem as múltiplas solicitações que permanentemente assaltam qualquer um de nós.

Encontramos António Domingues em Lisboa, onde veio pela terceira vez para uma curta estadia desde que, em 1977, partiu para Luanda. Ele tem agora 60 anos, a maior parte dos quais intimamente ligados à pintura, ao desenho, à serigrafia, à ilustração de livros, às artes gráficas em geral. Antes e depois do grupo surrealista — ainda haverá um «cadavre exquis» feito a meias com Vespeira, Fernando Azevedo, Moniz Pereira e António Pedro, — ele é sobretudo um homem do neo-realismo. Com os surrealistas também fez poesia. Os seus versos estão antologiados por Cesariny em «Surrealismo-Abjectionismo» e em outras colectâneas. Mas a pertir de 1948 com o grupo desagregado, é sobretudo o retrato que o ocupa.

«O retrato, mas não por encomenda», como quer que sublinhemos.

Esses retratos e outros trabalhos pudemos vê-los, em pavilhão próprio, na festa do jornal «Avante!» de 1979. António Domingues, comunista, ofereceu parte da sua obra ao seu partido. São muitos anos de trabalho, sobre os mais diversos suportes e com os mais diversos materiais. Mas quando lhe falamos de um balanço, a resposta só vem, e já apontada para os anos de Luanda, depois de um irónico «Sim... o que é que eu fiz?».

— Quando parti para Luanda, em 1977, montámos lá a maior exposição individual que fiz até agora. Eram muito mais de uma centena de trabalhos entre pintura, desenho, serigrafia, artes gráficas, e punha-se o problema do transporte de tudo isso — do **peso** de tudo isso, que acabou por seguir de avião. Essa exposição foi muito visitada, quer por angolanos quer por cooperantes. Metade desses trabalhos estão lá, para serem oferecidos ao MPLA-PT. Outros foram devolvidos aos seus proprietários, ou voltarão comigo. Quando regressar definitivamente, no fim deste ano, talvez estude a possibilidade de voltar a montar uma exposição retrospectiva. Mas eu desejaria que essa exposição tivesse um carácter itinerante, que pudesse ser montada pelo menos em algum lugar da cintura industrial de Lisboa. Até lá, porém, tenho outra em vista, em Luanda, mas sobretudo destinada a mostrar os trabalhos de ilustração e artes gráficas que fiz em Angola durante estes anos. Como sabes, eu parti para lá «desenquadrado», e só depois veio o estatuto de cooperante. De início trabalhei com o então Conselho Necional da Cultura (actual Secretaria de Estado) e depois comecei a trabalhar com o Instituto Nacional do Livro e do Disco, especialmente em ilustração. Essa ocupação marcou-me muito durante estes anos. Quando comecei a pintar o quadro de que começamos a falar, «À OMA com amor», foi uma espécie de desafio que fiz a mim próprio, porque já há bastante tempo que eu não pintava a partir directamente da realidade. Uma coisa é trabalhar — e eu gosto de o fazer — com base

em textos, em histórias, e outra muito diferente é a grande inquietação perante um papel branco sem nada que o apoie: a aventura entre a realidade, o papel e eu. E eu estava a sentir que as pessoas que via nas ruas de Luanda me impeliam para um trabalho como este...

— Que idade tem, em ti, o interesse pelas coisas africanas?

— Muita. Parte tudo do meu sangue angolano e são-tomense, embora as questões do sangue me digam pouco — até nem sei o que isso é. Mas como sabes o meu pai era o escritor são-tomense Mário Domingues e a minha avó — só recentemente o confirmei, em Luanda — era angolana de Malange. Chamava-se Kongola ou Monga e terá sido contratada de Malange para a ilha do Príncipe por volta de 1895. Assim, as referências familiares criavam sempre uma nuvem africana em torno de mim...

Mas depois, na mudança dos anos 40 para os anos 50, veio o sonho de libertação (que só viria a concretizar-se tão mais tarde). Conheci o Agostinho Neto em Lisboa quando ele era estudante de Medicina. Já havia elementos anteriores de ligação entre nós. Girava-se em torno de uma tertúlia de jovens das colónias de que Alda do Espírito Santo era a figura principal. Também conheci então Lúcio Lara. Eles aproximaram-se de mim por causa da minha actuação... Grandes amizades nasceram aí.

Fazíamos trabalhos concretos com vista a que a independência das colónias viesse a ser possível. Lembro-me de conversas dessa altura: «Mas onde está o proletariado angolano»? É que teria de ser ele a base da luta...

— Quando voltares para Lisboa, no fim do ano, estarás a encerrar um capítulo da tua vida?

— Não. Terei, sim, **acrescentado** mais um... Além disso a vida não é uma obra literária e não se divide assim em capítulos. É muito melhor do que isso. Tratou-se para mim, nestes anos, de assistir à consolidação de uma independência por parte de gente que vinha da escravatura. Por cá alimenta-se a ilusão de que os portugueses acabaram com a escravatura no século passado. Nada mais falso. Em Angola, ela só acabou há meia dúzia de anos, com a independência...

— De que te vais ocupar, quando voltares?

— Antes de mais esse regresso não vai ser fácil. Será uma readaptação a uma realidade que se alterou muito nestes anos. O tempo que aqui estou a passar agora permitiu-me confirmar isso. Em especial o custo de vida é alarmantemente superior ao de há ano e meio dois anos e isso vai tornar mais difícil a minha reintegração no meio gráfico, artístico, que é o meu.

Penso trazer de Luanda elementos para poder realizar aqui um trabalho ainda relacionado com Angola.

Além disso tenho outros projectos em vista: gostaria, por exemplo, de fazer uma série de ilustrações para a «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto, que talvez viesse a ser reeditada cá.

Por outro ledo, o meu pai transformou-se repentinamente num importante escritor são-tomense, e eu gostaria de intervir na reedição das suas obras e na edição dos seus inéditos como organizador, gráfico, ilustrador... Penso que há boas perspectivas de divulgação da sua obra nos países de expressão portuguesa. Trata-se, em muitos casos, de textos editados nos anos 20 e totalmente esgotados, como «Anastácio José, primeiro marquês de Santa Clara», e «O preto do Charleston», além de uma vasta obra policial que inclui «O segredo dos índios», «O polícia demónio» e muitos outros textos.

— Há em Angola uma animação, na pintura, comparável à da ficção escrita?

— Não se pode ainda falar de uma escola de pintura angolana... o país está a viver uma realidade de transição para a qual julgo que os pintores angolanos ainda não estão suficientemente preparados. Além disso há a guerra no Sul (há de facto uma guerra, Angola está em guerra), com tudo o que isso acarreta de inquietação permanente, de polarização das atenções em torno da questão militar.

Depois, não existem materiais para se fazer pintura; teriam de ser todos importados, o que pressupõe divisas disponíveis... Mas há um sector que eu gostaria de sublinhar, que é o da gravura. É uma expressão consolidada, e há trabalhos recentes em linóleo e madeira de muito mérito. Daqui envio um grande abraço de gratidão e parabéns aos pintores e gravadores cubanos, que organizaram essa actividade em Angola.

O que de facto se passou comigo é que, quando parti para Luanda em 1977, e depois de um convívio intenso com angolanos e portugueses de lá, eu senti que poderia fazer um trabalho muito útil tendo como temática o africano. Mas há limites para essa possibilidade. Com a minha cultura e a minha experiência, não é fácil penetrar na realidade angolana, e especificamente na de Luanda, pela via artística. Porquê? É que não chegam conhecimentos da natureza do geográfico e do estatístico, é precisa uma grande intimidade com a tradição e os seus saberes, com as pessoas, com os variadíssimos conteúdos do vulcão angolano...

J. M.

Placenta e fetos: negócio da China para a indústria Farmacêutica

DEZENAS de milhares de fetos entram anualmente nos laboratórios americanos. Utilizados para fazer culturas de tecidos, úteis no estudo de doenças hereditárias e formações irregulares de nascença, nem todos acabam nos incineradores das maternidades.

Mais estranha ainda, a insólita «reciclagem» que é realizada em numerosos países. Os laboratórios negam, mas há fortes razões para supor que medicamentos são produzidos a partir dos fetos. Porque não, se é corrente o aproveitamento das placentas nesse sentido?

«As culturas de células são um utensílio de investigação extremamente significativo e largamente empregue», explicava há alguns anos o professor Laurence Karp, da Universidade da Califórnia.

Mas as coisas parece correrem mal: uma escassez de fetos assola a América, embora o número de abortos esteja em crescente aumento.

Os especialistas encontram duas razões para explicar essa situação. Por um lado, a hostilidade do público a esse género de práticas. Por outro, as técnicas de aborto em vigor, que não são de molde a facilitar a resolução dessa penúria.

O processo de sucção ou de raspagem, correntemente utilizados nos Estados Unidos, traduz-se numa destruição irremediável do feto.

Apenas a histerectomia, técnica cirúrgica de aborto pouco empregue naquele continente — tal como em França, por exemplo — permite obter «belos» fetos intactos, cujos órgãos e células se encontram em perfeito estado.

Em 1977, eram vendidos por importâncias entre cinco e seis contos (por unidade), dando ao hospital do distrito de Colúmbia, por exemplo, a bagatela de 68 000 dólares anuais de lucro.

Tendo em conta os elevados preços atingidos, a tentação de operar por histerectomia é grande, quando existem processos bastante mais eficazes e seguros, como o sistema Karman.

É deste modo que a saúde e a liberdade das mulheres americanas se sacrifica às exigências de lucro comercial.

Placenta: o grande filão

Em França, os organismos dependentes do Ministério da Saúde são formais: «Não foi dada qualquer autorização para produção de medicamentos à base de fetos humanos. Não existe sequer legislação específica nesse sentido.»

Os laboratórios assumem com aparente transparência esta responsabilidade. Um jornalista da desaparecida revista francesa «Le Sauvage» efectuou há alguns anos uma investigação nesta matéria, sem encontrar nada de repreensível.

Mas o grande negócio, conforme pôde apurar, é com a placenta.

E, neste domínio, não há sequer segredos: tudo se passa com a maior clareza.

O Instituto Mérieux (controlado pela Rhône-Poulenc), tratava na altura, mensalmente, 140 toneladas de placenta humana: o equivalente ao subproduto de 300 000 nascimentos.

Os fins em vista são o fabrico de produtos farmacêuticos, alguns dos quais indispensáveis.

A albumina é uma componente sanguínea utilizada em casos de acidentes, estados de choque, queimaduras graves ou carências proteicas agudas. Trata-se de um produto de vida longa (dez anos), facilmente armazenável, e que apresenta vantagens em relação ao sangue completo e ao plasma.

A albumina obtida a partir da placenta, apesar de não evidenciar, segundo os especialistas da Merieux, diferenças de vulto, não encontra unanimidade. Com efeito, não está definitivamente provado que possua todas as qualidades da albumina humana, decorrendo ainda estudos comparativos.

Em qualquer dos casos, quer seja obtida a partir da placentas ou do sangue humano, é um produto útil.

O mesmo não parece acontecer com as chamadas gama-globulinas, outro medicamento obtido a partir da mesma matéria-prima.

O dr. Pradal («Guia dos medicamentos de uso mais corrente») considera que «são extremamente caras, e prescritas para além do que seria de bom senso, sem que ninguém tenha podido provar a sua eficácia». Assim, tudo leva a crer que a indústria farmacêutica tenha transformado um «remédio» precioso em fonte de rendimento.

Entretanto, novos investimentos se forjam: a exploração conjugada dos fetos e da placenta.

Vírus da gripe cultivados em células de fetos poderiam ser utilizados concertadamente com substâncias à base de placenta, para produzir vacinas antigripais.

Os laboratórios negam a intenção. Mas poderemos confiar?

A procura de proteínas

Pedro Manuel Scheel Monteiro foi o único português que participou na fase do programa internacional para o estudo do «Krill», uma espécie de camarão de tamanho reduzido — revelou à ANOP o especialista.

Os cientistas procuram activamente esta espécie, muito rica em proteínas, que é típica das águas abaixo do paralelo 50 do oceano sul.

O «Krill» é de tal maneira importante que os especialistas afirmam que a sua captura sistemática e planificada pode resolver em grande parte as carências de proteínas no mundo.

Licenciado pela Universidade do Cabo (África do Sul) e actualmente de férias em Maputo, Pedro Monteiro trabalhou no programa designado por «Biomass», a maior operação conjunta feita até hoje nesta área de investigação.

Na primeira fase da referida operação tomaram parte navios de onze nacionalidades: soviética, americana, polaca, inglesa, francesa, chilena argentina, australiana, japonesa, sul-africana e norueguesa.

Antes da execução da primeira fase do programa, que terminou no ano passado e cujos resultados estão a ser estudados, os americanos avaliavam as reservas de «Krill» em um bilião de toneladas.

Nesta matéria, segundo o especialista português, os soviéticos mantêm que as reservas estão perto de cinco biliões de toneladas.

«O Krill é um animal sensível e em cativeiro não sobrevive pouco mais de algumas semanas. Por isso é difícil estudar o seu comportamento», afirmou Pedro Monteiro.

O especialista português revelou que, durante a operação, a equipa americana descobriu um aglomerado de «Krill» com uma massa total de dez milhões de toneladas.

A descoberta ocorreu numa zona situada a norte do Mar de Wedell, golfo situado na parte antárctica do sul do Atlântico.

Procurar o «Krill» para reservas de proteínas é uma finalidade altruísta, mas não há nisto um certo cinismo. É que só potências como os Estados Unidos, União Soviética e Japão têm meios para grandes capturas», adiantou Pedro Monteiro.

Efectivamente, enquanto os cientistas de muitos países ainda estão debruçados sobre o estudo da espécie e dos meios técnico-económicos, a União Soviética e o Japão já fazem capturas, embora não significativas.

Os cientistas entendem que o equilíbrio da qualidade das águas do oceano sul depende do «Krill», pelo que é muito importante fazer previsões exactas sem danificar o meio.

É curioso apontar que as baleias que frequentam o oceano sul consomem anualmente cerca de dez milhões de toneladas da espécie de camarão a que alguns especialistas chamam o «rei da proteína».

De qualquer forma, isto não justifica de nenhum modo o massacre das baleias no oceano sul. Algumas espécies estão em vias de extinção, mas os soviéticos e japoneses continuam a fazer a sua captura, disse Pedro Monteiro.

O «rei da proteína» é ainda alimento vital para as focas, os pinguins e as lulas, estas ligadas ao ciclo de vida do albatroz, a ave mais importante do oceano sul.

Um dos grandes problemas é conservar o «Krill» para o fazer chegar aos mercados consumidores em boas condições. Assim, a captura desta espécie exige o apoio de navios-fábricas.

Entretanto, uma fonte oficial ligada ao sector das pescas da República Popular de Moçambique afirmou á ANOP que o «Krill» não constitui qualquer concorrência ou alternativa para o camarão pescado nas águas do país.

Efectivamente, a espécie agora procurada activamente para a formação de bons «stocks» de proteína é de tamanho pequeníssimo e a sua captura só é rentável quando incide sobre grandes aglomerados.

Assim, não é difícil prever que os Estados Unidos, União Soviética e Japão têm condições técnicas e económicas, para arrecadarem a parte de leão de uma fonte extraordinária de proteína.

É ainda duvidoso que o consumidor português venha alguma vez a saborear a pasta de «Krill». Talvez mesmo nem Pedro Monteiro, que em breve vai trabalhar em Portugal, antes do doutoramento na Grã-Bretanha.

Fernando Carneiro, Anop

Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

TRANSPORTES ALTERNATIVOS AO CAMINHO DE FERRO

NOS DIAS 1, 3, 5 E 9 DE MARÇO

REGIÃO DE LISBOA

1. — Com o objectivo de minorar os inconveniente para o público motivados pelas greves anunciadas para os dias 1, 3, 5 e 9 de Março, a C. P. estabelecerá um serviço de transporte com autocarros, devidamente identificados, e nos seguintes Eixos:

a. Eixo CASCAIS-LISBOA (Cais do Sodré)

(1) Carreiras Expresso Cascais-Entrecampos e Cascais-Praça do Comércio de acordo com o horário em vigor, eventualmente reforçado.

(2) **Serviços complementares à C. P.** (em autocarros devidamente assinalados)

(a) **Sentido Cascais-Lisboa**

— Partidas de **Cascais** com paragens para entrada no **Estoril** e **S. João**; e para saída em todas as estações de **Algés ao C. do Sodré**

— **Partidas de Cascais** com paragens para entradas e saídas em todas as estações até ao C. do Sodré

— **Partidas de S. Pedro do Estoril** com paragens para entrada na **Parede** e **Carcavelos**; e para saída em todas as estações de **Algés** ao **C. do Sodré**

— **Partidas de Oeiras** com paragens para entrada em **Paço d'Arcos** e **Caxias**; e para saída em todas as estações de **Algés** ao **C. do Sodré**

(b) **Sentido Lisboa-Cascais**

As entradas e saídas serão as inversas das do percurso Cascais-Lisboa

(c) **Locais das Paragens**

Idênticos aos praticados no último serviço de substituição

(d) Os autocarros com paragem em todas as estações estarão assinalados com o distico «Todas as Estações»

(3) Nos periodos de ponta da manhã e da tarde frequências de 10 a 15 m em cada um dos serviços.

Entre as 06.00 e as 23.00, fora das pontas, o serviço será assegurado com frequências reduzidas.

(4) São válidos em todos estes transportes (incluindo os expressos) todos os titulos de transporte válidos na C. P. para estes percursos.

(5) Aconselha-se aos utentes a utilização dos autocarros «Todas as Estações» para se dirigirem para os locais de onde podem dispor de iransporte directo.

(6) Alerta-se para o facto de nos dias anteriores às greves os comboios que chegarem ao destino depois das 00.00 h serem, em principio, suprimidos na origem; recomenda-se pois aos passageiros que se informem previamente junto das estações sobre a sua efectivação.

b. Eixo AZAMBUJA-LISBOA

(1) Partidas da **Azambuja** com paragens no **Carregado, V. Franca de Xira, Alhandra, Alverca** e directo ao Areeiro (via Auto-estrada)

— **Partidas de V. Franca de Xira** com paragens em **Alhandra, Alverca** e directo ao Areeiro (via Auto-estrada).

— **Partidas de Alverca** com paragens em **Póvoa de Sta. Iria, Sacavém** e directo ao Areeiro (via E. N. 10).

— **Partidas da Póvoa de Sta. Iria** com paragem em **Alverca** e directo ao Areeiro (via Auto-estrada).

(2) **Os locais de partida e paragem são os seguintes:**

Na Azambuja a Estação do C. Ferro; no **Carregado** o antigo Posto da PVT; em **V. Franca de Xira** a Estação do C. Ferro; em **Alhandra** junto ao viaduto; em **Alverca** no terminal da R. N. — jardim; na **Póvoa de Sta. Iria** o terminal da R. N. e em **Sacavém** o antigo Posto da PVT.

(3) Nos periodos de ponta da manhã e da tarde frequências de 10 a 15 minutos em cada um dos servicos.

Entre as 06.00 e as 23.00, mas fora dos periodos de ponta, o servico será assegurado com frequências reduzidas.

(4) São válidos em todos estes transportes assinalados «AO SERVIÇO DA C. P.» os titulos de transporte da C. P. com validade para estes percursos.

(5) Os serviços normais da R. N. ao longo deste Eixo serão reforçados e neles (com excepção dos serviços expresso) terão validade as assinaturas para a C. P. em uso nestes percursos.

(6) No dia 7 de Março e embora se não efectue o serviço especifico de substituição serão válidas, nos servicos da R. N., as assinaturas da C. P. para estes itinerários.

c. Eixo SINTRA-LISBOA

(1) **Partidas de Sintra** com paragens no **Algueirão, Mercês, Rio de Mouro, Cacém, Massamá, Queluz** (Palácio) e directo ao Marquês de Pombal.

— Serão efectuados **Desdobramentos** com partidas de **Algueirão, Rio de Mouro, Cacém, Queluz** e **Amadora** durante as horas de ponta e, sempre que possivel, sendo respeitadas as mesmas paragens atrás indicadas no sentido do Marquês de Pombal.

— **Partidas de Queluz** (Quatro Caminhos) com paragem na **Amadora** e directo a Sete-Rios.

— **Partidas da Amadora** e directo a Sete-Rios.

(2) **Os locais de Partida e Paragem são os seguintes:**

Em **Sintra** a Estação do C. Ferro; no **Algueirão** o Restaurante Chaby; nas **Mercês** (Estação do C. Ferro); em **Rio de Mouro** a Estação do C. de Ferro; no **Cacém** junto aos CTT; em **Massamá** o Centro Comercial e na **Amadora** a Estação do C. de Ferro.

(3) Nos periodos de ponta da manhã e da tarde frequências de 10 a 15 minutos em cada um dos serviços.

Entre as 06.00 e as 23.00, mas fora dos periodos de ponta, o servico será assegurado com frequências reduzidas.

(4) São válidos em todos estes transportes assinalados «AO SERVIÇO DA CP» os titulos de transporte da C. P. com validade para estes percursos.

(5) Os serviços normais da R. N. ao longo deste Eixo serão reforçados e neles (com excepção dos serviços Expresso) terão validade as assinaturas para a C. P. em uso nestes percursos.

(6) No dia 7 de Março e embora se não efectue o serviço especifico de substituição serão válidas, nos servicos da R. N., as assinaturas da C. P. para estes itinerários.

d. LIGAÇÕES LISBOA/PORTO/LISBOA

A CP estabelecerá três ligações de substituição, por autocarros, em cada dia, com os seguintes horários de partida simultânea de Lisboa e Porto: 8.30, 14.30 e 20.30.
Os autocarros terão paragem em Coimbra (cidade).

e. Ligações Internacionais: SUD-EXPRESSO (Lisboa/Paris/Lisboa) e LUSITÂNIA (Lisboa/Madrid/Lisboa)

Os passageiros serão encaminhados da fronteira e até à fronteira por autocarros, com os seguintes horários de partida: **SUD-EXPRESSO** — partida do Porto e de Lisboa às 14.00
LUSITANIA — partida de Lisboa às 18.00

Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

COMUNICADO DO CONSELHO DE GERÊNCIA

O Comunicado do SMAQ de 2.3.82 ou «A VERDADE SOBRE AS REMUNERAÇÕES DOS MAQUINISTAS»

1. Afinal quanto ganha um maquinista da CP?

(Números reais que pomos à disposição do Sindicato, dos Órgãos de Comunicação Social e dos outros trabalhadores).

a) Durante o ano de 1981, como já foi afirmado, a remuneração total média mensal por maquinista foi de 37.118$60, assim distribuída:

— Retribuição mensal	17 016$70
— Diuturnidades	1 810$90
— Subsídios 13.º e 14.º mês	3 225$90
— Subsídio de refeição	1 021$90
— Prémio de assiduidade	1 049$60
— Prémio de condução	3 389$40
— Trabalho extraordinário	4 651$80
— Trabalho nocturno	1 428$40
— Abono por deslocação	2 796$50
— Abono por pernoita	243$10
— Outros abonos	483$40

Pela discriminação se verifica que o valor do trabalho extraordinário é apenas de 12,53% da remuneração total.

Esta constatação, conjugada com o facto de o número médio de horas de efectiva condução dos trabalhadores desta carreira ser inferior a 5, demonstra que o esforço despendido para atingir os valores que o CG tem apontado, não é o que o SMAQ vem afirmando.

b) Dos 1581 trabalhadores da carreira de condução, cerca de metade teve uma remuneração média mensal superior à média da carreira. Assim:
A distribuição das remunerações mensais (12 meses) foi, em 1981, a seguinte:

— 28 trabalhadores receberam mais do que 50 contos/mês;
— 156 trabalhadores receberam entre 45 e 50 contos/mês;
— 297 trabalhadores receberam entre 40 e 45 contos/mês;
— 454 trabalhadores receberam entre 35 e 40 contos/mês;
— 380 trabalhadores receberam entre 30 e 35 contos/mês;
— 197 trabalhadores receberam entre 25 e 30 contos/mês;
— 42 trabalhadores receberam entre 20 e 25 contos/mês;
— 27 trabalhadores receberam entre 15 e 20 contos/mês;

Deverá atentar-se no facto de, naturalmente, haver trabalhadores que, por razão de doença, reforma ou outros impedimentos, não trabalharam o ano completo.

2. Qual o aumento proposto pelo CG e como se distribui?

Do aumento de 21% proposto para o ano de 1982, relativamente ao ano de 1981, a remuneração média mensal dos trabalhadores da carreira passaria de 37.118$60 para 44.913$50.

Conforme foi afirmado ao SMAQ, este aumento médio considerava as mesmas condições de trabalho que as verificadas em 1981, e o mesmo número de trabalhadores.

Houve a preocupação de propor maiores aumentos; com incidência na remuneração fixa, apesar de ter reflexos importantes na remuneração variável (horas extraordinárias, por exemplo).

Assim, os aumentos médios em relação a 1981, seriam de:

— na tabela	22,58%;
— nas diuturnidades	28 %;
— no subsídio de refeição	44,7 %;
— no abono por deslocação	8 %;

(Do aumento de 22,58% sobre a tabela, resultaria necessariamente, um aumento igual para as horas extraordinárias, para o trabalho nocturno, horas de viagem, etc., etc.).

* Se este subsídio tivesse sido processado a partir de 1 de Março. 4.3.82

O CONSELHO DE GERÊNCIA

HOMENAGEM AO MARECHAL FRANCISCO DA COSTA GOMES

ALMOÇO CONVÍVIO

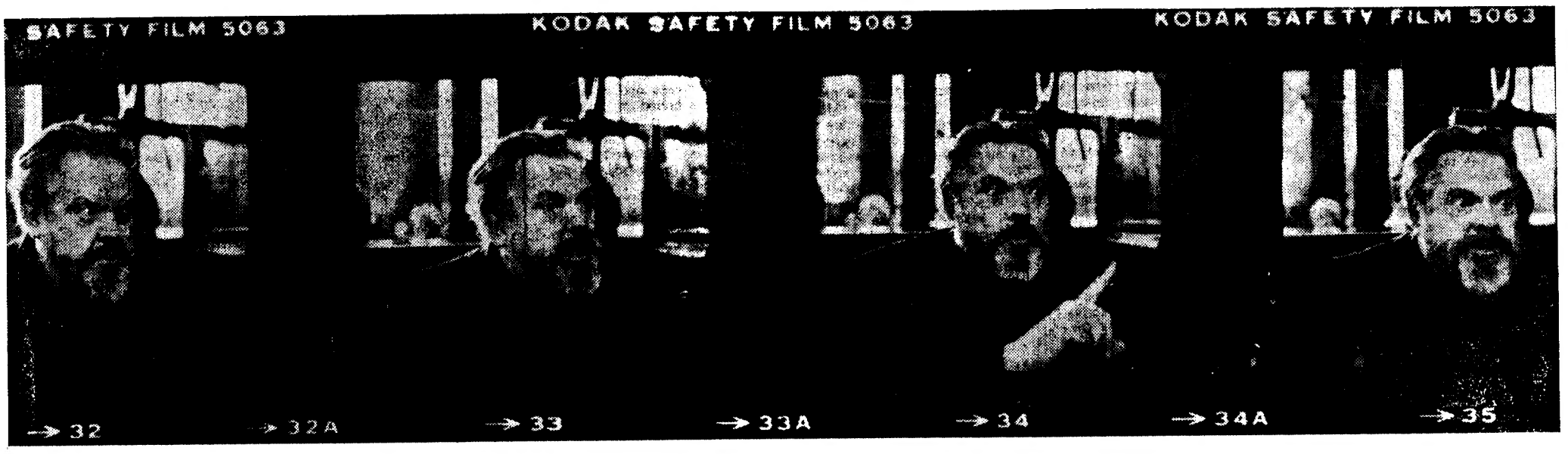
DOMINGO, 7 DE MARÇO DE 1982, ÀS 12.30 HORAS

PAVILHÃO DOS DESPORTOS — LISBOA

ALGUNS LOCAIS DE INSCRIÇÃO:

CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO — RUA ARTILHARIA UM, 105 — TELEFS. 68 41 57 - 68 85 03 - 68 85 69 • ASSOC. PORTUGUESA DE ESCRITORES — RUA DO LORETO, 13 - 3.º — TELEF. 32 04 67 • LIVRARIA PORTUGAL — RUA DO CARMO, 70 • LIVRARIA SÁ DA COSTA — RUA GARRETT, 100 • CASA DO ALENTEJO — RUA PORTAS DE SANTO ANTÃO, 58 • CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA — LARGO TRINDADE COELHO, 21 - 2.º — TELEF. 36 27 92 • SOC. PORTUGUESA DE AUTORES — AV. DUQUE DE LOULÉ, 31 — TELEF. 55 67 13 • ASSOC. DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS — PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA — LARGO DE SÃO DOMINGOS.

Conversa com Orson Welles:



"Levei-os todos ao Kane"

ANTES de receber, no Eliseu, das mãos de François Mitterrand, as insignias de comendador da Legião de Honra, Orson Welles perguntava a si próprio que espécie de discurso iria fazer. «Algumas palavras bastam, pensava, mas que palavras?» Mas no dia 23 de Fevereiro, na altura em que o presidente da República lhe colocava ao pescoço a fita vermelha, saudando **«um daqueles que melhor souberam exprimir o que há de mais profundo na alma humana»**, Orson Welles não disse uma palavra. Os seus olhos mostravam a emoção de uma criança. Na véspera desse dia tinha-mos recebido à sua mesa, num restaurante parisiense. Depois ficou só, para uma conversa com Yvonne Baby.

«Não vou muitas vezes ao cinema. Não sou louco pelo cinema nem pelo teatro. Gosto de fazer cinema mas sempre que vejo no écran uma imagem forte, expressiva, guardo-a aqui, dentro da cabeça, e sinto-me diminuido: e se estas imagens reduzissem a minha habilidade de ser original, e se os meus filmes se tornassem, por sua vez, homenagens? Todos gostaríamos de ser Adão e de nomear, um por um, os animais da criação. Simplesmente, aqui está, os animais já têm nome. Talvez eu fosse menos arrogante se o cinema tivesse aparecido mais cedo na minha vida.

Eu era músico. Minha mãe, um pianista profissional. Tinha nove anos quando ela morreu. Paro então com a música e começo a pintar. Sabe, eu era um *wunderking* (uma criança maravilhosa). Toda a gente me dizia isso e eu não duvidava. A dúvida, a verdadeira dúvida, é hoje que existe, nestes dias de celebração. Eu era pois essa criança que sonhava ser presidente dos Estados Unidos e se sentia fascinada pelas artes. Adolescente, estudei pintura com profissionais que, naturalmente, me acharam maravilhoso. O meu pai morreu tinha eu quinze anos.

A minha infância foi muito feliz. Os meus pais amavam-me como os pais amam os filhos. O meu pai era rico, reaccionário, «bon vivant» e gastava tudo aquilo que ganhava. A família da minha mãe tinha ficado arruinada. Ela era esquerdista. Tinha sete anos quando eles se divorciaram e perguntei sempre a mim próprio por que se teriam casado. O seu divórcio foi uma bênção, porque os meus pais eram ambos muito gentis comigo.

O burro e a carroça

Aos quinze anos obtive uma bolsa para a Universidade de Harvard, mas ir para Harvard era ir para a prisão. Assim, parti para a Irlanda e resolvi pintar durante o Verão.

Na Irlanda comprei um burro e uma carroça onde meti todo o meu material de pintura. Dormia debaixo da carroça e, se chovia muito, pedia abrigo aos camponeses. Oferecia-lhes os meus quadros em troca de uma cama de um pequeno-almoço *(bed and breakfast)*. A Irlanda está cheia de paisagens e de figuras pintadas por mim, não de bons quadros infelizmente.

Passou o Verão e fui a Dublin. Vendi o burro e a carroça e senti o terrível fantasma de Harvard, essa Universidade tão distinta, tão famosa — na altura podia ter-me encontrado John Kennedy, que acabava de lá dar entrada. Dublin agrada-me e, como ainda tenho um pouco de dinheiro, por que não hei-de ir ao teatro? No palco, por entre a multidão dos actores, reparo num estudante que eu conhecera durante as minhas deambulações pela Irlanda. Procuro-o, depois do espectáculo, e quando ele me apresenta ao director, digo: *«Sou Orson Welles, a grande vedeta do* Theater Guid de Nova Iorque. *Gostava de ficar algumas semanas em Dublin.»*

Só tenho dezasseis anos mas esforço-me por parecer vinte e cinco. Fumo charuto, uso um enorme chapéu preto e falo em voz profunda. Acredita em mim por falta de informação — que americano, a não ser eu, sonharia fazer carreira na Irlanda? — e contratam-me para o *Judeu Süss*, a peça que está a ser montada. Não interpreto o Judeu Süss, mas o duque, que tem o melhor papel. Este duque é jovem, depois velho, viola as mulheres, faz tudo o que é possível, é um papel completo, um papel de ópera. Comecei como star, tive um enorme êxito, tornei-me na realidade uma star. Interpreto Shakespeare, toda a espécie de papéis, fala-se de mim na Irlanda, na Inglaterra, no *London Times*, no *New York Times*. Desejo representar em Inglaterra mas uma lei impede os artistas estrangeiros de o fazer. Volto então aos Estados Unidos.

Os vadous de «Macbeth»

Em Nova Iorque encontro trabalho no *Pop Magazine* onde também trabalhava Raymond Chandler e Dashiel Hammett, e escrevo com uma amiga. Conto pequenas aventuras, coisas assim, o que calha. Sou um escritor. Ao mesmo tempo redijo textos para manuais escolares e viajo. Pela Costa do Marfim, por Marrocos onde me torno amigo do Glaoui, mas isso é uma longa história. Duas ou três vezes por mês escrevo para o *Pop Magazine*, e, como para nós a vida na Europa é barata, vou a Sevilha onde me instalo num apartamento em pleno bairro cigano. Tenho carro, uma criada, vivo como um príncipe, sou o Americano rico. E torno-me um amador de touros.

Não era Hemingway, não tinha ideias românticas sobre as corridas nem sobre os toureiros. Estava ali e pronto. Era o paraíso, comprei mesmo touros. Passei tardes muito agradáveis. Depois chegou o tempo de regressar à América, onde tinha que me ocupar dos meus manuais escolares. Chegara a Espanha na altura da abdicação do rei e deixei-a poucos meses antes da guerra civil. Se não me tivesse ido embora teria decerto combatido ao lado dos Republicanos e teria sido morto.

Eis-me de novo em Nova Iorque e um dia, num cocktail, um homem pergunta-me: *«Você é actor?» «Não, sou escritor»*, respondo. Ele insiste e diz-me: *«Julguei que era actor, que era o Orson Welles.»* Este homem era o escritor Thorton Wilder. Diz-me que Katherine Cornell me procura para me dar um papel em *Romeu e Julieta*. Recomeça então a minha vida de teatro, faço tournées em toda a América, descubro-me actor. Finda a vagabundagem, eis-me um profissional.

Vem a depressão. Roosevelt funda o *W.P.A. Theater* — graças ao qual abrem salas por toda a parte — e foi a única altura em que a América teve um teatro nacional. Dirijo duas dessas salas — uma na Broadway, outra em Harlem — monto o *Fausto*, o *Chapéu de palha de Itália*, uma quantidade de peças. Em Harlem apresentei o *Macbeth*. A acção decorreria no Haiti, e as feiticeiras eram *vaudou* (mandei vir de África vinte verdadeiras *Vaudou*). Este *Macbeth* foi o maior êxito da minha vida. Depois das chamadas ao palco não se baixava o pano, e o público invadia a cena.

Na Broadway montei *The Cradle Will Rock*, *«a labour opera»*. Por motivos políticos (a peça defendia os sindicatos) a polícia fechou as portas do teatro na noite da estreia. Logo encontrei outro teatro nessa mesma noite, e os espectadores foram todos atrás de nós para essa outra sala. Era uma noite de Primavera. Depois a União dos Artistas quis impedir os actores de representar.

Novos espectáculos se lhe seguiram, e novos êxitos. Continuámos durante dois anos. Hollywood fazia-me ofertas que não me interessavam, que eu punha de parte. Depois, Hollywood também me disse: *«Você é maravilhoso. Faça o que quiser.»* Então peguei nos meus actores e levei-os para *Kane*. Todos os intérpretes de *Kane* vêm do teatro. Queria rostos desconhecidos no filme. E depois, e depois é a triste cronologia da minha vida no cinema. A minha vida aventurosa é o teatro.

Raimu, o melhor

Como sabe não gosto de falar dos meus filmes. Os Franceses divertem-me, eles são capazes de comentar o seu trabalho indefinidamente. Entre nós isso é um vício, entre vocês uma forma de arte. Se me perguntarem *«Porque passaram eles por aquela porta?»* ou *«Aquela porta não evocará do* Processo?» as minhas respostas são sempre banais.

Há dois anos que trabalhar é mais simples para mim. «Eles» pensam que eu estou domado só porque já tenho uma certa idade. Eu espero que «eles» se enganem. Mas onde está a coragem quando se fala fora da jaula? Esperemos pela altura de estar lá dentro.

Fazer filmes? Não há nada mais fácil. Quem faz filmes são os actores. Veja Raimu, haverá algum cineasta melhor do que ele? Fazer um grande filme? Isso sim, é duro, e temos que nos bater com tudo o que nos é dado e nos cai nas mãos. O cinema é a arte profissional da nossa época. No entanto, é mais difícil fazer um bom romance, um bom quadro. Um grande filme? Sim, leva tempo, muito temop. E é também quando, de repente, o cinema tem algo a ver com Deus.»

Yvonne Baby

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mafra, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5785, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de uma modificação da linha a 10 kv n.º 1273, com a montagem dum troço misto com 9227 m, parte aérea com 7827 m e parte subterrânea com 1400 m, entre o PST n.º 2950 e o PST n.º 3167 e passando a ser seccionada nos PST n.º 2930, 2932, 2909, 2970 e no PS 4914 na Ericeira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Fevereiro de 1982

O Engenheiro director,

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

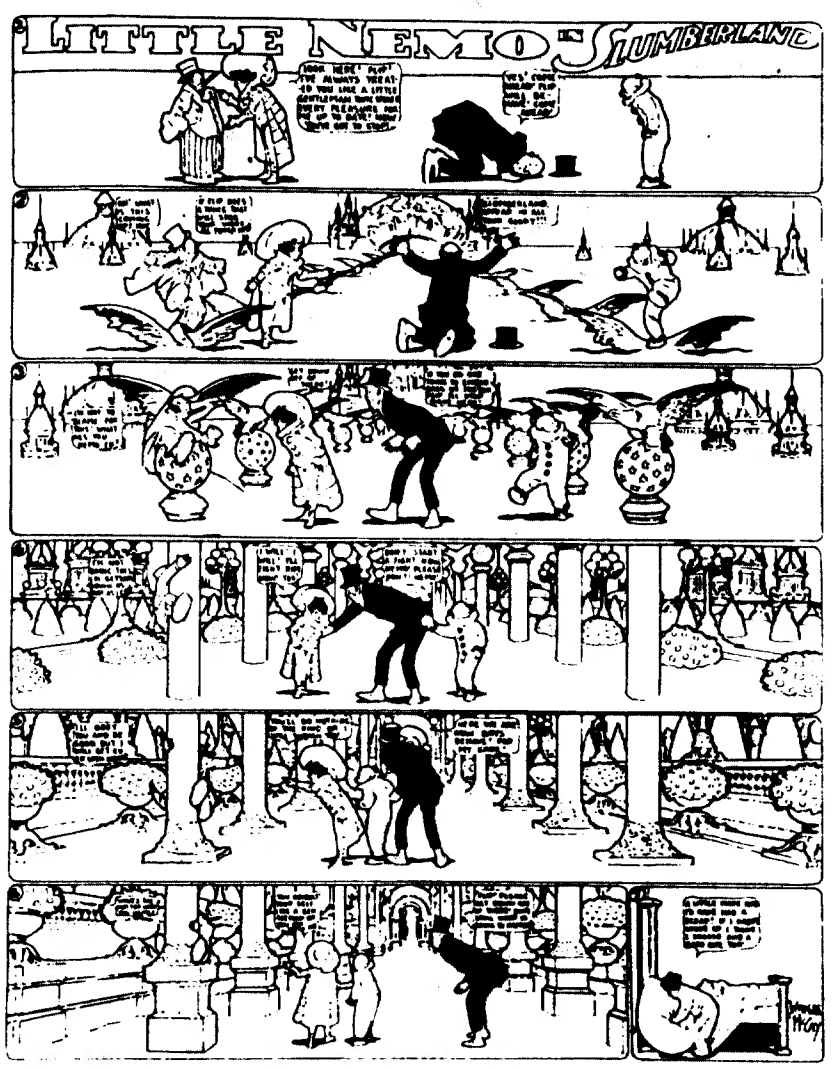
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Cascais, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º 1/5831, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Cascais, de uma linha mista a 10 KV, n.º 1749/R-1 com 586 m, parte aérea com 561 em parte subterrânea com 25 m, do poste n.º 18 da linha n.º 1749 ao PT n.º 1647, me Malveira da Serra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 22 de Fevereiro de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Larcher Nunes



Little Nemo in Slumberland

VIVEM-SE os tempos «heróicos» dos quadradinhos, no começo deste século, quando «Little Nemo in Slumberland» surge.

A data: 15 de Outubro de 1905. O autor Winsor McCay.

Pode-se afirmar que se trata de uma criação de plena maturidade do artista, depois de «Little Sammy Sneeze» E «Dreams of the Rarebit Fiend», ambas de 1904.

Com efeito, o carácter onírico da obra, o completo tratamento arquitectónico, marcado por enquadramentos e angulações muito arrojadas para a época, e enriquecida pelo sumptuoso decorativismo de cada quadradinho, conferem a «Little Nemo» um lugar cimeiro na história da banda desenhada.

Cada prancha dominical narra um sonho — é disso que se trata, sonhos — de uma criança, que despertará invariavelmente no derradeiro quadradinho.

Estas evasões feéricas têm muito a ver com o mundo do circo, a que McCay esteve ligado. Mas constituem igualmente uma «concessão» aos leitores dominantes do «Herald», situados entre os estractos da grande burguesia americana. Contudo, isto não significa liminarmente que o artista assuma um compromisso de sinal ideologicamente conservador, ao aceitar o tratamento de temas gratos ao citado público.

Pelo contrário, evidencia um franco desenvolvimento das suas próprias tendências vanguardistas a partir das possibilidades oferecidas pelo irreal e pela imaginação.

É certo que ao entroncar o seu estilo gráfico na «Art Nouveau», Winsor McCay não deixava de satisfazer os gostos estéticos de carácter aristocrático. Mais ainda: a montagem das páginas e o singular uso das cores, reproduzidas com o preciosismo característico da época, conferiam às pranchas dominicais uma unidade pictórica extremamente atractiva.

«Little Nemo in Slumberland», cronologicamente falando, constitui no período de 1905 a 1911, a primeira obra-prima dos «comics».

Todos os valores da banda se concentram no tratamento gráfico do artista, a partir de uma constante busca de recursos linguísticos e expressivos.

Por outro lado, as aventuras-sonhos do pequeno Nemo apresentam-se como pioneiros dos quadradinhos de ficção fantástica.

Ainda hoje, os historiadores e entusiastas encontram na série um rico manancial para o estudo dos simbolismos plásticos que inundam a obra e estabelecem incontestáveis pontos de contacto com os Estados Unidos anteriores à Primeira Guerra Mundial.

Em 3 de Abril de 1911, autor e herói entram na órbita de Hearts, dando origem a um completo pleito judicial. No entanto, ao conservar os direitos da série, o «Herald» pôde voltar a publicá-la durante o período de 1924-27, aparecendo McCay a assiná-la.

Globalmente, não parece que «Little Nemo in Slumberland» possa ser entendida na perspectiva de uma expressa submissão aos consumidores eminentemente burgueses do jornal.

Basta, de resto, observar a jocosidade de muitas das sequências e um bom número de diálogos para o confirmar. Mais ainda, as ilustrações de sátira política de McCay conferem à sua obra capital no domínio dos quadradinhos, criada com uma minúcia muito superior à revelada por outras obras, significados muito sugestivos quanto à sua consciência das realidades envolventes.

A estandardização criativa dos anos 20 iria desferir um golpe decisivo na existência dos «artistas totais». Começava a era dos estúdios, fabulosas máquinas de fazer quadradinhos, onde Winsor McCay não mais poderia afirmar a sua profunda originalidade.

Carlos Pessoa

O Filme Internacional de Roterdão

Quando a exceção se torna regra

Louis Marcorelles

A mais importante manifestação cinematográfica do ano na Europa — o festival de Roterdão — chamado na verdade o Filme Internacional — arrasta atrás de si, há dez anos, uma reputação de fama. Da maneira mais descontraída mas com extremo rigor na escolha das obras, Filme Internacional sabe antes de todos os outros, dar luz verde a tudo o que de alguma maneira, se inscreve sob o título de «avant-garde», de marginalidade.

Os autores da casa chamam-se Rohmer e Rivette, Jean-Marie Straub, Raul Ruiz, e também André Tarkovski, do qual vimos aqui em estreia mundial «Le Miroir» e «Stalker». Este ano, pela primeira vez, com um certo brilho — vimo-los em Paris de relance em 1973 — os dois cineastas indianos de maior impacto na Índia, Mani Kaul e Kumar Shahani, estarão presentes com as suas produções: quatro títulos para Kaul, um para Shahni.

Aprendendo com a Holanda

O orçamento, segundo Hubert Bais, o director de Filme Internacional, é de 1 250 000 francos, um milhão vem através do Estado e dos bilhetes de entrada; é preciso ainda arranjar 250 000 francos. Para convencer o Governo a colaborar mais activamente foi feito um convite ao sr. Jack Lang, o ministro da Cultura francês, para vir falar sobre o caso Bredin, traduzido para holandês para esta ocasião. Foi Francis Beck, conselheiro técnico do ministro, quem se deslocou. Perguntamo-nos se não seremos nós, franceses, quem tem de aprender alguma coisa com a Holanda.

Sob o nome de Filme Internacional, esconde-se uma estrutura tripla: uma casa de distribuição, uma cadeia de salas, e o festival propriamente dito. As salas são em Roterdão, Amesterdão, Utrecht: salas municipais, em que o pessoal é pago pelas próprias cidades, e que equilibram as contas sem grande lucro. Monica Telegaar, braço direito de Hubert Bals, fala-nos da situação na pátria de Joris Ivens: uma cinemateca em Amesterdão, preocupada principalmente com a conservação dos clássicos, uma distribuição comercial monopolizada pelos directores de salas, comerciantes em primeiro lugar, que não correm riscos: «O seu fito», explica Mónica Telegaar, «é mostrar o mínimo de filmes no máximo de salas, e deixá-los no cartaz o máximo de tempo. Somos os primeiros em número de filmes e não em negócio. E será sempre assim. Filme Internacional é um motivo de prestígio, e ao mesmo tempo de ajuda concreta aos criadores».

Filme Internacional transpôs uma nova fase, produzindo um filme, «Le Toit de la Baleine», o último de Raul Ruiz, o cineasta chileno no exílio, que o INA (Instituto Nacional de Audiovisual) tornou famoso com «La Vocation Suspandue» e «L' Hipotése du Tableau Volé», ambos inspirados em Pierre Klossowski. Em fins de 1981, no encontro de «L'Art et Essai» em Estrasburgo, vimos em estreia mundial, «The Territory» obra produzida em língua inglesa (e rodada em Portugal com um orçamento insignificante) de Pierre Cottrell pela França e Roger Corman pelos Estados Unidos. Raul Ruiz, que no «L'Hipotése du Tableau Volé» rendia uma visível homenagem à fotografia de Henri Alekan em «La Belle et la Bête», tinha mobilizado o próprio Henri Alekan, mestre, como sempre, em jogos de luz.

Henri Alekan deslocou-se desta vez a Roterdão para, em menos de quinze dias, filmar um 35 mm a cores «Le Toit de la Baleine». Monica Telegaar dirigiu a produção: «Foi uma experiência única, aprendi tudo e passei a ver o cinema de outra forma. Raul Ruiz não tinha um guião formal à partida, tudo estava dentro da sua cabeça. Alekan fascinou-me pela maneira de pôr ou tirar a luz. Não via nada, julguei o resultado».

Na sua apresentação ao público de Roterdão Raul Ruiz definiu «Toit de la Baleine» como «um filme pessoal, porque trata das minhas recordações... (as recordações) de alguém que nasceu na América Latina». Um amável lunar, um antropólogo francês casado com uma holandesa, encontra um milionário chileno que o convida para a sua propriedade na Patagónia. Todos os índios foram chacinados com excepção de dois que João, o antropólogo escuta com emoção. Raul Ruiz vai introduzir-se numa situação extremamente delicada que lhe permite recordar, em

simples piscadelas de olho, a herança colonial da Europa e entregar-se loucamente a todos os jogos de luz e de imagem concebíveis. Regresso às origens, à vanguarda dos anos vinte em França: através deste jogo de escondidas do cinema com ele próprio, é um pouco da cultura do Ocidente, as suas pretensões a dominar o mundo inteiro, que o cineasta acaba por pôr em evidência.

A projecção de antigos filmes chilenos de Ruiz pouco conhecidos, como «Colónia Penitenciária» — 1971 — e «Realismo Socialista» — 1973 — mesmo que não víssemos mais do que uma hora do último — confirmam o estatuto de iconoclasta do artista, militante da Unidade Popular: ele roda horas de bandas vídeo nas «poblaciones», dá testemunho do labor do povo, ao mesmo tempo que vê a realidade política a desfazer-se. Raul Ruiz é implacável no «Realismo Socialista» para uma «frente poética» — sic — de intelctuais de opereta completamente desligados da realidade.

Straub, Dwoskin, Shahani

«Trop tôt, trop tard» é talvez o mais coerente, ideológico e plasticamente, dos filmes realizados por Jean-Marie Straub e Danielle Huillet: o mais ambicioso, o mais realizado, o mais simples e o mais complexo simultaneamente. A técnica narrativa consiste num relato em duas partes onde se vê um pouco da história das revoluções. Uma curta meia hora incansavelmente à roda da Bastilha enquanto Engels fala da revolução francesa; depois o corpo do filme, o Egipto, em planos fixos, intermináveis, o campo, uma espécie de fábrica numa cidade. Conjugando a herança dos irmãos Lumière com as pesquisas de Michael Snow, inspirando-se numa espécie de ascese poética à Dreyer, Jean-Marie Straub reduziu na aparência o cinema à sua expressão mais simples, apenas para atingir o essencial. Nunca a provocação tinha sido levada a este ponto. Nunca o sentido tinha aparecido tão claro.

«Maia Darpan» de Kumar Shahani — Índia — é de 1972: é uma obra de uma grande beleza, tão pouco miserabilística como convém, marxista à evidência, com uma certa elevação, o amor das formas, das cores, a atenção à passagem do tempo, à necessária mudança. Uma jovem indiana, filha de um alto funcionário aposentado, vai-se enregelando num universo morto. A mudança chega imperceptível, um dia a ruptura. Formado em França junto de Robert Bresson, Kumar Shahani não copia ninguém, trabalha a cor, capta o espaço, faz sentir o peso dos objectos, dos tecidos, da luz. Esta obra única no cinema indiano, continua isolada, o seu autor não pôde ainda terminar o seu novo filme «Tarang» — 1979.

«Outside In» de Stephen Doskin era o filme mais directamente sedutor, sensual do Filme Internacional. Stephen Dwoskin, esse americano fixado em Londres onde ensina no Royal College of Art, cria uma relação particular com o objecto cinema. Atingido pela poliomielite, obrigado a deslocar-se com muletas, Stephen Dwoskin parece existir apenas em função da câmara, que lhe permite libertar os seus fantasmas mais secretos. Um cortejo de criaturas, cada uma mais encantadora do que as outras, projecta-se no espaço, o artista tão depressa a troçar duramente de si próprio, da sua impotência, tão depressa a deixar transbordar a ternura, a sensualidade. Ele vira as costas à piedade e oferece ao espectador uma confissão imaginária.

Resultado de meses de trabalho, prodigiosa afirmação da força de criação do indivíduo, «Outside In» leva um degrau mais acima, ao mais íntimo do ser, às paixões humanas, esta busca da verdade que anima, para além das formas estabelecidas, um Ruiz e um Straub.